



RESOLUÇÃO Nº 12/REIT - CEPEX/IFRO, DE 20 DE ABRIL DE 2017

Dispõe sobre a aprovação do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Vilhena.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA, no uso de suas atribuições legais, em conformidade com o disposto no Estatuto e, considerando o Processo nº 23243.006544/2016-01, considerando a Resolução nº 20/CONSUP/IFRO/2017, considerando ainda a aprovação unânime do Cepex na 7ª Reunião Ordinária, em 13/03/2017;

RESOLVE:

Art. 1º APROVAR o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO – Campus Vilhena, anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data.

UBERLANDO TIBURTINO LEITE

Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.



Documento assinado eletronicamente por **Uberlando Tiburtino Leite, Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão**, em 20/04/2017, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com o emprego de certificado digital emitido no âmbito da ICP-Brasil, com fundamento no art. 6º, caput, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).
Nº de Série do Certificado: 1236941



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0007047** e o código CRC **A4EA1F1D**.

ANEXO I À RESOLUÇÃO Nº 12, DE 20 DE ABRIL DE 2017

PPC BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO, CAMPUS VILHENA - LINK - 0007045



PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CAMPUS VILHENA

Aprovado pela Resolução nº 12/CEPEX/IFRO/2017

Vilhena/RO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
Reitoria – Telefone: (69) 2182-9601
Av. 7 de Setembro, nº 2090 – Nossa Senhora das Graças – CEP: 76.804-124 – Porto Velho/RO
E-mail: reitoria@ifro.edu.br / Site: www.ifro.edu.br

Sumário

LISTA DE QUADROS	7
LISTA DE IMAGENS	8
APRESENTAÇÃO.....	9
I. DADOS PRELIMINARES DO CURSO E DA IES.....	11
1 Dos Dados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Reitoria)	11
2. Dos Dirigentes ligados a Reitoria:.....	11
3. Dos Dados da Unidade de Ensino – <i>Campus</i>	11
4. Dos Dados dos Dirigentes da Unidade de Ensino – <i>Campus</i>	11
5. Dos Dados Gerais do Curso a Ser Implantado	11
II. CONTEXTUALIZAÇÃO DO IFRO.....	12
1. DADOS INSTITUCIONAIS.....	12
1.1 Breve Histórico do IFRO.....	12
1.2 Breve Histórico do <i>Campus</i>	13
1.3 Missão, Visão e Valores do IFRO	14
1.3.1 Missão	14
1.3.2 Visão.....	15
1.3.3 Valores	15
1.4 Dados Socioeconômicos da Região	15
1.4.1 História do Município	15
1.4.2 Perfil Socioeconômico:	17
DIMENSÃO 1 - ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO.....	19
1.1. DO CONTEXTO EDUCACIONAL	19
1.1.1. Dos Dados e Pirâmide Populacional	19
1.1.2. População do Ensino Médio Regional	20
1.1.3. Quantidade de Vagas Ofertadas na Educação Superior da Região	22
1.1.4. Taxas Bruta e Líquida de Matriculados na Educação Superior	23
1.1.5. Demanda pelo Curso	24
1.1.6. Da Justificativa do Curso	29
	2

1.1.7. Formas de Acesso ao Curso.....	31
1.2 Das Políticas Institucionais Constantes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) no Âmbito do Curso.....	31
1.2.1. A Inter-relação entre o Ensino a Pesquisa e a Extensão	31
1.2.2. Políticas de Ensino	32
1.2.3. Políticas de Pesquisa	33
1.2.4. Políticas de Extensão.....	34
1.2.5. Ações para o Desenvolvimento do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.....	34
1.3. Dos Objetivos do Curso	35
1.3.1. Objetivo Geral do Curso	35
1.3.2. Objetivos Específicos do Curso	36
1.4. Do Perfil do Egresso: Competências e Habilidades	36
1.4.1. Do Perfil do Egresso	36
1.4.2. Das Competências e Habilidades do Egresso	36
1.4.4. Do Mercado de Trabalho.....	38
1.5. Da Estrutura Curricular.....	40
1.6. Dos Conteúdos Curriculares do Curso.....	42
1.6.1. Da Especificação dos Componentes Curriculares.....	42
1.6.2 Da Coerência dos Conteúdos Curriculares com o Perfil Desejado do Egresso	43
1.6.3 Da Coerência dos Conteúdos Curriculares Face às Diretrizes Curriculares Nacionais	43
1.6.4 Da Matriz Curricular do Curso.....	44
1.6.5 Dos Pré-requisitos	47
1.6.6 Do Ementário	50
1.6.7 Disciplinas Optativas.....	105
1.7. Da Metodologia	109
1.7.1. Concepção do Curso e Abordagens Pedagógicas	110
1.8. Estágio Curricular Supervisionado	112
1.9. Atividades Complementares	114
1.10. Trabalho de Conclusão de Curso	117

1.11. Atividades de Extensão.....	118
1.12. Apoio ao Discente.....	120
1.12. Avaliação do Curso e Ações Decorrentes do Processo Avaliativo do Curso	120
1.12.1. Atendimento Extraclasse.....	122
1.12.2. Atendimento Psicopedagógico.....	123
1.12.3. Estratégias de Nivelamento	123
1.12.4. Estratégias de Interdisciplinaridade	124
1.12.5. Estímulos às Atividades Acadêmicas.....	126
1.13. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo ensino-aprendizagem	126
1.14. Avaliação do Processo de Ensino-aprendizagem do Curso.....	128
1.15. Estratégias de Desenvolvimento de Atividades Não Presenciais ou Semipresenciais	129
DIMENSÃO 2 - CORPO DOCENTE.....	130
2.1. Do Núcleo Docente Estruturante	130
2.1.1. Composição do Núcleo Docente Estruturante	131
2.2. Do Coordenador do Curso	131
2.2.1. Identificação do Coordenador do Curso.....	132
2.2.2. Titulação e Formação do Coordenador do Curso.....	132
2.3. Experiência Profissional de Magistério Superior e de Gestão do Coordenador do Curso	133
2.4. Regime de Trabalho do Coordenador do Curso	133
2.5. Carga-Horária do Coordenador do Curso	133
2.6. Titulação do Corpo docente	133
2.6.1. Políticas de aperfeiçoamento qualificação e atualização do corpo docente	135
2.7. Titulação do Corpo Docente – Percentual de Doutores.....	135
2.8. Regime de Trabalho do Corpo Docente.....	136
2.9. Experiência Profissional do Corpo Docente Fora da Docência.....	136
2.10. Experiência no Exercício da Docência na Educação Básica	137
2.10. Experiência de Magistério Superior do Corpo Docente	138

2.11. Relação entre o Número de Docentes e o Número de Vagas	139
2.12. Funcionamento do Colegiado do Curso.....	139
2.14. Produção Científica, Cultural, Artística ou Tecnológica do Corpo Docente.....	140
2.15. Titulação e formação do corpo de tutores do curso	141
2.16. Experiência do corpo de tutores em educação a distância	141
2.17. Relação docentes e tutores – presenciais e a distância – por estudante	142
DIMENSÃO 3 – INFRAESTRUTURA	143
3.1. Gabinetes de Trabalho para Professores em Tempo Integral	143
3.2. Espaço de Trabalho para Coordenação de Curso e Serviços Acadêmicos	143
3.3. Sala de Professores	144
3.4. Salas de Aula	144
3.5. Acesso dos Alunos a Equipamentos de Informática.....	145
3.6. Livros da Bibliografia Básica	145
3.7. Livros da Bibliografia Complementar	145
3.8. Periódicos Especializados.....	146
3.9. Laboratórios Didáticos e Especializados	146
3.9.1. Plano de Atualização Tecnológica, Serviços e Manutenção dos Equipamentos ..	147
3.9.2. Infraestrutura de laboratórios específicos da área de formação	147
4. DOS REQUISITOS LEGAIS.....	152
4.1 Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso	152
4.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena	153
4.3 Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos	153
4.4 Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista	155
4.5 Titulação do corpo docente	155
4.6 Núcleo Docente Estruturante (NDE)	155
4.7 Carga horária mínima, em horas	156
4.8 Tempo de integralização	156
4.9 Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida ...	157
4.9.1. Acessibilidade para Pessoas com Deficiência Física	157
4.9.2. Da Acessibilidade para Alunos com Deficiência Visual	158

4.9.3. Da Acessibilidade para Alunos com Deficiência Auditiva	158
4.9.4. Oferecimento da disciplina de libras	159
4.10 Informações acadêmicas	159
4.11 Políticas de educação ambiental	160
5. DAS INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.....	160
5.1 Da Infraestrutura do <i>Campus</i>	160
5.1.1 Da Infraestrutura de Segurança	162
5.1.2 Da Área de Convivência	162
5.1.3 Da Biblioteca.....	163
5.1.4 Dos Espaços para Eventos.....	164
5.1.5 Das Instalações Sanitárias	164
5.2 Da Organização do Controle Acadêmico	165
5.3 Dos Setores de Apoio Pedagógico e Técnico-Administrativo.....	166
5.3.1 Da Diretoria de Ensino	166
5.3.1.1. Do Departamento de Apoio ao Ensino.....	166
5.3.1.2. Da Coordenação de Assistência ao Educando	167
5.3.2 Departamento de Extensão.....	168
5.3.3 Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação	168
5.3.4 Da Coordenação da Gestão da Tecnologia da Informação	169
5.3.5. Do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais	169
5.4. Das Políticas Especiais do IFRO	169
5.4.1 Das Políticas de Educação Inclusiva	169
5.5 Acesso a Equipamentos de Informática pelos Docentes.....	171
5.6 Recursos Audiovisuais Disponíveis para o Exercício da Docência	171
REFERÊNCIAS UTILIZADAS PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO.....	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados Gerais do IFRO (Reitoria).....	11
Quadro 2: Reitor e Pró-reitores do IFRO	11
Quadro 3: Dados Gerais do <i>Campus</i>	11
Quadro 4: Diretor Geral e Diretor de Ensino	11
Quadro 5: Dados Gerais do Curso	11
Quadro 6: Dados Econômicos e Sociais de Rondônia	17
Quadro 7: Produto Interno Bruto do Município de Vilhena – ano de referência 2010	17
Quadro 8: Escolas que oferecem o Ensino Médio em Vilhena	21
Quadro 9: Matrículas no Ensino Médio na Microrregião de Vilhena	21
Quadro 10: IES que oferecem o Curso de Arquitetura e Urbanismo no Estado de Rondônia	23
Quadro 11 - Disciplinas Optativas do curso de Arquitetura e Urbanismo.	106
Quadro 12: Quadro Síntese das Atividades Complementares	93
Quadro 13: Núcleo docente estruturante do curso.....	131
Quadro 14: Titulação do coordenador do curso	132
Quadro 15: Experiência Profissional do Coordenador do Curso	133
Quadro 16: Carga-horária do Coordenador do Curso	133
Quadro 17: Titulação do corpo docente	134
Quadro 18: Regime de trabalho do corpo docente	136
Quadro 19: Experiência Profissional fora da Docência.....	137
Quadro 20: Experiência docente na Educação Básica.....	137
Quadro 21: Experiência docente na Educação Superior	138
Quadro 22: Currículo Lattes dos docentes do curso.....	140
Quadro 23: Experiência docente em educação a distância.....	141
Quadro 24: Descrição de gabinetes para docentes	143
Quadro 25: Espaço de trabalho para a coordenação de curso e serviços acadêmicos.....	143
Quadro 26: Descrição da sala de professores	144
Quadro 27: Laboratórios específicos e seus objetivos	148
Quadro 28 - Quantificação e descrição dos ambientes de formação	149
Quadro 29: Estrutura física do Campus Vilhena.....	136
Quadro 30: Recursos audiovisuais	171

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Evolução populacional de Vilhena, Rondônia e do Brasil	19
Figura 2 - Pirâmide Etária de Vilhena, Rondônia e do Brasil	19
Figura 3 - Gráfico das Matrículas por nível em Vilhena	21
Figura 4 – Faixa etária	25
Figura 5 – Localidade dos pesquisados	25
Figura 6 – Escolaridade dos entrevistados	26
Figura 7 – Renda familiar dos entrevistados	27
Figura 8 – Carga horária semanal de trabalho dos entrevistados	27
Figura 9 – Preferência por modalidade/nível de cursos dos entrevistados.....	28
Figura 10 – Preferência dos cursos na área da Construção Civil	29

APRESENTAÇÃO

A presente proposta de Projeto Pedagógico de Curso (PPC) leva em consideração os desafios da educação superior diante das intensas transformações que têm ocorrido na sociedade contemporânea, no mercado de trabalho e nas condições de exercício profissional. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) foi concebido como promotor do conhecimento e do saber técnico e tecnológico, mas também, como instância voltada para atender às necessidades educativas da sociedade.

Ressalta-se, também, que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia não se constitui apenas como uma instância reflexiva da sociedade e do mundo do trabalho, mas como um espaço de cultura e de imaginação criativa, capaz de intervir na sociedade, transformando-a em termos éticos.

O Curso Arquitetura e Urbanismo, abrigado na área das Ciências Sociais Aplicadas, a ser implantado pelo Instituto Federal de Rondônia – *Campus Vilhena*, propõe, por intermédio deste projeto, um diálogo entre o homem e seu entorno. As proposituras que vão desde o modo como o homem se protege da intempérie até a maneira como estabelece a ordenação do território onde cria e desenvolve suas relações de sociedade, comunidade e produção econômica e cultural.

Com fundamento nas Diretrizes Curriculares Nacionais, este curso pretende assegurar “a formação de profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação à concepção, à organização e à construção do espaço interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação, o paisagismo, bem como a conservação e a valorização do patrimônio construído, a proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis¹.”

Neste Projeto Pedagógico de Curso (PPC), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia apresenta uma visão sintética do curso compreendendo os seguintes aspectos: perfil, missão, contextos histórico e geográfico, concepções e organização pedagógica, objetivos e políticas institucionais distribuídos em três dimensões conforme o

¹ . MEC. Resolução CNE/CES nº 2, de 17 de junho de 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em 03 de julho de 2016.

Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância do Ministério da Educação.

Além do mais, este projeto pedagógico, na sua macro e microestrutura, deverá servir-se como instrumento norteador no processo de formação do egresso em Arquitetura e Urbanismo com foco nas necessidades da região e nas aspirações da população local.

A fim de favorecer a mobilidade em seus *campi*, o IFRO apresenta um projeto que reflete, não só os aspectos macros do Estado de Rondônia, mas também as especificidades de cada microrregião em que o curso será oferecido.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo será criado, implantado e executado considerando a flexibilidade necessária na sua organização para atender a diversidade e heterogeneidade do conhecimento do aluno, tanto no que se refere à sua formação anterior (Ensino Médio), quanto aos seus interesses e expectativas em relação ao seu futuro como profissional e cidadão.

Assim sendo, o Colegiado e o Núcleo Docente Estruturante do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia apresentam o presente projeto com a finalidade de criar um mecanismo de preparação do cidadão, não somente qualificado para o trabalho, mas, principalmente, e, acima de tudo, apto a refletir e produzir novos conhecimentos e novas tecnologias que previnam a humanidade contra a fome e o desperdício.

Por último, o presente PPC deverá servir como instrumento de gerência administrativa e pedagógica do curso, devendo, sobremaneira, atuar na formação do aprender a ser, do aprender a fazer, do aprender a conhecer e do aprender a viver juntos.



I. DADOS PRELIMINARES DO CURSO E DA IES:

1 Dos Dados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Reitoria)

Quadro 1: Dados Gerais do IFRO (Reitoria)

Nome	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tec. de Rondônia	Sigla	IFRO
CNPJ	10.817.343/0006-01		
Lei	Lei nº11.892, de 29 de dezembro de 2008		
Logradouro	Avenida Sete de Setembro	Nº	2090
Bairro	Nossa Senhora das Graças	Cidade	Porto Velho
Estado	Rondônia	Cep	76.804-124
E-mail	reitoria@ifro.edu.br	Fone	(69) 3225-5045

2. Dos Dirigentes ligados a Reitoria:

Quadro 2: Reitor e Pró-reitores do IFRO

Reitor	Uberlando Tiburtino Leite
Pró-reitor de Ensino	Maria Fabíola Moraes da Assumpção Santos
Pró-reitor de Pesq. e Inov. e Pós-Graduação	Gilmar Alves Lima Júnior
Pró-reitor de Extensão	Maria Goreth Araújo Reis
Pró-reitor de Administração e Planejamento	Arijoan Gonçalves dos Santos
Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional	Dauster Souza Pereira

3. Dos Dados da Unidade de Ensino – Campus

Quadro 3: Dados Gerais do Campus

Campus	Vilhena		
Logradouro	Rodovia BR 174, KM 3	Nº	4334
Bairro	Zona Urbana	Cidade	Vilhena
Estado	Rondônia	Cep	76980-000
E-mail	Campusvilhena@ifro.edu.br	Fone	(69) 2101-0703
C. Postal	----	Celular	(69) 99918-2647

4. Dos Dados dos Dirigentes da Unidade de Ensino – Campus

Quadro 4: Diretor Geral e Diretor de Ensino

Diretor Geral	Aremilson Elias de Oliveira
Diretor de Ensino	Ezequiel Ferreira Barbosa

5. Dos Dados Gerais do Curso a Ser Implantado

Quadro 5: Dados Gerais do Curso

Nome do Curso	Arquitetura e Urbanismo
Modalidade	Bacharelado
Endereço de Funcionamento do Curso	Rod. BR 174 Km 03, nº 4334, Vilhena/RO
Número de Vagas Pretendidas	40
Turno de Funcionamento do Curso	Integral

Carga Horária Total do Curso	4233,3 h
Tempo Mínimo de Integralização	5 anos
Tempo Máximo de Integralização	10 anos
Regime de Matrícula	Semestral, por disciplina

II. CONTEXTUALIZAÇÃO DO IFRO

1. DADOS INSTITUCIONAIS

1.1 Breve Histórico do IFRO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), foi criado por meio da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que reorganizou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica composta pelas escolas técnicas, agrotécnicas e CEFETs, transformando-os em 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia distribuídos em todo o território nacional.

O IFRO é detentor de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparado às universidades federais. É uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e *multicampi* especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino para os diversos setores da economia, na realização de pesquisa e no desenvolvimento de novos produtos e serviços, com estreita articulação com os setores produtivos e com a sociedade, dispondo mecanismos para educação continuada.

Marcos Históricos do Instituto Federal de Rondônia:

- ✓ 1993: Criação da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste e das Escolas Técnicas Federais de Porto Velho e Rolim de Moura por meio da Lei 8.670, de 30/6/1993. Apenas a Escola Agrotécnica Federal de Colorado foi implantada.
- ✓ 2007: Criação da Escola Técnica Federal de Rondônia por meio da Lei 11.534, de 25/10/2007, com unidades em Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena;
- ✓ 2008: Autorização de funcionamento da Unidade de Ji-Paraná, por meio da Portaria 707, de 9/6/2008, e criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), por meio da Lei 11.892, de 29/12/2008, que integrou em uma única Instituição a Escola Técnica Federal de Rondônia e a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste;

- ✓ 2009: Início das aulas e dos processos de expansão do IFRO;
- ✓ 2010: Implantação dos *Campi* Porto Velho, Vilhena e Cacoal e início de suas atividades.
- ✓ 2011: Implantação de Polos de Educação à Distância e dos primeiros cursos da modalidade no IFRO;
- ✓ 2012: Implantação do *Campus* Porto Velho Zona Norte, temático, para gestão da EaD;
- ✓ 2013: Início das construções do *Campus* Guajará-Mirim e processo de implantação de mais dois *Campus* avançados;
- ✓ 2013: Instalação de 12 polos EaD;
- ✓ 2014: Expansão de 12 polos EaD, passando para 24 unidades;
- ✓ 2015: Implantação do *Campus* Binacional de Guajará-Mirim.
- ✓ 2016: Implantação do *Campus* Avançado Jaru. A autorização de funcionamento da unidade foi efetuada pela Portaria MEC nº 378, de 9 de maio de 2016.

O Instituto Federal de Rondônia está fazendo investimentos substanciais na ampliação de seus *campi* e de sua rede. Para o ano de 2017 a configuração é esta: uma Reitoria; oito *campi* implantados: Porto Velho Calama, Porto Velho Zona Norte, Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Vilhena, Colorado do Oeste, Guajará Mirim e o *Campus* Avançado Jaru.

1.2 Breve Histórico do *Campus*

O *Campus* Vilhena do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia está localizado a cerca de cinco quilômetros do centro da cidade de Vilhena, no extremo Sul do Estado de Rondônia e possui características de *Campus* urbano, sua especialidade é a oferta de cursos industriais ou de docência em áreas técnicas.

O *Campus* Vilhena entrou em funcionamento no segundo semestre de 2010, oferecendo os cursos técnicos subsequentes em Edificações, Eletromecânica e Informática. A partir de 2011, os mesmos cursos também foram ofertados de forma integrada ao Ensino Médio.

Além dos cursos técnicos de nível médio, o *Campus* Vilhena enveredou-se pelo oferecimento de cursos de graduação, implantando o curso de Licenciatura em Matemática

em 2012 e o curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no primeiro semestre de 2016.

O *Campus* Vilhena tem participado das transformações da região em que está inserido. Em atendimento à missão, aos valores, às metas e aos objetivos consignados no Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRO, o *Campus* não tem medido esforços para exercer importante papel na articulação de agentes públicos, privados e do terceiro setor, no sentido de buscar o melhor desenvolvimento social, econômico e cultural da região de forma parceira, cooperativa e sustentável.

O Município de Vilhena está localizado no território de identidade Cone Sul de Rondônia, composto pelas cidades de Pimenta Bueno, Espigão do Oeste, Chupinguaia, Colorado Do Oeste, Cabixi, Cerejeiras, Pimenteiras do Oeste, Corumbiara e Parecis (PONTOS DE CULTURA, 2007). Em 2010 foi constatado que nessa região encontra-se aproximadamente 13% da população do estado (204.895 habitantes), distribuídos por um total de 46.215,12km², isso perfaz 4,43hab./km² (adaptado de IBGE, 2016). Segundo dados adaptados do mesmo autor o PIB de 2014 do Cone Sul é responsável por 14% das riquezas produzidas em Rondônia (cerca 4,77 bilhões). No cenário regional, a cidade de Vilhena assume uma posição de destaque, pois ocupa o terceiro lugar no ranking estadual, atrás apenas de Porto Velho e Ji-Paraná, com um PIB de R\$ 2.168.426,000 (6,4% do total estadual). Atualmente são atendidos estudantes matriculados na Educação Profissional de Nível Médio à Pós-Graduação, nas modalidades presencial e a distância.

1.3 Missão, Visão e Valores do IFRO

1.3.1 Missão

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, tem como Missão, promover educação científica e tecnológica de excelência no Estado de Rondônia voltada à formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento e a sustentabilidade da sociedade.

1.3.2 Visão

Tornar-se padrão de excelência no ensino, pesquisa e extensão na área de Ciência e Tecnologia.

1.3.3 Valores

Nas suas atividades, o IFRO valorizará o compromisso ético com responsabilidade social, o respeito à diversidade, à transparência, à excelência e à determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão e atos consonantes com os preceitos da ética pessoal e profissional, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação e com os ideais de sustentabilidade social e ambiental.

1.4 Dados Socioeconômicos da Região

1.4.1 História do Município

O município de Vilhena é conhecido como Portal da Amazônia por estar situado no local de entrada para a região Amazônica Ocidental e também é conhecida como Cidade Clima da Amazônia por ter uma temperatura mais amena, comparada a outras cidades da Região Norte. Nos tempos de sua colonização também recebeu a alcunha de Eldorado Amazônico. O termo fazia referência à cidade de Eldorado que, segundo a lenda indígena, seria feito de ouro maciço. (UNESC, 2016)

Segundo a ACIV (2009) Vilhena foi fundada pela Comissão Rondon, em 1909, quando da terceira expedição do tenente coronel Candido Mariano da Silva Rondon, que atuava como chefe da comissão e construção da linha telegráfica de Mato Grosso-Amazonas, liderou uma expedição de 42 homens rumo à localidade de Santo Antônio do Rio Madeira.

“O nome "Vilhena" foi denominado por Cândido Rondon em homenagem ao engenheiro maranhense chefe da Organização Telegráfica Pública Álvaro Coutinho de Melo Vilhena” afirma UNESC (2016). O marco da fundação das diversas cidades do estado acompanhou a instalação de estações telegráficas que, segundo Palitot (2015), uma delas foi instalada em Vilhena em 12 de outubro de 1911, porém, conforme consta no documento do

tombamento do museu da expedição, emitido em 25 de novembro de 2015, a estação foi construída em 1904 e Rondon nem chegou a morar no local (FERNANDES, 2015).

Apesar das expedições de Rondon serem o marco do início do município de Vilhena a região já havia sido desbravada cerca de 200 anos antes pelos bandeirantes Antônio Pires e Paz de Barro que denominaram a área como Chapadão dos Parecis, expresso por UNESCO (2016).

Tanto UNESCO (2016) quanto ACIV (2009) descrevem o testemunho de Claude Lévi-Strauss que, em 1938, apenas duas famílias habitavam o posto telegráfico de Vilhena criando bodes e cabras, que havia sido abandonado pela administração de linhas telegráficas havia 8 anos.

Durante 50 anos, foi o posto telegráfico de Vilhena a única referência da presença do homem civilizado na região. Até que em 1960 o presidente Juscelino Kubitschek decidiu construir a BR-329 (Atual 364), que ligaria Brasília ao Acre (ACIV, 2009). Um trecho do jornal Diário da Amazônia citado por Aguiar (2016) descreve muito bem esse momento histórico:

“Vilhena até há dois meses nada mais era do que uma única casa da linha telegráfica estendida por Rondon em 1910. Neste imenso deserto, onde o cerrado do planalto central brasileiro dá lugar à pujante floresta Amazônica, só existia aquela casa de barro onde um índio Pareci cuidava da linha telegráfica, sendo ele mesmo o telegrafista. Mas, há três meses, a firma paulista Camargo & Corrêa aqui chegou com grande equipamento rodoviário e desde então Vilhena tomou novo aspecto. E aqui em Vilhena, onde somente às vezes apareciam grupos de índios Nhambiquaras, a empresa construtora, trazendo trabalhadores e máquinas iniciou a construção de uma pista pavimentada para aviões. Em vinte e cinco dias, essa pista foi terminada, medindo 1.400 metros de extensão, por 50 de largura. Perto, ou seja, cerca de oito quilômetros de distância, a empresa deixou gigantesca árvore no meio da estrada BR 29, Rodovia Acre-Brasília, a fim de ser derrubada pelo presidente da República”

Conforme IBGE (2016) foi em 01/04/1969 pelo decreto nº 565, Vilhena foi elevada à categoria de subdistrito de Porto Velho, ficando criado o Cartório de Registro Civil e o Juizado de Paz, ocasião que Vilhena possuía cerca de 160 casas. O município de Vilhena foi criado no dia 11 de outubro de 1977, quando o então Presidente da República Ernesto Geisel

sancionou a Lei nº 6.448 que desmembrava Vilhena do município de Porto Velho. Vilhena tem como limite territorial, ao Norte, o Estado do Mato Grosso; ao Sul, a cidade de Colorado do Oeste; a Leste, o Estado do Mato Grosso; a Oeste, as cidades de Pimenta Bueno, Chupinguaia e Espigão D'Oeste.

Na década de 80, o IBGE (2016) relata que Vilhena já possuía uma população de 20.290 habitantes residentes. É inegável a importância desse município para o desenvolvimento histórico do estado de Rondônia.

1.4.2 Perfil Socioeconômico:

Conforme se constata pelos dados publicados pelos governos estaduais e federais, o Estado de Rondônia, desde a sua criação, está em franco desenvolvimento. Isso é, sobremaneira, um reflexo do que acontece em seus municípios e, inclusive na capital.

Quadro 6: Dados Econômicos e Sociais de Rondônia

Quesito	Ano de referência	Dado
População Estimada	2016	1.787.279
Produto Interno Bruto ¹	2012	R\$ 29,362 bilhões
Renda Per Capita	2015	R\$ 822,00
Principais Atividades Econômicas ¹	-	Serviços, indústria e agropecuária
Índice de Desenvolvimento Humano ²	2010	0,69
Esperança de vida ao nascer	2010	70 anos
Mortalidade infantil - antes de completar um ano	2010	22,9/por 1.000 nascidos vivos

Fonte: IBGE, 2017; ¹SEPOG, 2014; ² PNUD, 2017.

A seguir, pode-se ver um quadro que demonstra o crescimento econômico do município de Vilhena.

Quadro 7: Produto Interno Bruto do Município de Vilhena – ano de referência 2010

Impostos sobre produtos líquidos de subsídios a preços correntes	R\$ 220.363 mil
PIB a preços correntes	R\$ 1.447.187 mil
PIB per capita	R\$ 18.995,20
Valor adicionado bruto da agropecuária a preços correntes	R\$ 45.616 mil
Valor adicionado bruto da indústria a preços correntes	R\$ 266.175 mil
Valor adicionado bruto dos serviços a preços correntes	R\$ 617.148 mil

Fonte: IBGE, 2017.

Além de sua vocação para o agronegócio, para a indústria, para o comércio e para o turismo, o Município tem demonstrado ser um fértil seleiro de desenvolvimento tecnológico e da construção civil.

Com o crescimento dos negócios em todas as áreas, a região requer e anseia por profissionais que sejam capazes de acompanhar a dinâmica territorial, habitacional e arquitetônica, favorecendo, portanto, o desenvolvimento sustentável do Estado e do Município.

DIMENSÃO 1 - ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO

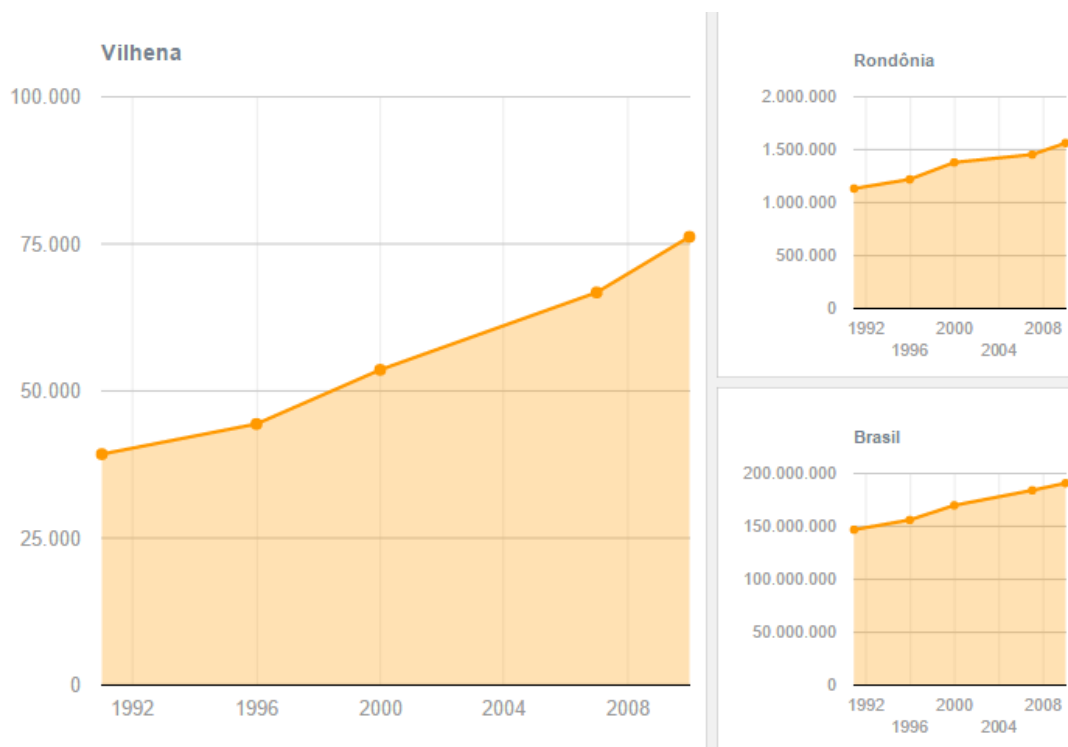
1.1. DO CONTEXTO EDUCACIONAL

1.1.1. Dos Dados e Pirâmide Populacional

Segundo estimativa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) em 2016, o município de Vilhena (RO), no Cone Sul, chegou a 93.745 habitantes. Em comparação ao último censo, realizado em 2010, a cidade ganhou 17 mil cidadãos em seis anos, o que equivale a um crescimento de 23%.

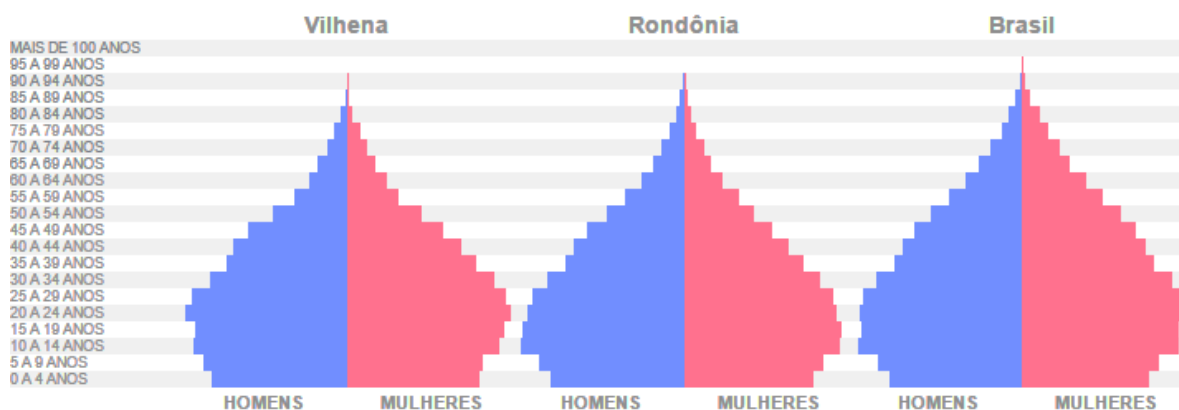
Com o novo número, Vilhena se tornou o 4º maior município do estado de Rondônia, ficando atrás apenas de Porto Velho com 511.219 habitantes, Ji-Paraná com 131.560 habitantes e Ariquemes com 105.896 habitantes (IBGE, 2017), o que reforça a necessidade da abertura de novos cursos superiores, especialmente aqueles ligados à infraestrutura, como o curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Figura 1 - Evolução populacional de Vilhena, Rondônia e do Brasil



Fonte: disponíveis pelo IBGE, 2017, Censo de 2010.

Figura 2 - Pirâmide Etária de Vilhena, Rondônia e do Brasil



Fonte: disponíveis pelo IBGE, 2017, Censo de 2010.

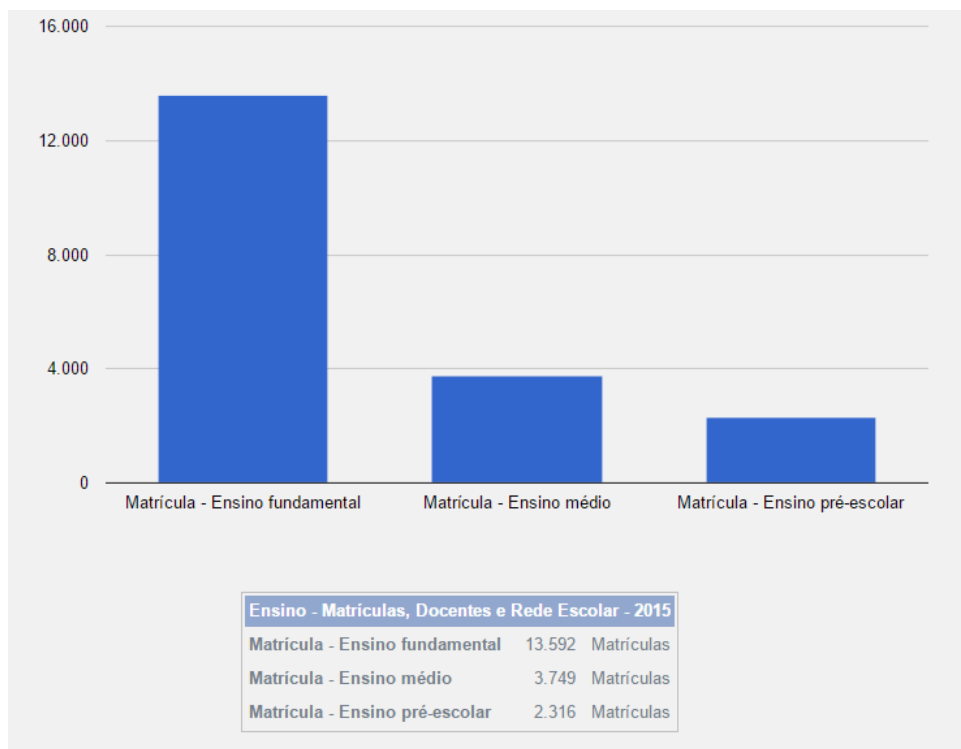
Tendo em vista os dados demonstrados acima, o Instituto Federal de Rondônia – IFRO – *Campus Vilhena*, ao pleitear a autorização de cursos superiores de bacharelado, vem ao encontro das necessidades da educação superior na região, bem como, do município de Vilhena, além de contribuir com o Plano Nacional de Educação do Governo Federal.

1.1.2. População do Ensino Médio Regional

A universalização progressiva do ensino médio constitui exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A necessária expansão deste nível de ensino foi claramente planejada nas metas do Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº. 10.172/2001, sendo evidenciada na região de inserção do IFRO.

O município de Vilhena, através da secretaria de educação, tem investido de forma acentuada na educação, como a criação de escolas, reformas, ampliações, contratações e investimentos na capacitação dos profissionais de educação para melhorar a qualidade de ensino.

Figura 3 - Gráfico das Matrículas por nível em Vilhena



Fonte: INEP - Censo Educacional 2015.

Em Vilhena, de acordo com os dados finais do Censo Escolar (INEP, 2015), há 13 escolas de ensino médio, com um registro total de 3.749 matrículas iniciais. Vide quadros abaixo:

Quadro 8: Escolas que oferecem o Ensino Médio em Vilhena

Tipo de Escola (Ensino Médio)	Número de Escolas
Escolas Públicas Estaduais	08
Escolas Públicas Federais	01
Escolas Privadas	04
TOTAL	13

Fonte: INEP - Censo Educacional 2015.

Quadro 9: Matrículas no Ensino Médio na Microrregião de Vilhena

Municípios da Microrregião de Vilhena	Nº de matrículas no ensino médio em 2014
Cabixi	225
Cerejeiras	540
Chupinguaia	451
Colorado do Oeste	1065
Comodoro/MT	834
Corumbiara	298
Pimenteiras do Oeste	80

Vilhena	3749
TOTAL	7.242

Fonte: Censo Escolar 2015.

Na Microrregião Vilhena, os dados do Censo Escolar de 2015 revelam que foram registradas 7.242 matrículas iniciais, o que confirma a existência de demanda potencial por formação superior na localidade.

1.1.3. Quantidade de Vagas Ofertadas na Educação Superior da Região

A Região Norte do Brasil possui características próprias que a diferenciam das demais regiões do país, principalmente quanto à demanda e implantação do Ensino Superior. Dentre suas principais particularidades estão grandes extensões territoriais pouco povoadas, o isolamento de algumas cidades com polos econômicos em expansão, as quais não estão atendidas pelos sistemas de transporte e, na maioria dos casos, a falta de profissionais para atender à demanda dos setores econômicos e de serviços que estão em pleno desenvolvimento.

De acordo com os dados divulgados pelo MEC (Cadastro e-MEC, 2012), atualmente no município de Vilhena encontram-se autorizadas 700 vagas em 14 (catorze) cursos na educação superior presencial e outras vagas na educação superior à distância².

No que diz respeito ao ensino superior, Vilhena possui 11 (onze) instituições ofertantes de cursos superiores, além do Instituto Federal de Rondônia:

1. Associação Vilhenense de Educação e Cultura (AVEC) – Privada;
2. Associação Cultural e Educacional de Vilhena (ACEV) – Privada;
3. Centro Universitário Clarentiano (CEUCLAR) – Privada;
4. Faculdade Educacional da LAPA (FAEL) – Privada;
5. Faculdade de Educação e Cultura de Vilhena (FAEV/UNESC) – Privada;
6. Faculdades Integradas Aparício Carvalho (FIMCA) – Privada;
7. Faculdade Marechal Rondon (FARON) – Privada;
8. Instituto de Ensino Superior da Amazônia (IESA) – Privada;
9. Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – pública;

² . As vagas na EAD não podem ser medidas, haja vista que o montante contido no Portal E-MEC é destinado a todos os polos onde a IES oferece o mesmo curso no Brasil e não há um quantum destinado a cada polo.

10. Universidade Paulista (UNIP) – Privada;

11. Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) – Privada.

Das 11 instituições citadas, nenhuma oferta o curso de Arquitetura e Urbanismo, e as que ofertam o curso no estado, pertencem à rede privada de ensino.

Quadro 10: IES que oferecem o Curso de Arquitetura e Urbanismo no Estado de Rondônia

Instituições de ensino superior			Tipo	Cidade	Distância a Vilhena
1	FACIMED	Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal	Privada	Cacoal	230 Km
2	UNESC	Faculdades Integradas De Cacoal	Privada	Cacoal	230 km
3	CEULJI/ULBRA	Centro Universitário Luterano De Ji-Paraná	Privada	Ji-Paraná	330 km
4	FACULDADE PANAMERICANA DE JI-PARANÁ	Faculdade Panamericana De Ji-Paraná	Privada	Ji-Paraná	330 km
5	FIMCA	Faculdades Integradas Aparício Carvalho	Privada	Porto Velho	700 km
6	FSL	Faculdade São Lucas	Privada	Porto Velho	700 km
7	UNIRON	Faculdade Interamericana De Porto Velho	Privada	Porto Velho	700 km

Fonte: ABEA/2015. Disponível em http://www.abea.org.br/?page_id=11. Acesso em 06 de outubro de 2016.

Conforme dados da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo – ABEA, existem apenas 7 (sete) cursos de Arquitetura e Urbanismo no estado de Rondônia, e ao mais próximo da região de Vilhena fica a 230 Km, justificando mais uma vez a oferta desta graduação na localidade.

1.1.4. Taxas Bruta e Líquida de Matriculados na Educação Superior

A taxa de escolarização líquida e a taxa de escolarização bruta calculadas para o município de Porto Velho e Microrregião demonstram claramente as deficiências do setor de ensino superior em relação aos jovens que residem na região.

O município de Porto Velho teve, segundo o censo, uma taxa de escolarização líquida menor que aquela estimada pelo PNE. Na microrregião essa taxa é menor ainda. Ambas estão muito distantes daquela preconizada no PNE, que estabeleceu como meta incluir 30% dos jovens entre 18 e 24 anos na graduação até 2010. O novo PNE (2011-2020, em tramitação)

possui como Meta 12: “Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, assegurando a qualidade da oferta”.

Considerando, portanto, as grandes possibilidades de desenvolvimento econômico e social da área de inserção dos *campi* do IFRO, a ampliação das possibilidades de formação de bacharéis em Arquitetura e Urbanismo, por meio deste curso, torna-se uma tarefa prioritária para a região amazônica.

Em virtude do crescimento acelerado do Estado de Rondônia e em decorrência dos indicadores populacionais e educacionais, faz-se necessária a implantação do presente curso para atender a demanda atual e futura por um profissional que seja preparado à luz das teorias contemporâneas sem perder de vista as raízes históricas que as embasaram.

1.1.5. Demanda pelo Curso

No ano de 2015, por iniciativa da Direção Geral e pela necessidade de ampliação dos cursos do IFRO *Campus* Vilhena para atendimento à comunidade, começou-se a pesquisar possibilidades de verticalização ao ensino técnico de nível médio oferecido na unidade.

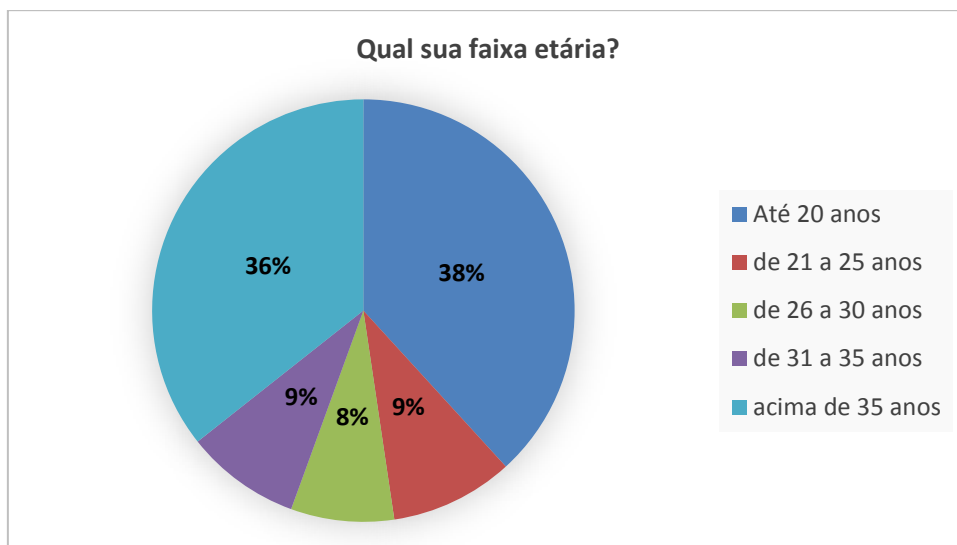
Nesse sentido, como o *Campus* Vilhena possui perfil industrial e já atuava nas áreas de Infraestrutura e Construção Civil, especificamente com a oferta do curso técnico em Edificações, surgiu a proposta da oferta do bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Para tanto, para o desenvolvimento e convalidação da proposta, foi designada uma comissão de servidores pela Portaria n. 33 de 11 de fevereiro de 2016, para que os mesmos realizassem o estudo de demanda para a oferta de um curso superior na área da Construção Civil e, posteriormente, a elaboração do Projeto Pedagógico do referido curso demandado.

Dessa forma, a partir desta data, a comissão responsável elaborou um questionário que foi disponibilizado de forma on-line e física à população de Vilhena e região, abordando, além da escolha do novo curso, questões sociais e econômicas que ajudaram nas definições e organização do curso de Arquitetura e Urbanismo.

No total, foram 1557 participações que, após sistematizadas e tabuladas, resultaram nos gráficos a seguir:

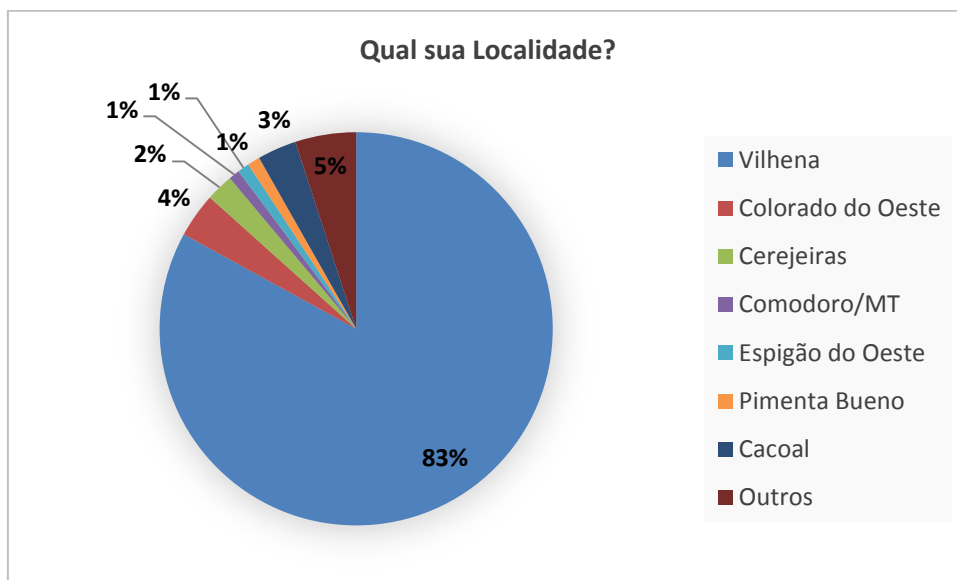
Figura 4 – Faixa etária



Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

Primeiramente foi possível constatar que 74% dos participantes estão na faixa etária de até 25 anos e que a ampla maioria dos interessados reside em Vilhena (83%). Entretanto, o gráfico demonstra a participação de toda a região circunvizinha ao município, demonstrando a amplitude do público alvo do curso.

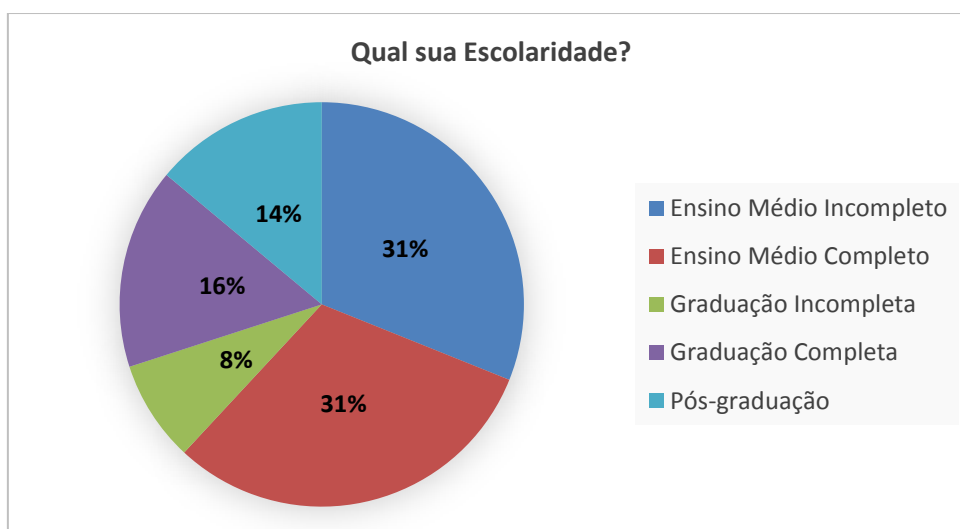
Figura 5 – Localidade dos pesquisados



Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

Com relação à escolaridade, foi possível perceber que a participação maior foi de pessoas que estão cursando ou já terminaram o ensino médio, constatando, portanto, que estão prestes a ingressar em um curso de nível superior.

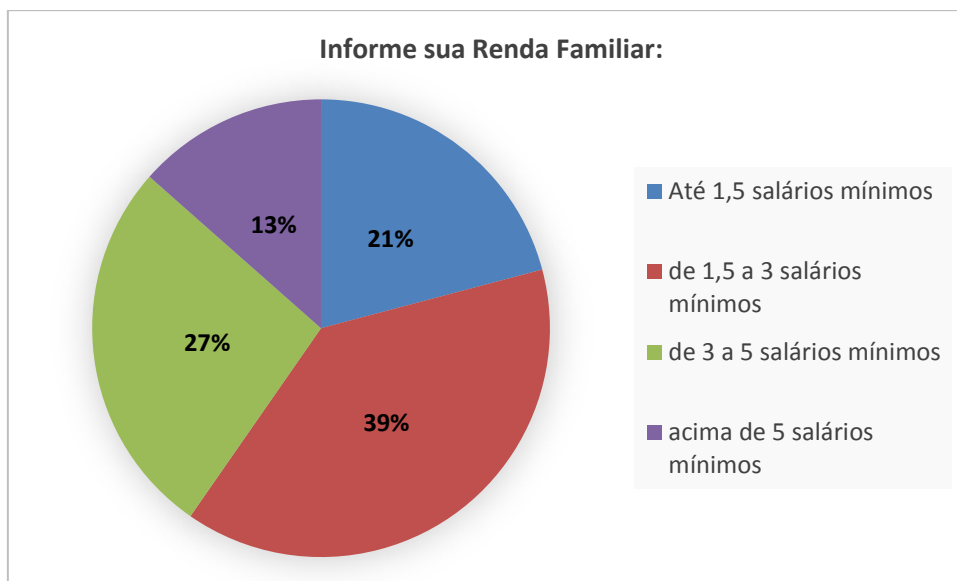
Figura 6 – Escolaridade dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

A respeito dos dados econômicos e sociais, a partir da pesquisa, detectou-se (Fig. 7) que a renda familiar é diversificada entre os participantes, com um ligeiro predomínio da faixa de 1,5 a 3 salários mínimos. Assim, fica evidente a necessidade de melhoria na renda familiar da população, quando se percebe que 21% desse público recebem até 1,5 salários mínimos. Como uma das funções do IFRO é elevar o nível de escolaridade da população e possibilitar novas oportunidades de emprego e êxito às famílias, por meio de cursos como o de Arquitetura e Urbanismo estas oportunidades podem ser ampliadas.

Figura 7 – Renda familiar dos entrevistados



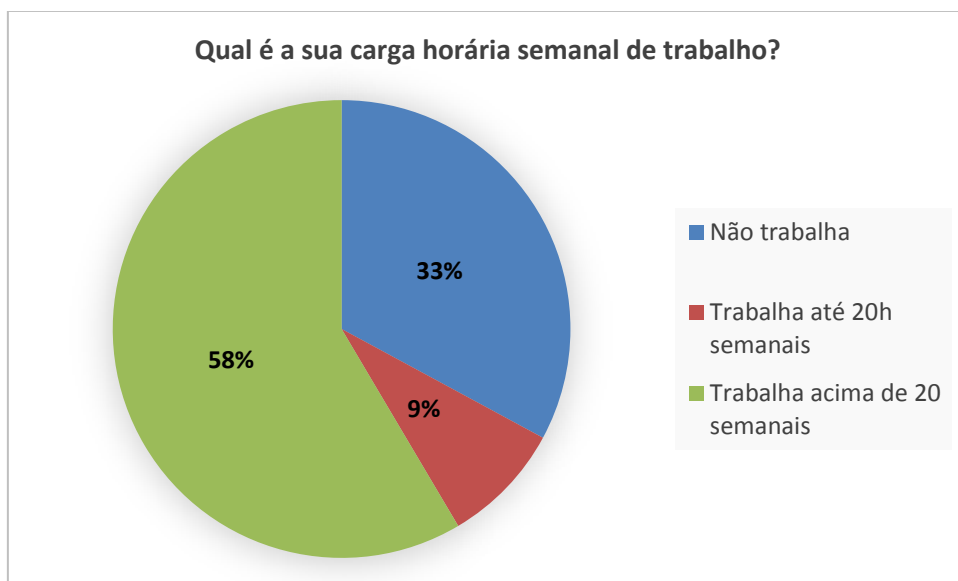
Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

O curso de Arquitetura e Urbanismo, devido a sua carga horária e especificidade de conteúdo, a maior parte deles práticos, exige que o mesmo seja oferecido em regime integral, como o caso desta proposta, em que o aluno, em alguns dias, terá que frequentar aulas em mais de um turno. Nesse sentido, foi consultada na pesquisa a média de tempo que esse público trabalha semanalmente (Fig. 8).

Obtivemos como resultado que 42% não trabalha ou não ultrapassa 20 horas semanais de atividades, o que permitiria, sem maiores danos, a participação desses alunos no curso de Arquitetura e Urbanismo do *Campus Vilhena*.

Mesmo a maioria apontando para um período maior de trabalho (58%), devido ao número da amostra dessa consulta, a decisão da comissão de iniciar um curso de turno integral se justifica, tanto pela existência de público, como pela consequente melhoria na organização didática das aulas e atividades curriculares.

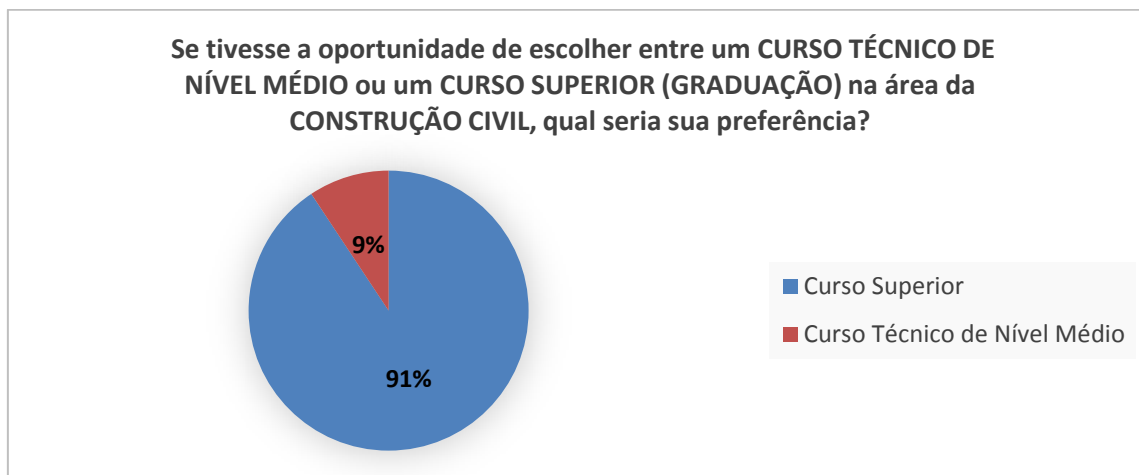
Figura 8 – Carga horária semanal de trabalho dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

Outra consulta realizada na pesquisa foi sobre o tipo de curso, técnico de nível médio ou superior, que a população almejava na cidade de Vilhena. Pelo gráfico seguinte, ficou evidenciado, com 91%, o grande desejo da comunidade para um curso Superior na área da Construção Civil.

Figura 9 – Preferência por modalidade/nível de cursos dos entrevistados



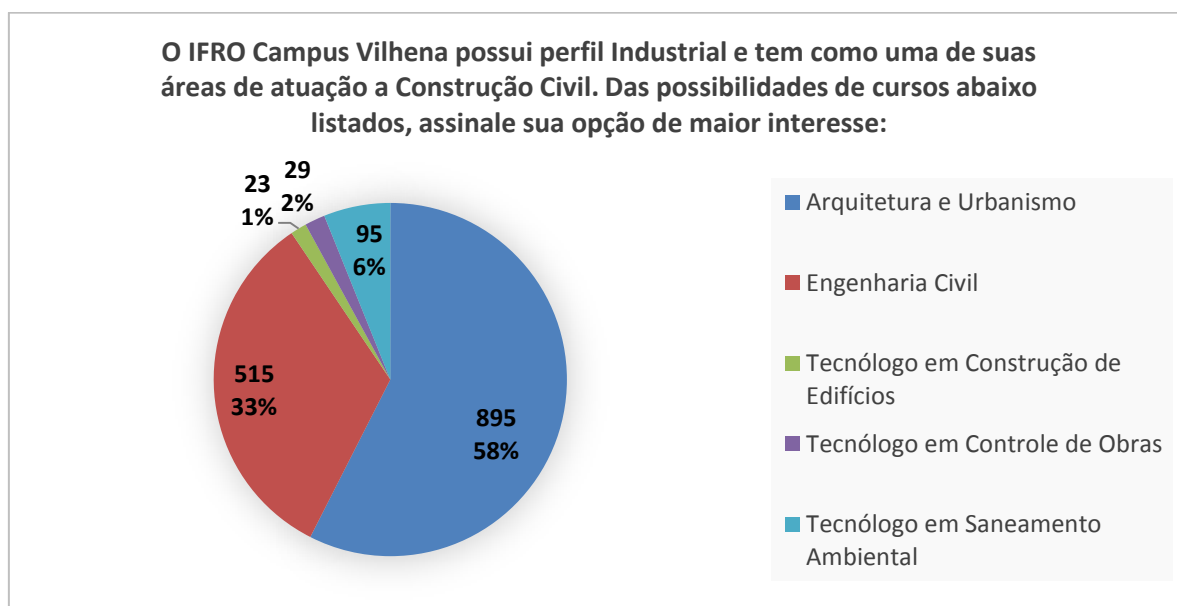
Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

Por fim, sabendo-se que o Instituto Federal de Rondônia – *Campus Vilhena* possui perfil industrial e já oferta o curso de Técnico em Edificações, foi consultado na pesquisa de

demanda, qual curso de nível superior da área de Infraestrutura (construção civil, especificamente) eles gostariam ou teriam interesse de cursar nesta unidade.

Diante do exposto e analisando a infraestrutura já existente na instituição, tanto de equipamentos como de docentes, chegou-se a 5 possibilidades: Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Tecnólogo em Construção de Edifícios, Tecnólogo em Controle de Obras e Tecnólogo em Saneamento Ambiental.

Figura 10 – Preferência dos cursos na área da Construção Civil



Fonte: Elaborado pela Comissão, 2016.

Dentre essas possibilidades, o curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo apareceu como primeiro nas intenções por novas graduações na unidade de Vilhena, obtendo 58% das participações (895 pessoas), justificando, portanto, a demanda de criação desse curso na região do Cone Sul do Estado de Rondônia.

1.1.6. Da Justificativa do Curso

O estado de Rondônia está em pleno crescimento, impulsionado pela expansão da agricultura e agropecuária, bem como as obras de infraestrutura, exemplo das duas usinas hidrelétricas que estão sendo implantadas em Porto Velho. Toda essa dinâmica impacta

diretamente no desenvolvimento das cidades, exigindo mais obras habitacionais, urbanas e de saneamento.

A cidade de Vilhena está localizada no sul do estado de Rondônia, e apresenta (conforme dados já descritos anteriormente) um alto índice de crescimento populacional e urbano, assim, a demanda por profissionais capacitados a acompanhar esse desenvolvimento urbano se torna cada vez mais urgente.

Ressalta-se que a oferta do curso de Arquitetura e Urbanismo na unidade de Vilhena, devido a sua localização estratégica, visa atender toda a região circundante ao município, tanto no estado de Rondônia como no Mato Grosso.

Nesse sentido, a proposta do IFRO é oferecer um curso de Arquitetura e Urbanismo que venha formar profissional preparado para as grandes mudanças que estão acontecendo na área devido aos vários processos de transformações sociais e tecnológicas.

Essas transformações impõem uma nova concepção do profissional de Arquitetura e Urbanismo. O arquiteto brasileiro sempre se destacou no cenário nacional e internacional por sua criatividade e riqueza de linguagem volumétrica e formal. As mudanças globais, no entanto, impõem novas formas de atuação na arquitetura, exigindo capacitação e conhecimento de novas técnicas e instrumental que lhe permita enfrentar com maior competitividade e produtividade os desafios deste novo cenário.

O estágio atual dos conflitos sociais e ambientais urbanos exige do arquiteto uma atuação mais próxima da sociedade quanto às soluções para os graves problemas das aglomerações urbanas. Isso faz com que sua formação deva priorizar o aspecto tecnológico em parceria com as preocupações humanísticas e ambientais.

As soluções serão possíveis se o conhecimento científico e humanístico estiver acompanhado da criatividade. Assim, o estímulo à criatividade continua sendo o centro da formação do arquiteto.

A finalidade do Curso de Arquitetura e Urbanismo é formar profissionais para atuar em uma sociedade livre e democrática na qual a pluralidade étnica, cultural e religiosa é comum, portanto, nosso profissional deve estar preparado para atuar na manutenção dos princípios da diversidade, e sempre atentos às ocorrências da dinâmica social, comprometido com um senso investigativo e pesquisador justificando-se para Vilhena, uma cidade em

desenvolvimento, a implantação de um curso voltado para atender às demandas da sociedade contemporânea.

1.1.7. Formas de Acesso ao Curso

De acordo com o Regulamento da Organização Acadêmica (ROA-Graduação): “o ingresso de alunos nos cursos de graduação pode se dar por meio de processos de seleção geridos pelo Ministério da Educação, após aprovação dos candidatos em processo seletivo público, regulado por edital específico para cada ingresso, devidamente autorizado pelo reitor, conforme o Regimento Geral do IFRO, por apresentação de transferência expedida por outra Instituição congênere, matrículas especiais e outras formas que vierem a ser criadas por conveniência de programas ou projetos, sempre de acordo com os regulamentos já adotados pelo IFRO para cada modalidade de formação e as decisões superiores”.

1.2 Das Políticas Institucionais Constantes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) no Âmbito do Curso

1.2.1. A Inter-relação entre o Ensino a Pesquisa e a Extensão

A concepção de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) orienta os processos de formação com base nas premissas da integração e da articulação entre ciência, tecnologia, cultura e conhecimentos específicos. Visa ao desenvolvimento da capacidade de investigação científica como dimensão essencial à manutenção da autonomia e dos saberes necessários ao permanente exercício da laboralidade, que se traduzem nas ações de ensino, pesquisa e extensão. Tendo em vista que é essencial à Educação Profissional e Tecnológica contribuir para o progresso socioeconômico, as atuais políticas da educação dialogam efetivamente com as políticas sociais e econômicas, em especial aquelas com enfoques locais e regionais.

Assim, o fazer pedagógico deve integrar ciência e tecnologia, bem como teoria e prática; deve conceber a pesquisa como princípio educativo e científico, e as ações de extensão, como um instrumento de diálogo permanente com a sociedade. Para isso, é essencial o incentivo à iniciação científica, ao desenvolvimento de atividades comunitárias e de prestação de serviços, numa perspectiva de participação ativa dentro de um mundo de

complexa e constante integração de setores, pessoas e processos. São exemplos de atividades que promovem a inter-relação do ensino com a pesquisa e a extensão: minicursos e projetos de ensino, de iniciação científica e de extensão e também com a criação de Empresas Juniores e do Núcleo de Incubadora de Empresas.

1.2.2. Políticas de Ensino

No Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRO estão previstas ações e metas que pretendem proporcionar aos egressos de todos os cursos uma educação pautada pelos moldes estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares e pelas exigências socioculturais. Por assim o ser, o IFRO desenvolveu um conjunto de diretrizes básicas para o desenvolvimento de suas atividades administrativas e acadêmicas ao longo dos próximos anos e que podem ser reafirmadas ou reformuladas conforme as mudanças do cenário educacional, regional e local.

O desenvolvimento da educação superior necessita de políticas que propiciem a ampliação dos cursos de graduação e ofertas de novas modalidades para o ensino, tendo em vista a grande demanda da sociedade local, regional e nacional. Portanto, faz-se necessário o aperfeiçoamento dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação e a implementação de procedimentos metodológicos compatíveis com os processos de transformação social e adoção de novas tecnologias. Tais inovações tornam-se exequíveis mediante estudos técnicos e científicos nas áreas de conhecimento contempladas pelo IFRO.

O sistema de informação acadêmico-administrativa deve ser aperfeiçoado, já que constitui mecanismo estratégico para racionalizar os procedimentos burocráticos desenvolvidos e garantir maior agilidade no processo de comunicação.

A interação com a comunidade interna e externa deve ser efetivada por meio de ações consistentes que promovam o envolvimento e o comprometimento da comunidade interna (docentes, discentes, servidores técnico-administrativos e sociedade) por meio de atividades de extensão. O ensino e a extensão devem caminhar de forma indissociável, conforme está preconizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9394/96).

1.2.3. Políticas de Pesquisa

O IFRO fomenta e implementa atividades de pesquisa em todos os seus *campi* e requer que sejam desenvolvidos, de modo sistemático, além dos programas de iniciação científica, pesquisa de alto nível que atenda às necessidades locais de cada unidade.

Com o intuito de efetivação de seus programas de pesquisa, o IFRO adota as seguintes ações:

- a) incentivo aos discentes e aos docentes interessados em práticas investigativas;
- b) concessão de bolsas de iniciação científica aos discentes, desde que preenchidos todos os requisitos legais;
- c) alocação de carga-horária para os professores orientarem os alunos incluídos nos Programas de Iniciação Científica;
- d) promoção de seminários e encontros institucionais com pesquisadores de nome nacional para incentivar a importância da investigação científica.

O IFRO, com vistas ao estabelecimento de bases sólidas para o desenvolvimento de pesquisa científica relevante, compatível com as áreas de conhecimento que promove, apresenta em seu PDI as seguintes diretrizes gerais:

- a) estabelecer mecanismos de articulação entre ensino, pesquisa e extensão: o espírito científico deve permear as práticas pedagógicas exercidas nos cursos de graduação e pós-graduação, de modo a tornar evidente para os alunos, a importância do saber fazer ciência durante a formação profissional;
- b) promover a interação com a comunidade: os grupos de estudos já existentes e os que serão implementados no IFRO contemplarão as potencialidades acadêmicas existentes, devidamente articuladas com as demandas locais e regionais;
- c) consolidação das atividades científicas na medida em que sejam disponibilizados os recursos financeiros necessários;
- d) criar novos e adequar os periódicos institucionais já existentes ao processo Qualis.

A socialização do conhecimento por meio de periódicos produzidos nos últimos anos pela Instituição exige um procedimento avaliativo, em nível nacional, além de ser um estímulo de divulgação dos resultados investigativos realizados por docentes e discentes vinculados (ou não) ao IFRO.

1.2.4. Políticas de Extensão

O IFRO tem uma política de extensão que inclui cursos, programas e outras atividades com a participação de docentes, discentes e técnicos administrativos, desenvolvendo estratégias que possibilitam maior inserção institucional com a sociedade local e regional.

Para tanto, as atividades de extensão estão pautadas em diretrizes que permitem a instituição atender, com eficácia, às necessidades de caráter educacional cultural e social traçadas em seu Plano de Desenvolvimento Institucional.

Os programas e projetos de extensão, desenvolvidos no âmbito das unidades de ensino, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, representam um importante veículo de troca e interação entre a IES e a comunidade em que ela está inserida e atua como agente de transformação social.

As atividades de extensão evidenciam para a sociedade o potencial acadêmico do IFRO no atendimento de necessidades educacionais, sociais e culturais da comunidade local e regional.

1.2.5. Ações para o Desenvolvimento do Ensino, da Pesquisa e da Extensão

Com o objetivo de implementar o ensino, a pesquisa e a extensão, o IFRO promove eventos que tratam de temas relacionados a esses pilares institucionais para o aprimoramento ainda maior da atuação do Instituto.

- a) Encontro das Equipes Dirigentes de Ensino: Evento realizado com o objetivo de discutir as temáticas relevantes ao processo de ensino e aprendizagem que perpassam pelo acesso, permanência e êxito, as regulamentações, a (re) organização dos cursos técnicos para atender a demanda social, entre outras, além de promover a aproximação da Reitoria e os *campi* entre si e desenvolver atividades de integração. Participam do evento, além da equipe da Pró-Reitoria de Ensino: os Diretores de Ensino, os chefes de Departamento/Coordenadores de Apoio ao Ensino, os chefes de Departamento/Coordenadores de Assistência ao Educando, os Coordenadores de Registros Acadêmicos, assim como as Coordenações de Biblioteca, Pedagogos e Técnicos em Assuntos Educacionais;

- b) Encontro do Ensino, Pesquisa e Extensão - ENPEX – Evento realizado no primeiro semestre letivo com o propósito de discutir e encaminhar situações estruturantes do ensino, pesquisa e extensão no IFRO, com base nos princípios pedagógicos e organizacionais do IFRO. Participam do evento as equipes das Pró-Reitorias de Ensino, Extensão e Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação e os representantes maiores dos respectivos setores nos *campi* do IFRO;
- c) Encontro das Equipes Multiprofissionais da Assistência Estudantil – Evento realizado com o objetivo de discutir as políticas e programas, bem como a implementação da assistência estudantil no âmbito do IFRO como meio de ampliar as possibilidades de permanência e êxito no processo educativo, inserção no mercado de trabalho e exercício pleno da cidadania. Participam do evento, além da Diretoria de Assuntos Estudantis e Coordenação de Assistência Estudantil da Reitoria: Pedagogo(a) Orientador(a) Educacional, Psicólogo(a), Assistente Social e Chefe de Departamento/Coordenador(a) de Assistência ao Educando dos *Campus*;
- d) Encontro das Equipes de Biblioteca – Evento de caráter político e formativo que visa preparar os coordenadores de biblioteca e seus auxiliares para garantir o pleno funcionamento, com atendimento às regras específicas para o setor e utilização de sistema automatizado de gestão, e atendimento à comunidade acadêmica e geral;
- e) Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão do IFRO - Conpex;
- f) Eventos nos *Campi*: As unidades estabelecem em seus Calendários Acadêmicos eventos como seminários, feiras, exposições, entre outros, para a discussão de temas relevantes e ações de ensino, pesquisa e extensão envolvendo toda a comunidade acadêmica e geral.

1.3. Dos Objetivos do Curso

1.3.1. Objetivo Geral do Curso

O curso de Arquitetura e Urbanismo tem como objetivo o desenvolvimento da sólida formação profissional generalista, de modo a compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades com relação à concepção, organização e construção do espaço construído, interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação e o

paisagismo; a conservação e valorização do patrimônio construído; a proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis e sua relação com o ser humano.

1.3.2. Objetivos Específicos do Curso

O curso tem como objetivos específicos habilitar os estudantes a:

- I - Contribuir para a melhoria da qualidade de vida nos assentamentos humanos;
- II - Manter o desenvolvimento sustentável do ambiente natural e construído;
- III - Promover a valorização da arquitetura e do urbanismo como patrimônio e responsabilidade de todos;
- IV - Usar os recursos tecnológicos de modo responsável e coerente com as necessidades sociais, culturais, ambientais e estéticas das comunidades.

1.4. Do Perfil do Egresso: Competências e Habilidades

1.4.1. Do Perfil do Egresso

O curso de Arquitetura e Urbanismo deverá proporcionar condições para que o futuro egresso tenha como perfil:

- I - Sólida formação de profissional generalista;
- II - Aptidão de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação à concepção, organização e construção do espaço interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação e o paisagismo;
- III - Conservação e valorização do patrimônio construído;
- IV - Proteção do equilíbrio do ambiente natural e utilização racional dos recursos disponíveis.

1.4.2. Das Competências e Habilidades do Egresso

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais, o curso de Arquitetura e Urbanismo deverá possibilitar formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I - O conhecimento dos aspectos antropológicos, sociológicos e econômicos relevantes e de todo o espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas quanto ao ambiente construído;

II - A compreensão das questões que informam as ações de preservação da paisagem e de avaliação dos impactos no meio ambiente, com vistas ao equilíbrio ecológico e ao desenvolvimento sustentável;

III - As habilidades necessárias para conceber projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo e para realizar construções, considerando os fatores de custo, durabilidade, manutenção e de especificações, bem como os regulamentos legais, de modo a satisfazer as exigências culturais, econômicas, estéticas, técnicas, ambientais e de acessibilidade dos usuários;

IV - O conhecimento da história das artes e da estética, suscetível de influenciar a qualidade da concepção e da prática de arquitetura, urbanismo e paisagismo;

V - Os conhecimentos de teoria e de história da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, considerando sua produção no contexto social, cultural, político e econômico e tendo como objetivo a reflexão crítica e a pesquisa;

VI - O domínio de técnicas e metodologias de pesquisa em planejamento urbano e regional, urbanismo e desenho urbano, bem como a compreensão dos sistemas de infraestrutura e de trânsito, necessários para a concepção de estudos, análises e planos de intervenção no espaço urbano, metropolitano e regional;

VII - Os conhecimentos especializados para o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos, para a definição de instalações e equipamentos prediais, para a organização de obras e canteiros e para a implantação de infraestrutura urbana;

VIII - A compreensão dos sistemas estruturais e o domínio da concepção e do projeto estrutural, tendo por fundamento os estudos de resistência dos materiais, estabilidade das construções e fundações;

IX - O entendimento das condições climáticas, acústicas, luminosas e energéticas e o domínio das técnicas apropriadas a elas associadas;

X - A prática projetual e soluções tecnológicas para a preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de edificações, conjuntos e cidades;

XI - A habilidade de desenho e o domínio da geometria, de suas aplicações e de outros meios de expressão e representação, tais como perspectiva, modelagem, maquetes, modelos e imagens virtuais;

XII - O conhecimento dos instrumentais de informática para tratamento de informações e representação aplicada à arquitetura, ao urbanismo, ao paisagismo e ao planejamento urbano e regional;

XIII - A habilidade na elaboração e instrumental na feita e interpretação de levantamentos topográficos, com a utilização de aerofotogrametria, fotointerpretação e sensoriamento remoto, necessários na realização de projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo e no planejamento urbano e regional.

1.4.4. Do Mercado de Trabalho

Os arquitetos e urbanistas constituem categoria uniprofissional, de formação generalista, sujeitos a registro no Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Unidade da Federação (CAU/UF) do local do seu domicílio, cujas atividades, atribuições e campos de atuação previstos na Lei Federal nº 12.378, de 2010, são disciplinados pela Resolução nº 21, de 5 de abril de 2012.

As atividades e atribuições do arquiteto e urbanista consistem em:

- a) supervisão, coordenação, gestão e orientação técnica;
- b) coleta de dados, estudo, planejamento, projeto e especificação;
- c) estudo de viabilidade técnica e ambiental;
- d) assistência técnica, assessoria e consultoria;
- e) direção de obras e de serviço técnico;
- f) vistoria, perícia, avaliação, monitoramento, laudo, parecer técnico, auditoria e arbitragem;
- g) desempenho de cargo e função técnica;
- h) treinamento, ensino, pesquisa e extensão universitária;
- i) desenvolvimento, análise, experimentação, ensaio, padronização, mensuração e controle de qualidade;
- j) elaboração de orçamento;

k) produção e divulgação técnica especializada; e

l) execução, fiscalização e condução de obra, instalação e serviço técnico.

As atividades acima citadas aplicam-se aos seguintes campos de atuação no setor:

I - da Arquitetura e Urbanismo, concepção e execução de projetos;

II - da Arquitetura de Interiores, concepção e execução de projetos de ambientes;

III - da Arquitetura Paisagística, concepção e execução de projetos para espaços externos, livres e abertos, privados ou públicos, como parques e praças, considerados isoladamente ou em sistemas, dentro de várias escalas, inclusive a territorial;

IV - do Patrimônio Histórico Cultural e Artístico, arquitetônico, urbanístico, paisagístico, monumentos, restauro, práticas de projeto e soluções tecnológicas para reutilização, reabilitação, reconstrução, preservação, conservação, restauro e valorização de edificações, conjuntos e cidades;

V - do Planejamento Urbano e Regional, planejamento físico-territorial, planos de intervenção no espaço urbano, metropolitano e regional fundamentados nos sistemas de infraestrutura, saneamento básico e ambiental, sistema viário, sinalização, tráfego e trânsito urbano e rural, acessibilidade, gestão territorial e ambiental, parcelamento do solo, loteamento, desmembramento, remembramento, arruamento, planejamento urbano, plano diretor, traçado de cidades, desenho urbano, sistema viário, tráfego e trânsito urbano e rural, inventário urbano e regional, assentamentos humanos e requalificação em áreas urbanas e rurais;

VI - da Topografia, elaboração e interpretação de levantamentos topográficos cadastrais para a realização de projetos de arquitetura, de urbanismo e de paisagismo, fotointerpretação, leitura, interpretação e análise de dados e informações topográficas e sensoriamento remoto;

VII - da Tecnologia e resistência dos materiais, dos elementos e produtos de construção, patologias e recuperações;

VIII - dos sistemas construtivos e estruturais, estruturas, desenvolvimento de estruturas e aplicação tecnológica de estruturas;

IX - de instalações e equipamentos referentes à arquitetura e urbanismo;

X - do Conforto Ambiental, técnicas referentes ao estabelecimento de condições climáticas, acústicas, luminosas e ergonômicas, para a concepção, organização e construção dos espaços;

XI - do Meio Ambiente, Estudo e Avaliação dos Impactos Ambientais, Licenciamento Ambiental, Utilização Racional dos Recursos Disponíveis e Desenvolvimento Sustentável.

É notória, portanto, a amplitude de atribuições e possibilidades de atuação desse profissional, e a sua direta relação com as demandas locais e regionais de desenvolvimento social, econômico, urbano e arquitetônico.

1.5. Da Estrutura Curricular

Os componentes curriculares do Curso de Arquitetura e Urbanismo foram organizados em cinco dimensões, a saber: 1) componentes de formação básica; 2) componentes de formação complementar; 3) componentes de formação tecnológica; 4) componentes de formação humanística e 5) componente de formação suplementar. Apesar dessa divisão, os componentes foram organizados de forma sequencial, progressiva e dialógica.

Na dimensão dos componentes de formação básica, as disciplinas e conteúdo a serem trabalhados deverão compor o alicerce acadêmico do aluno ingressante, preparando-o para o contato com os conceitos mais profundos e de preparação profissional, humanística e complementar.

Na dimensão dos componentes de formação complementar, as disciplinas e conteúdos ministrados deverão compor conhecimentos alicerçados na dimensão de formação básica a fim de ampliar e de aprofundar a base científica e os fundamentos acadêmicos do aluno.

Na dimensão dos componentes de formação tecnológica, as disciplinas e os conteúdos darão o tom acadêmico do curso, cuja meta principal é a formação tecnológica e a preparação do futuro egresso para um mercado de trabalho que urge por profissionais capacitados em tecnologia de ponta. Os fundamentos das disciplinas que compreendem essa dimensão devem dialogar de forma transversal, multidisciplinar, transdisciplinar e interdisciplinar com os conhecimentos preconizados nas disciplinas das dimensões de formação básica, complementar, humanística e suplementar.

Na dimensão dos componentes de formação humanística, as disciplinas deverão humanizar a relação homem-máquina-homem. O discente do curso deve ter preparação tecnológica e humanística a fim de se preparar para um exercício profissional que prime pela isonomia e pelo máximo respeito à dignidade da pessoa humana, tratando todos com igualdade de condições.

Na dimensão dos componentes de formação suplementar, o aluno terá no Estágio Curricular Supervisionado sua vitrine e caminho para o futuro mercado de trabalho. No Trabalho de Conclusão de Curso, terá o suporte necessário que o tornará hábil para a confecção de produtos que tornarão a vida do homem mais confortável e as instituições públicas e privadas mais dinâmicas, sustentáveis e tecnologicamente mais acessíveis, física e virtualmente.

A flexibilidade deste curso está preconizada neste projeto especialmente nas disciplinas de Projeto de Arquitetura, onde a ementa direciona o assunto a ser tratado, mas não determina por meio de que objeto será obtido, e também na disciplina denominada Tópicos Especiais de Arquitetura, nas quais o Núcleo Docente Estruturante, depois de se certificar da necessidade de uma demanda de conhecimento, fará a sugestão de conteúdos e referências que poderá ser acatada e anuída pelo Colegiado do Curso.

A interdisciplinaridade dar-se-á por intermédio de projetos que podem ser desenvolvidos em todos os semestres, englobando toda ou parte das disciplinas segundo a demanda dos temas e o interesse da equipe de professores.

Em face do exposto, considera-se que este projeto tenha sido elaborado de forma a favorecer o aluno e o professor, procurando assegurar-lhes a mais ampla acessibilidade pedagógica e atitudinal. A organização pedagógica e a administrativa proposta por este projeto visam promover a teoria aliada à prática na formação ampla do futuro egresso, asseverando-lhe as necessárias competências e habilidades para exercício da profissão e para as relações subjetivas de transformação do meio no qual está inserido.

1.6. Dos Conteúdos Curriculares do Curso

1.6.1. Da Especificação dos Componentes Curriculares

As disciplinas estão distribuídas de acordo com os núcleos de conhecimentos, como fundamentação, profissionais e trabalho de curso, o que permite melhor visualização das bases necessárias e da evolução das abrangências e especificidades requeridas para a formação de um Arquiteto e Urbanista.

O Núcleo de conhecimentos de fundamentação possui conteúdo geral, mas com abordagem direcionada à formação em arquitetura e urbanismo, fornecendo embasamento teórico para que o futuro profissional desenvolva seu aprendizado

O Núcleo de conhecimentos profissionais possui conteúdo específico da formação, compreende conteúdos objetivos, diretos, específicos e profissionalizantes, ofertados através de disciplinas que observam as características peculiares do projeto pedagógico e traduzem as formações graduadas finais do curso. Por fim está o trabalho de curso, que é uma atividade de fundamentação teórica e prática projetual dentro das atribuições do arquiteto e urbanista.

NÚCLEO DE CONHECIMENTOS DE FUNDAMENTAÇÃO

Geometria Descritiva Aplicada à Arquitetura; Física Aplicada à Arquitetura I e II; Matemática Aplicada à Arquitetura; Comunicação e Expressão; Metodologia do Trabalho Científico; Metodologia de Extensão em Arquitetura e Urbanismo; Estudos Ambientais e Urbanos; Plástica; Estética e História da Arte I e II; Meios de Expressão; Sociologia e Geografia Urbana.

NÚCLEO DE CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS

Introdução a Arquitetura e Urbanismo; Arquitetura no Brasil I e II; Teoria e História da Arquitetura I, II, III, IV e V; Projeto Alternativo; Segurança no Trabalho; Empreendedorismo; Planejamento e Gerenciamento de Obras; Orçamento de Obras; Qualidade de Projeto; Legislação e Prática Profissional em Arquitetura; Desenho Arquitetônico I e II; Topografia Aplicada à Arquitetura; Projeto de Arquitetura I, II, III, IV, V, VI e VII; Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo I e II; Modelos Tridimensionais; Ergonomia e Acessibilidade; Tecnologia da Construção; Materiais de Construção I e II; Paisagismo I, II e III; Conforto Ambiental I: Térmico; Sistemas Prediais - Instalações Elétricas; Estruturas do Concreto Armado I e II; Conforto Ambiental II: Luminoso; Sistemas Prediais - Instalações Hidráulicas e Sanitárias; Planejamento Urbano e Regional I e II; Conforto Ambiental III: Acústico; Projeto Urbano I, II e III; Arquitetura de Interiores; Patrimônio Histórico e Cultural Edificado; Sistema Estrutural I e II; Sustentabilidade no Ambiente Construído; Sistemas Prediais - Instalações Especiais; Automação Predial; Composições Estruturais; Patologia das Construções; Saneamento urbano; Tópicos especiais de Arquitetura.

TRABALHO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

1.6.2 Da Coerência dos Conteúdos Curriculares com o Perfil Desejado do Egresso

A estrutura curricular foi elaborada com disciplinas que integram o curso, como parte essencial do Projeto Pedagógico. Esta estrutura expressa a sugestão institucional de currículo e integra a proposta semestral de cumprimento de disciplinas, para a integralização do curso pelo aluno, no tempo definido neste Projeto Pedagógico.

A otimização do corpo docente traz uma prática interdisciplinar ao curso mais vivenciada, e não somente teorizada. A organização da estrutura das disciplinas que serão oferecidas busca inter-relacionar, contrastar, complementar e ampliar os conhecimentos a serem formados no egresso.

Também é central, para essa formação, a proposição, realização, análise de pesquisas e a aplicação de resultados, em perspectiva extensionista, histórica, cultural, política, ideológica, tecnológica e teórica, com a finalidade, entre outras, de identificar e gerir, em práticas efetivas, elementos mantenedores, transformadores, geradores de relações sociais e étnico-raciais que fortaleçam ou enfraqueçam identidades, reproduzam ou criem novas relações de poder fazendo das tecnologias e da informação os melhores caminhos para a sublimação do homem.

1.6.3 Da Coerência dos Conteúdos Curriculares Face às Diretrizes Curriculares Nacionais

A estrutura curricular do curso, preservando a sua articulação, busca mecanismos capazes de lhe permitir um grau de flexibilidade, possibilitando ao aluno “desenvolver/trabalhar vocações, interesses e potenciais específicos”, criando-se condições de tempo para pesquisas bibliográficas e autoaprendizagem, por meio de adequado planejamento das cargas horárias semestrais, respeitado o limite máximo de horas/aula semanais, seguindo orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso.

Ainda, em consonância com este propósito, busca-se oportunizar a flexibilização por meio da implementação curricular das Atividades Complementares de interesse individual e coletivo.

As disciplinas estão organizadas na matriz curricular de modo a atender aos interesses das políticas nacionais para a educação superior e também para adequar o curso às exigências regionais.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo do IFRO deve obediência aos princípios gerais de educação emanados das Diretrizes Curriculares Nacionais e de todos os documentos reguladores da educação nacional.

O graduando em Arquitetura e Urbanismo trabalha com um repertório de informações e habilidades composto pela pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada pelo exercício da profissão, fundamentando-se em interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Este repertório deve se constituir por meio de múltiplos olhares, próprios das ciências, das culturas, das artes, da vida cotidiana, que proporcionam leitura das relações sociais e étnico-raciais, também dos processos educativos por estas desencadeados.

Para a formação do bacharel em Arquitetura e Urbanismo é importante ressaltar que o conhecimento adquirido na escola é o referencial para a organização da vida e do trabalho. Os estudos e o conhecimento devem servir como principal base de promoção, com equidade, do exercício pleno da cidadania.

1.6.4 Da Matriz Curricular do Curso

MATRIZ CURRICULAR UNIFICADA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO RESOLUÇÃO Nº12/CEPEX/IFRO/2017							
Períodos	Disciplinas	Código da disciplina	CH Semanal	CH Teórica	CH Prática	Hora-aula	Hora-relógio
1º	Introdução a Arquitetura e Urbanismo	IAU-01	3	60	-	60	50
	Projeto Alternativo	PRA-01	3	20	40	60	50
	Plástica	PLA-01	3	20	40	60	50
	Desenho Arquitetônico I	DAQ-01	6	40	80	120	100
	Estética e História da Arte I	EHA-01	2	40	-	40	33,3
	Física Aplicada à Arquitetura I	FAA-01	2	40	-	40	33,3
	Comunicação e Expressão	COE-01	3	60	-	60	50
	Matemática Aplicada à Arquitetura	MAA-01	4	80	-	80	66,7
	Metodologia do Trabalho Científico	MTC-01	3	60	-	60	50
	SUBTOTAL 1		29	420	160	580	483,3



2º	Física Aplicada à Arquitetura II	FAA-02	2	40	-	40	33,3
	Estética e História da Arte II	EHA-02	2	40	-	40	33,3
	Meios de Expressão	MEX-02	3	20	40	60	50
	Desenho Arquitetônico II	DAQ-02	3	20	40	60	50
	Topografia Aplicada à Arquitetura	TOP-02	4	30	50	80	66,7
	Geometria Descritiva Aplicada à Arquitetura	GDA-02	4	80	-	80	66,7
	Projeto de Arquitetura I	PRO-02	5	20	80	100	83,3
	Teoria e História da Arquitetura I	THA-02	2	40	-	40	33,3
	Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo I	IAU-02	3	20	40	60	50
	Metodologia de Extensão em Arquitetura e Urbanismo	EAU-02	2	10	30	40	33,3
	SUBTOTAL 2		30	320	280	600	499,9
3	Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo II	IAU-03	3	20	40	60	50
	Modelos Tridimensionais	MOT-03	3	20	40	60	50
	Projeto de Arquitetura II	PRO-03	5	20	80	100	83,3
	Teoria e História da Arquitetura II	THA-03	2	40	-	40	33,3
	Sistema Estrutural I	SIT-03	3	60	-	60	50
	Sociologia e Geografia Urbana	SGU-03	2	40	-	40	33,3
	Ergonomia e Acessibilidade	ERG-03	3	60	-	60	50
	Tecnologia da Construção	TEC-03	3	60	-	60	50
	Materiais de Construção I	MAC-03	3	60	-	60	50
	SUBTOTAL 3		27	380	160	540	449,9
	Práticas de Extensão em Arquitetura e Urbanismo ¹		-	-	-	-	40

¹ O item 1.11 Atividades de Extensão, explica o funcionamento das atividades de extensão e a curricularização destas.

MATRIZ CURRICULAR UNIFICADA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO RESOLUÇÃO Nº 12/CEPEX/IFRO/2017							
Períodos	Disciplinas	Código da disciplina	CH Semanal	CH Teórica	CH Prática	Hora-aula	Hora-relógio
4º	Projeto de Arquitetura III	PRO-04	5	20	80	100	83,3
	Teoria e História da Arquitetura III	THA-04	2	40	-	40	33,3
	Paisagismo I	PAG-04	3	20	40	60	50
	Sistema Estrutural II	SIT-04	3	60	-	60	50
	Estudos Ambientais e Urbanos	EAU-04	2	40	-	40	33,3
	Conforto Ambiental I: Térmico	CAT-04	4	80	-	80	66,7
	Materiais de Construção II	MAC-04	3	60	-	60	50
	Sistemas Prediais - Instalações Elétricas	SPE-04	4	50	30	80	66,7
	SUBTOTAL 4		26	370	150	520	433,3
	Práticas de Extensão em Arquitetura e Urbanismo		-	-	-	-	40
5º	Paisagismo II	PAG-05	3	20	40	60	50
	Projeto de Arquitetura IV	PRO-05	5	20	80	100	83,3
	Teoria e História da Arquitetura IV	THA-05	2	40	-	40	33,3
	Arquitetura no Brasil I	ARB-05	2	40	-	40	33,3
	Estruturas do Concreto Armado I	ECA-05	3	60	-	60	50
	Conforto Ambiental II: Luminoso	CAL-05	3	60	-	60	50
	Sistemas Prediais - Instalações Hidráulicas e Sanitárias	SPH-05	4	80	-	80	66,7



	SUBTOTAL 5		22	320	120	440	366,6
	Práticas de Extensão em Arquitetura e Urbanismo		3	-	-	-	60
6º	Paisagismo III	PAG-06	3	20	40	60	50
	Projeto de Arquitetura V	PRO-06	5	20	80	100	83,3
	Planejamento Urbano e Regional I	PLU-06	2	40	-	40	33,3
	Estruturas do Concreto Armado II	ECA-06	3	60	-	60	50
	Conforto Ambiental III: Acústico	CAA-06	3	60	-	60	50
	Sistemas Prediais - Instalações Especiais	SPE-06	3	60	-	60	50
	Arquitetura no Brasil II	ARB-06	2	40	-	40	33,3
	Projeto Urbano I	PUR-06	3	20	40	60	50
	Teoria e História da Arquitetura V	THA-06	2	40	-	40	33,3
	SUBTOTAL 6		26	360	160	520	433,2
	Práticas de Extensão em Arquitetura e Urbanismo		3	-	-	-	60
7º	Projeto de Arquitetura VI	PRO-07	5	20	80	100	83,3
	Arquitetura de Interiores	INT-07	4	20	60	80	66,7
	Projeto Urbano II	PUR-07	3	20	40	60	50
	Patrimônio Histórico e Cultural Edificado	PAT-07	3	60	-	60	50
	Composições Estruturais	COE-07	4	80	-	80	66,7
	Automação Predial	AUT-07	2	40	-	40	33,3
	Planejamento Urbano e Regional II	PLU-07	2	40	-	40	33,3
	Segurança no Trabalho	SEG-07	2	40	-	40	33,3
	SUBTOTAL 7		25	320	180	500	416,6
	Práticas de Extensão em Arquitetura e Urbanismo		3	-	-	-	60

MATRIZ CURRICULAR UNIFICADA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO RESOLUÇÃO Nº 12/CEPEX/IFRO/2017							
Períodos	Disciplinas	Código da disciplina	CH Semanal	CH Teórica	CH Prática	Hora-aula	Hora-relógio
8º	Projeto de Arquitetura VII	PRO-08	5	20	80	100	83,3
	Sustentabilidade no Ambiente Construído	SAC-08	3	60	-	60	50
	Projeto Urbano III	PUR-08	3	20	40	60	50
	Patologia das Construções	PAC-08	3	60	-	60	50
	Planejamento e Gerenciamento de Obras	PGO-08	2	40	-	40	33,3
	Orçamento de Obras	ORC-08	2	40	-	40	33,3
	Optativa I	OPT-08	2	10	30	40	33,3
	SUBTOTAL 8		20	250	150	400	333,2
	Práticas de Extensão em Arquitetura e Urbanismo		3	-	-	-	60
9º	Trabalho de Conclusão de Curso I	TCC-09	3	60	-	60	50
	Qualidade de Projeto	QPR-09	2	40	-	40	33,3
	Legislação e Prática Profissional em Arquitetura	LEG-09	2	40	-	40	33,3
	Optativa II	OPT-09	2	10	30	40	33,3
	SUBTOTAL 9		09	150	30	180	149,9
10º	Trabalho de Conclusão de Curso II	TCC-10	3	20	40	60	50
	SUBTOTAL 10		3	20	40	60	50



RESUMO DA CARGA-HORÁRIA DO CURSO	Hora/Aula	Hora/Relógio
Carga-horária Teórica	2910	3615,9
Carga-horária Prática	1430	
Atividades de Extensão ¹	-	320
Estágio Curricular Supervisionado ²	-	300
Atividades Complementares	-	150
TOTAL GERAL	4340	4385,9

¹ O item 1.11 Atividades de Extensão, explica o funcionamento das atividades de extensão e a curricularização destas.

² O item 1.8 Estágio Curricular Supervisionado explica o funcionamento do mesmo.



1.6.5 Dos Pré-requisitos

TABELA DE REQUISITOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO			
Períodos	Disciplinas	Código da disciplina	Pré-requisitos
1º	Introdução a Arquitetura e Urbanismo	IAU-01	-
	Projeto Alternativo	PRA-01	-
	Plástica	PLA-01	-
	Desenho Arquitetônico I	DAQ-01	-
	Estética e História da Arte I	EHA-01	-
	Física Aplicada à Arquitetura I	FAA-01	-
	Comunicação e Expressão	COE-01	-
	Matemática Aplicada à Arquitetura	MAA-01	-
	Metodologia do Trabalho Científico	MTC-01	-
2º	Física Aplicada à Arquitetura II	FAA-02	-
	Estética e História da Arte II	EHA-02	-
	Meios de Expressão	MEX-02	-
	Desenho Arquitetônico II	DAQ-02	DAQ-01
	Topografia Aplicada à Arquitetura	TOP-02	-
	Geometria Descritiva Aplicada à Arquitetura	GDA-02	-
	Projeto de Arquitetura I	PRO-02	DAQ-01
	Teoria e História da Arquitetura I	THA-02	-
	Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo I	IAU-02	DAQ-01
3º	Metodologia de Extensão em Arquitetura e Urbanismo	EAU-02	-
	Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo II	IAU-03	-
	Modelos Tridimensionais	MOT-03	-
	Projeto de Arquitetura II	PRO-03	DAQ-02
	Teoria e História da Arquitetura II	THA-03	-
	Sistema Estrutural I	SIT-03	-
	Sociologia e Geografia Urbana	SGU-03	-
	Ergonomia e Acessibilidade	ERG-03	-
	Tecnologia da Construção	TEC-03	-
4º	Materiais de Construção I	MAC-03	-
	Projeto de Arquitetura III	PRO-04	DAQ-02
	Teoria e História da Arquitetura III	THA-04	-
	Paisagismo I	PAG-04	-
	Sistema Estrutural II	SIT-04	SIT-03
	Estudos Ambientais e Urbanos	EAU-04	-
	Conforto Ambiental I: Térmico	CAT-04	-
	Materiais de Construção II	MAC-04	-
	Sistemas Prediais - Instalações Elétricas	SPE-04	-
5º	Paisagismo II	PAG-05	-
	Projeto de Arquitetura IV	PRO-05	DAQ-02
	Teoria e História da Arquitetura IV	THA-05	-
	Arquitetura no Brasil I	ARB-05	-
	Estruturas do Concreto Armado I	ECA-05	-

	Conforto Ambiental II: Luminoso	CAL-05	-
	Sistemas Prediais - Instalações Hidráulicas e Sanitárias	SPH-05	-

TABELA DE REQUISITOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO			
Períodos	Disciplinas	Código da disciplina	Pré-requisitos
6º	Paisagismo III	PAG-06	-
	Projeto de Arquitetura V	PRO-06	DAQ-02
	Planejamento Urbano e Regional I	PLU-06	-
	Estruturas do Concreto Armado II	ECA-06	ECA-05
	Conforto Ambiental III: Acústico	CAA-06	-
	Sistemas Prediais - Instalações Especiais	SPE-06	-
	Arquitetura no Brasil II	ARB-06	-
	Projeto Urbano I	PUR-06	-
	Teoria e História da Arquitetura V	THA-06	-
7º	Projeto de Arquitetura VI	PRO-07	DAQ-02
	Arquitetura de Interiores	INT-07	-
	Projeto Urbano II	PUR-07	-
	Patrimônio Histórico e Cultural Edificado	PAT-07	-
	Composições Estruturais	COE-07	-
	Automação Predial	AUT-07	-
	Planejamento Urbano e Regional II	PLU-07	PLU-06
	Segurança no Trabalho	SEG-07	-
8º	Projeto de Arquitetura VII	PRO-08	DAQ-02
	Sustentabilidade no Ambiente Construído	SAC-08	-
	Projeto Urbano III	PUR-08	-
	Patologia das Construções	PAC-08	-
	Planejamento e Gerenciamento de Obras	PGO-08	-
	Orçamento de Obras	ORC-08	-
	Optativa I	OPT-08	-
9º	Trabalho de Conclusão de Curso I	TCC-09	MTC-02; PRO-02; PRO-03; PRO-04; PRO-05; PRO-06; PRO-07; PRO-08; PUR-06; PUR-07; PUR-08.
	Qualidade de Projeto	QPR-09	-
	Legislação e Prática Profissional em Arquitetura	LEG-09	-
	Optativa II	OPT-09	-
10º	Trabalho de Conclusão de Curso II	TCC-10	Para cursar esta disciplina o discente, obrigatoriamente, terá que estar aprovado em todos os outros componentes curriculares.

1.6.6 Dos Planos de Disciplinas

SEMESTRE I

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Introdução à Arquitetura e Urbanismo		Código: IAU-01
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Conceituação de arquitetura: programa, partido e teorias. Áreas de atuação do profissional arquiteto e urbanista. Elementos modificadores da arquitetura. Apresentação de obras e arquitetos de relevância nacional e internacional.		
Referências básicas:		
CHING, Francis D K. Arquitetura, Forma, Espaço e Ordem . São Paulo: Martins Fontes, 1998.		
CHING, Francis D K. Introdução à Arquitetura . São Paulo: Martins Fontes, 2014.		
UNWIN, Simon. A análise da arquitetura . 3. Ed. Porto Alegre, Bookman, 2013.		
Referências complementares:		
BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade . 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.		
COLIN, Silvio. Uma Introdução à Arquitetura . Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.		
COSTA, Lucio. Sobre Arquitetura . Porto Alegre: UniRitter, 2007.		
LEMO, Carlos A. C. O que é Arquitetura . São Paulo: Melhoramentos, 1994.		
ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura . São Paulo: Martins Fontes, 2009.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto Alternativo		Código: PRA-01
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Conceitos de alternativo. Materiais de fonte renovável ou reciclados. Produto alternativo: matérias-primas, produção, concepção. Públicos alternativos.		
Referências básicas:		

PLUNKETT, Drew; BOOTH, Sam. **Mobiliário para o design de interiores**. GG, 2015.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**: Estudos Antropológicos Sobre a Cultura Material. Zahar, 2013.

THOMPSON, Rob. **Materiais Sustentáveis, Processos e Produção**. São Paulo: SENAC: 2015.

Referências complementares:

PAZMINO, Ana Veronica. **Como se Cria** - 40 métodos para design de produto. Edgard Blucher, 2015.

MINGUET, Josep Maria. **Arquitetura da Paisagem** - Mobiliário Urbano. Instituto Monsa, 2007.

BITENCOURT, Fábio. **Ergonomia e conforto humano**: uma visão da arquitetura, engenharia e design de interiores: Rio Books, 2011.

CAMBIAGHI, S. **Desenho Universal**: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. Senac. São Paulo, 2007.

NEUFERT, Ernst. **A Arte de Projetar em Arquitetura**. 17.ed.rev. e ampl. São Paulo: G. Gili do Brasil, 2004.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Plástica		Código: PLA-01
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Composições livres e sistemáticas (modulações) no processo de construção plástica da forma em sua dinâmica nos espaços bidimensional e tridimensional ordenando os elementos constituintes da linguagem plástica (ponto, linha, superfície, volume, luz e cor) em uma sintaxe visual (proporção, equilíbrio, ritmos) aplicada ao pensamento arquitetônico urbanístico moderno.		
Referências básicas:		
DONDIS, D. A. A Sintaxe da Linguagem Visual . 3ª Ed. São Paulo: Martins Editora, 2007.		
ARNHEIN, Rudolf. Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora . Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 1980. 503.		
FARINA, Modesto; LEAL, Jairo Pires. Psicodinâmica das Cores em Comunicação . 4 ed. São Paulo: E. Blucher, 1990. 230 p.		
Referências complementares:		
GOMES FILHO, João. Gestalt do Objeto: Sistema de Leitura Visual da Forma . 6 ed. São Paulo: Escrituras, 2004. 127p.		
MUNARI, Bruno. Design e Comunicação Visual: contribuição para uma metodologia didática . Tradução de Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 350 p.		

MONTENEGRO, Gildo A. **A Invenção do Projeto: a criatividade aplicada em desenho industrial, arquitetura, comunicação visual**. São Paulo: E. Blucher, 1987. 131 p.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e Símbolos: Desenho, Projeto e Significado**. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 334 p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1991.

PEDROSA, Israel. **Da Cor à cor inexistente**, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1989.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Desenho Arquitetônico I		Código: DAQ-01
CH Teórica: 40	CH Prática: 80	CH Total: 120
Ementa:		
Materiais e técnicas de expressão e representação de projetos de arquitetura. Utilização de instrumentos e materiais de desenho. Normas e convenções de expressão e representação de projeto através do desenho técnico (ABNT). Elementos de expressão e representação gráfica: linhas, traços, texturas, escalas, cotas. Caligrafia técnica. Vistas ortográficas e perspectiva isométrica. Formatos, carimbo e dobradura (normas da ABNT).		
Referências básicas:		
CHING, Francis. Representação Gráfica em Arquitetura . Trad. Luiz A. Meirelles Salgado. 3.ed Porto Alegre: Bookman, 2000.		
MONTENEGRO, Gildo A. Desenho Arquitetônico . São Paulo: Edgard Blacher, 2001.		
NEUFERT, Ernst. A Arte de projetar em Arquitetura . 18 ed. São Paulo: Ed. GG, 2013.		
Referências complementares:		
CHING, Frank D. K. Desenho Para Arquitetos . Porto Alegre: Bookman, 2012.		
CHING, Frank D. K. Técnicas de construção ilustradas . Porto Alegre: Bookman, 2010.		
MOLITERNO, Antonio. Caderno de projetos de telhados em estruturas de madeira . São Paulo: Edgard Blucher, 2001.		
SILVA, A. et. al. Desenho Técnico Moderno . São Paulo: Editora LTC, 2006.		
YEE, Rendow; SILVA, Luiz Felipe Coutinho Ferreira da. Desenho arquitetônico: um compêndio visual de tipos e métodos . 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Estética e História da Arte I		Código: EHA-01
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Estudo da história das artes e correntes estéticas. Métodos e técnicas das produções artísticas. Relação com os contextos sociais; econômicos e políticos, dos primórdios da civilização até a Revolução Francesa, com enfoque na arquitetura.		
Referências básicas:		
STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. Arte Comentada: da Pré-História ao Pós-Moderno. Tradução de Angela Lobo de Andrade. 15 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, 198 p.		
GOMBRICH, E. H. (ERNST HANS). A História da Arte. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, c1999. 688p.		
PROENÇA, GRAÇA. História da Arte , 17. Ed. São Paulo: Ática, 2008. 448p.		
Referências complementares:		
OLIVEIRA, JÔ; GARCEZ, LUCÍLIA. Explicando a Arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 157 p.		
DEMPSEY, AMY. Estilos, escolas e movimentos. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.		
PEVSNER, Nikolaus. As academias de arte, passado e presente. São Paulo: Cia das letras, 2005.		
BARDI, Pietro Maria. História da arte brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1975.		
LEITE, José Roberto Teixeira. Pintura moderna brasileira. Rio de Janeiro: Record, 1978.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Física Aplicada à Arquitetura I		Código: FAA-01
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Medidas e o Sistema Internacional de Unidades. Notação Científica. Grandezas Físicas. Cálculo vetorial. As leis fundamentais de Newton. Conceitos de dinâmica dos corpos. Equilíbrio estático dos corpos, apoios, reações e equações universais da Estática. Momento. Elementos de hidrostática.		
Referências básicas:		
SATO, H., RAMOS, I. M. L., Física para Edificações , Porto Alegre: Bookman, 2014.		
HALLIDAY, D., RESNICK, R., WALKER, J. Fundamentos de Física 1 – Mecânica. Vol. 1 - 10ª ed. Editora LTC, 2016.		
NUSSENZVEIG, H. M. Curso de física básica: mecânica. Vol. 1 - 5ª Ed., São Paulo: Blucher, 2013.		

Referências complementares:

- SALVADORI, M. **Por que os edifícios ficam de pé**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2008.
- TIPPLER, Paul A., MOSCA, Gene. **Física para cientistas e engenheiros: mecânica, oscilações e ondas, termodinâmica**. Vol. 1 – 6ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- CHAVES, Alaor. **Física básica: mecânica**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.
- HEWITT, Paul G. **Física conceitual**. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- KNIGHT, Randall D. **Física: uma abordagem estratégica**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- YOUNG, Hugh D.; FREEDMAN, Roger A. **Física I: mecânica**. 12. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2009.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Comunicação e Expressão

Código: COE-01

CH Teórica: 60

CH Prática: 00

CH Total: 60

Ementa:

A comunicação: evolução histórica; Linguagem e variações linguísticas; Língua oral e língua escrita: convenção ortográfica; A dimensão discursiva da linguagem; Texto e sentidos; Práticas sociais de linguagem: gêneros textuais, sequências textuais, suporte, domínio discursivo; Gêneros textuais que circulam nas esferas cotidiana, acadêmica e profissional; Qualidades e defeitos textuais; dos gêneros textuais; Coesão e coerência aplicadas aos gêneros; A gramática e suas partes; A gramática aplicada aos textos formais.

Referências básicas:

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva**: texto, semântica e interação. São Paulo: Saraiva, 2009.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação e prosa moderna**. São Paulo: FGV, 1999.

Referências complementares:

BLIKSTEIN, I. **Técnicas de comunicação escrita**. 22.ed., São Paulo: Ática, 2006.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática, teoria e prática**. São Paulo: Atual, 2000.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Ronaldo. **Redação discursiva e redação oficial**. [S. l.]: Obscuros, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes: 1992.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Matemática Aplicada à Arquitetura		Código: MAA-01
CH Teórica: 80	CH Prática: 00	CH Total: 80
Ementa:		
Sistema de Unidade de Medidas. Operações com números racionais: adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação. Equação. Inequação. Razão e proporção. Grandezas proporcionais: regra de três simples e composta. Porcentagem. Funções. Trigonometria: trigonometria no triângulo retângulo e trigonometria na circunferência. Noções de limites. Derivadas: regras de derivação, interpretação geométrica da derivada.		
Referências básicas:		
IEZZI, Gelson. MURAKAMI, Carlos. Fundamentos da Matemática Elementar: Conjuntos, Funções. v. 1, 9. ed., São Paulo: Atual, 2013.		
IEZZI, Gelson. DOLCE, Oswaldo. MURAKAMI, Carlos. Fundamentos da Matemática Elementar: Logaritmos. v. 2, 9. ed., São Paulo: Atual, 2013.		
IEZZI, Gelson. DOLCE, Oswaldo. MURAKAMI, Carlos. Fundamentos da Matemática Elementar: Trigonometria. v. 3, 9. ed., São Paulo: Atual, 2013.		
Referências complementares:		
OSVALDO, Dolce; IEZZI, Geolson; DEGENSZAJN, David. Matemática. São Paulo: Atual, 2015.		
ALMEIDA, Nilze de.; DOLCE, Oswaldo.; IEZZI, Gelson. Matemática: Ciência e Aplicações. v. 1. São Paulo: Atual, 2006.		
GENTIL, Nelson. Matemática para 2º Grau. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1993.		
MACHADO, Antonio dos Santos. Matemática: Temas e Metas — Conjuntos Numéricos e Funções. Volume 1. São Paulo: Atual, 1998.		
PAIVA, Manoel. Matemática. Volume Único. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Base Matemática).		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Metodologia do Trabalho Científico		Código: MTC-01
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Fundamentos da Metodologia Científica. A Comunicação Científica. Métodos e técnicas de pesquisa. A comunicação entre orientados/orientadores. Normas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. O pré-projeto de pesquisa. O Projeto de Pesquisa. O Experimento. A organização de texto científico (Normas ABNT).		
Referências básicas:		

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

CASTRO, Claudio de Moura. **A Prática da Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Pearson, 2006.

Referências complementares:

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Como ordenar as idéias**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CHASSOT, Áttico. **A ciência através dos tempos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. **Correspondência**: técnicas de comunicação criativa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

MEDEIROS, João Bosco. **Manual de redação e normalização textual**: técnicas de editoração e revisão. São Paulo: Atlas, 2002.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

SEMESTRE II

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Física Aplicada à Arquitetura II		Código: FAA-02
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Termometria. Dilatação Térmica. Processos de Transferência de Calor. Ondas e suas propriedades. Conceito de Luz. Propagação da Luz. Reflexão da Luz. Refração da Luz. Conceito de Som. Qualidades do Som. Fenômenos Sonoros: Reverberação, Reflexão, Propagação, Refração, Ressonância. Introdução a eletrodinâmica. Conceito de Corrente Elétrica, Tensão, Resistência Elétrica e Elementos de Circuito Elétrico.		
Referências básicas:		
HALLIDAY, D., RESNICK, R., WALKER, J. Fundamentos de Física 2 - Gravitação, Ondas, Termodinâmica. Vol. 2 - 10ª ed. Editora LTC, 2016.		
NUSSENZVEIG, H. M. Curso de física básica: Fluidos, Oscilações e Ondas de Calor. Vol. 2 - 5ª Ed., São Paulo: Blucher, 2013.		
TIPPLER, Paul A., MOSCA, Gene. Física para cientistas e engenheiros: mecânica, oscilações e ondas, termodinâmica. Vol. 2 - 6ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.		
Referências complementares:		
COSTA, Ennio Cruz da. Física aplicada a construção: conforto térmico. 4.ed.rev. São Paulo: Edgar Blucher, 1991.		
HEWITT, Paul G. Física conceitual. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.		
KNIGHT, Randall D. Física: uma abordagem estratégica. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.		
SATO, H., RAMOS, I. M. L., Física para Edificações, Porto Alegre: Bookman, 2014.		
SALVADORI, M. Por que os edifícios ficam de pé. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2008.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Estética e História da Arte II		Código: EHA-02
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Estudo da história das artes e correntes estéticas. Métodos e técnicas das produções artísticas. Relação com os contextos sociais, econômicos e políticos, da Revolução Francesa até a vanguarda dos séculos XX e XXI, com enfoque na arquitetura.		
Referências básicas:		

STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte Comentada: da Pré-História ao Pós-Moderno.** Tradução de Angela Lobo de Andrade. 15 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, 198 p.

GOMBRICH, E. H. (ERNST HANS). **A História da Arte.** Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos.** Tradução Bottmann, Frederico Carotti; 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Referências complementares:

DEMPSEY, AMY. **Estilos, escolas e movimentos.** São Paulo: Cosac & Naif, 2010.

PEVSNER, Nikolaus. **As academias de arte, passado e presente.** São Paulo: Cia das letras, 2005.

BARDI, Pietro Maria. **História da arte brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ZANINI, Walter. (org). **História Geral da Arte no Brasil.** São Paulo: IWMS, 1983.

LEITE, José Roberto Teixeira. **Pintura moderna brasileira.** Rio de Janeiro: Record, 1978.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Meios de Expressão

Código: MEX-02

CH Teórica: 20

CH Prática: 40

CH Total: 60

Ementa:

Sentido de investigação plástica: criatividade e linguagem, sólidos, planos, superfícies e curvas espaciais; Composição: técnicas e habilidades manuais; Materiais: lápis, giz de cera, tintas, colagem, hidrocor.

Referências básicas:

CHING, Francis D. K.; SALGADO, Luiz A. Meirelles. **Representação gráfica em arquitetura.** Porto Alegre: Bookman, 2000.

PARRAMÓN, José Maria. **Fundamentos do desenho artístico.** Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escritas como sistema de representação.** São Paulo: Grupo A, 2010.

Referências complementares:

VERGARA, Riba. **Aquarela O jeito fácil.** São Paulo: Vergara e Riba, 2012.

DOYLE, Michael E.; SCHINKE, Renate. **Desenho a cores: técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores.** Porto Alegre: Bookman, 2006.

CHING, Francis D. K; LAMPARELLI, Alvamar Helena. **Arquitetura: forma, espaço e ordem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEGGITT, Jim. **Desenho de arquitetura: técnicas e atalhos que usam tecnologia.** Porto Alegre:

Bookman, 2004.

HALLAWELL, Philip. **A mão livre: Linguagem e as técnicas do desenho**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Desenho Arquitetônico II		Código: DAQ-02
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Etapas de desenho de projeto arquitetônico (estudo preliminar, anteprojeto, projeto legal e executivo). Escadas e rampas. Implantação e cobertura.		
Referências básicas:		
CHING, Frank D. K. Desenho Para Arquitetos . Porot Alegre: Bookman, 2012.		
CHING, Frank D. K. Técnicas de construção ilustradas . Porto Alegre: Bookman, 2010.		
NEUFERT, Ernst. A Arte de projetar em Arquitetura . 18 ed. São Paulo: Ed. GG, 2013.		
Referências complementares:		
CHING, Francis. Representação Gráfica em Arquitetura . Trad. Luiz A. Meirelles Salgado. 3.ed Porto Alegre: Bookman, 2000.		
MOLITERNO, Antonio. Caderno de projetos de telhados em estruturas de madeira . São Paulo: Edgard Blucher, 2001.		
SILVA, A. et. al. Desenho Técnico Moderno . São Paulo: Editora LTC, 2006.		
YEE, Rendow; SILVA, Luiz Felipe Coutinho Ferreira da. Desenho arquitetônico: um compêndio visual de tipos e métodos . 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Topografia Aplicada à Arquitetura		Código: TOP-02
CH Teórica: 30	CH Prática: 50	CH Total: 80
Ementa:		
Conceitos, objetivos, divisões da Topografia. Equipamentos topográficos. Medição angular e linear. Nivelamento geométrico e trigonométrico. Levantamento planialtimétrico e altimétrico. Curva de nível. Locação de obra. Conceitos básicos de Sistemas de Informação em Georreferenciamento, Sensoriamento Remoto e GPS.		
Referências básicas:		

BORGES, Alberto de C. **Topografia vol. 1.** 3 ed. São Paulo:Blucher, 2013.

BORGES, Alberto de C. **Topografia vol. 2.** 2 ed. São Paulo: Blucher, 2013.

BORGES, Alberto de C. **Exercícios de Topografia.** São Paulo: Blucher, 1975.

Referências complementares:

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 13133 - **Execução de levantamento topográfico.** Rio de Janeiro, 1994.

CASACA, João; MATOS, João; BAILO, Miguel. **Topografia Geral.** Rio de Janeiro: LTC, 2007.

COMASTRI, J. A. **Topografia altimetria.** Viçosa: UFV, 1999.

COSTA, Aluizio Alves da. **Topografia.** Curitiba: Livro Técnico, 2011.

NOVO, Evelyn Marcia Leão de Moraes. **Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações.** 4 ed. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2010.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Geometria Descritiva Aplicada à Arquitetura

Código: GDA-02

CH Teórica: 80

CH Prática: 00

CH Total: 80

Ementa:

Geometria Plana: Ângulos, principais figuras planas, teorema de Tales, perímetro e áreas de regiões plana.

Geometria Analítica: Pontos notáveis do triângulo. Distância entre dois pontos. Condição de alinhamento de três pontos. Retas: equação geral, equação reduzida, representação gráfica. Equações da circunferência. Cônicas: elipse, hipérbole, parábola.

Geometria Espacial, de posição e métrica: Conceitos primitivos de ponto, reta, plano. Postulados e axiomas. Ângulos. Posições relativas entre: retas, reta e plano; reta e circunferência, plano e plano. Poliedros de Platão, prismas, cilindros, pirâmide, cones e esferas, área e volume.

Referências básicas:

IEZZI, Gelson. **Fundamentos da Matemática Elementar: Geometria Analítica.** v. 7, 9. ed., São Paulo: Atual, 2013.

DOLCE, Oswaldo. POMPEO, José Nicolau. **Fundamentos da Matemática Elementar: Geometria Plana.** v. 9, 9. ed., São Paulo: Atual, 2013.

DOLCE, Oswaldo. POMPEO, José Nicolau. **Fundamentos da Matemática Elementar: Geometria Espacial Posição e Métrica.** v. 10, 9. ed., São Paulo: Atual, 2013.

Referências complementares:

LACOURT, Helena. **Noções e Fundamentos de Geometria Descritiva**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

OSVALDO, Dolce; IEZZI, Geolson; DEGENSZAJN, David. **Matemática**. São Paulo: Atual, 2015.

GENTIL, Nelson. **Matemática para 2º Grau**. v. 2 e 3. São Paulo: Ática, 1997.

ALMEIDA, Nilze de.; DOLCE, Osvaldo.; IEZZI, Gelson. **Matemática: Ciência e Aplicações**. v. 1. São Paulo: Atual, 2006.

PAIVA, Manoel. **Matemática**. Volume Único. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Base Matemática).

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura I		Código: PRO-02
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações residenciais unifamiliares, abordando aspectos sociais, culturais, plásticos e construtivos envolvidos na edificação. Habitação no Brasil e na América Latina. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos. Aspectos teórico-metodológicos do processo projetual.		
Referências básicas:		
CHING, Francis D. K. Arquitetura, Forma, Espaço e Ordem . Bookman, 2013.		
HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura . São Paulo: Martins Fontes, 2015.		
NEUFERT, E. A Arte de Projetar Em Arquitetura . GG, 2013.		
Referências complementares:		
BRANDÃO, Ludmila L. A Casa Subjetiva . São Paulo: Perspectiva, 2002.		
BROWN, G.Z. DEKAY, M. Sol, vento & luz: estratégias para o projeto de arquitetura . Porto Alegre: Bookman, 2004.		
NEUFERT, P. NEFF, L. Casa, Apartamento, Jardim: Projetar com conhecimento . G Ermakoff, 2007.		
RUTMAN, Jacques; CAROL, Jackie. Casas Projetos e Detalhes . J.J. Carol, 2015.		
VOORDT, Theo J. M. VAN Der; WEGEN, Herman B. R. Van. Arquitetura sob o olhar do usuário - programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações. Oficina de Textos, 2013.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Teoria e História da Arquitetura I		Código: THA-02
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Estudo dos fundamentos e aspectos da cultura arquitetônica na Antiguidade: técnicas construtivas, espacialidade e princípios. A Antiguidade pré-clássica e a arquitetura – relações entre os aspectos técnico-construtivos e estéticos. Análise da Antiguidade clássica: arquitetura em Grécia e Roma – aproximações e diferenças; antecedentes e fundamentos. Caracterização da linguagem clássica da arquitetura.		
Referências básicas:		
CURTIS, William J. R. Arquitetura Moderna desde 1900 . 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.		
KOCH, Wilfried. Dicionário de estilos arquitetônicos . São Paulo: Martins Fontes, 2008.		
SUMMERSON, John. A linguagem clássica da arquitetura . São Paulo: Martins Fontes, 2009.		
Referências complementares:		
CHING, F. D. K. Dicionário visual de arquitetura . São Paulo: Martins Fontes, 1999.		
GIEDION, Siegfried. Espaço, tempo e arquitetura . São Paulo: Martins Fontes, 2004.		
MÜLLER, Werner, VOGEL, Gunther. Atlas de arquitetura . Madri: Alianza, 1999, v.1 e 2.		
NORBERG-SCHULZ, Christian. Arquitetura Occidental . 4.ed. Barcelona: G. Gili, 2001.		
PEVSNER, Nikolaus. Panorama da Arquitetura Ocidental . São Paulo: Martins Fontes, 2002.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo I		Código: IAU-02
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Utilização de recursos computacionais como ferramenta de concepção e representação de projeto. Domínio da lógica de operação dos softwares de CAD dedicados ao projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico em duas dimensões.		
Referências básicas:		
BALDAM, Roquemar de Lima. AutoCAD 2016: utilizando totalmente . São Paulo: Érica, 2016.		
KATORI, R. AutoCAD 2016: Projetos em 2D . São Paulo: SENAC, 2015.		
LIMA, Claudia Campos Netto Alves de. Estudo dirigido de AutoCAD 2016 . São Paulo: Érica, 2015.		
Referências complementares:		

CHING, F.K. **Representação Gráfica em Arquitetura**. Porto Alegre: Bookmann, 1996.

JUNGHANS, Daniel. **Informática Aplicada ao Desenho Técnico**. Curitiba: Base Editorial, 2010.

LEGGITT, J. **Desenho de Arquitetura**. Porto Alegre: Bookmann, 2002.

MATSUMOTO, Élia Yathie. **AutoCAD 2006 - Guia Prático - 2D & 3D**. São Paulo: Editora Érica, 2005.

MONTENEGRO, Gildo. **Desenho arquitetônico**. São Paulo: Edgard Blücher.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Metodologia de Extensão em Arquitetura e Urbanismo		Código: EAU-02
CH Teórica: 10	CH Prática: 30	CH Total: 40
Ementa:		
Definição de projeto integrador e seus objetivos; interdisciplinaridade e transdisciplinaridade em arquitetura e urbanismo; indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão; o papel da extensão nos Institutos Federais; etapas do projeto; normas para elaboração de projeto integrador de extensão.		
Referências básicas:		
FAZENDA, I. C. A. (org.). O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.		
GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.		
MELO NETO, José Francisco. Extensão universitária: bases ontológicas . João Pessoa: Editora Universitária, 2002.		
Referências complementares:		
BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. (Série legislação ; n. 125)		
FAGUNDES, J. Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas . Campinas: Editora UNICAMP, 1986.		
FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: qual o sentido? 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2006.		
Florianópolis: Perspectiva , v.33, n.3, p.1229-1256, set./dez. 2015.		
PETRAGLIA, I. C. Interdisciplinaridade: o cultivo do professor . São Paulo: Pioneira, Universidade São Francisco, 1993.		

SEMESTRE III

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo II		Código: IAU-03
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Técnicas de apresentação de projetos em 3D. Técnicas de ilustração e apresentação de projetos através dos diversos recursos tecnológicos. Renderização.		
Referências básicas:		
GARCIA, José. REVIT ARCHITECTURE 2015® Curso Completo. 2ªed. Lisboa. Ed. FCA, 2015.		
LIMA, Cláudia C. N. A. REVIT ARCHITECTURE 2013® Conceitos e Aplicações. 1ªed. São Paulo. Ed. Érica, 2012.		
MATSUMOTO, Élia Yathie. AutoCAD 2006 - Guia Prático - 2D & 3D . São Paulo: Editora Érica. 2005.		

Referências complementares:
DUARTE, Fábio. Arquitetura e tecnologia da informação . São Paulo: Annablume, 1999.
GASPAR, João. Google SketchUp Pro 7 passo a passo . São Paulo: Vector pro, 2009.
KNOLL, Wolfgang. Maquetes arquitetônicas . São Paulo: Martins Fontes, 2003.
LEGGITT, J. Desenho de Arquitetura . Técnicas e Atalhos que usam Tecnologia. Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.
MILLS, Criss. Projetando com maquetes . Porto Alegre: Bookman, 2007.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Modelos Tridimensionais		Código: MOT-03
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Interpretação e análise do ambiente construído através da elaboração de modelos tridimensionais físicos (maquetes). Utilização de modelos tridimensionais físicos na simulação de sistemas construtivos, na compreensão de elementos arquitetônicos e no desenvolvimento do projeto. Noções de escala. Relação e interação dos materiais com o espaço arquitetônico criado.		
Referências básicas:		

CONSALEZ, Lorenzo. **Maquetes**: a representação do espaço no projeto arquitetônico. São Paulo: Gustavo Gili, 2001.

HESHINGER, M e WOLGANG, K. **Maquetas de Arquitectura** - Tecnicas y Construcción. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1995.

KNOLL, Wolfgang. **Maquetes Arquitetônicas**. São Paulo: Paperback, 2003.

Referências complementares:

DUNN, Nick. **Maquetas de arquitectura**: médios, tipos e aplicación. Barcelona: Blume, 2010.

MILLS, Criss. **Projetando com maquetes**. Porto Alegre: Bookman, 2007.

NACCA, Regina M. **Maquetes e Miniaturas** - Técnicas de Montagem Passo-a-passo. São Paulo: Giz Editorial, 2006.

ROCHA, P. M. **Maquetes de Papel**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. Tradução de Alvamar Helena Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura II		Código: PRO-03
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações de uso misto e projeto de reforma, abordando aspectos ambientais, sociais, culturais, técnicos, plásticos, construtivos e econômicos envolvidos na edificação. Relação funcional, espacial e volumétrica com o entorno urbano. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		
DEVECCHI, Alejandra Maria. Reformar não é construir - A reabilitação de edifícios verticais. São Paulo: SENAC, 2014.		
GURGEL, Miriam. Organizando espaços: guia de decoração e reforma de residências. São Paulo: SENAC, 2012.		
NEUFERT, P. NEFF, L. Casa, Apartamento, Jardim: Projetar com conhecimento. G Ermakoff, 2007.		
Referências complementares:		
KOWALTOWSKI, Doris; et al. O processo de projeto em Arquitetura: da teoria a tecnologia. Oficina de Textos, 2011.		
SATTler, Miguel A.. Ecoconstruções. In Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística / Marta Adriana Bustos Romero, org. Brasília: FAU/UnB, 2009.		
SCHNEIDER, Friedericke. Atlas de Plantas, Viviendas. Barcelona: Gustavo Gili, 1992.		
UNWIN, Simon. Exercícios de Arquitetura: Aprendendo a Pensar como um Arquiteto. Bookman Companhia, 2013.		
ZANETTINI, Siegbert. Arquitetura Razão Sensibilidade. EDUSP, 2002.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Teoria e História da Arquitetura II		Código: THA-03
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Estudo da arquitetura medieval, antecedentes e evoluções: arquitetura bizantina, arquitetura cristã primitiva. Caracterização da arquitetura Românica e Gótica. O desenvolvimento da cultura arquitetônica do Renascimento.		

Referências básicas:

- FURNEAUX-JORDAN, R. **História da arquitetura no ocidente**. Lisboa: Verbo, 1985.
- FOCILLON, Henri. **Arte do ocidente: idade média românica e gótica**. Lisboa: Estampa, 1980.
- KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Referências complementares:

- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- COLE, Emile. **A gramática da arquitetura**. Lisboa: Livros e livros, 2003.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitetura ocidental**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- ROTH, Leland M. **Entender la arquitetura: sus elementos, história y significado**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e urbanismo		
Disciplina: Sistema Estrutural I		Código: SIT-03
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Estática das construções. Proporcionar o conhecimento dos conceitos de estabilidade das construções. Apresentação dos elementos e sistemas estruturais. Relacionamento entre a forma e a função estrutural. Definição dos tipos de carregamento nas estruturas. Cargas previstas nas normas estruturais. Condições de equilíbrio. Classificação das estruturas quanto a seus graus de estabilidade (hipostática, isostáticas e hiperestáticas) Apoios, vínculos e ligações: cálculo de reação de apoio. Apresentação dos esforços seccionais: esforço normal e cortante; momento fletor e torção para estruturas isostáticas.		
Referências básicas:		
MELCONIAN, S. Mecânica Técnica e resistência dos Materiais . 19 ed. Saraiva, 2012.		
REBELLO, Y.C.P. A concepção estrutural e a arquitetura . 9 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2014.		
VIEIRA, E. H. Isostática – Passo a passo – Sistema estruturais em engenharia e arquitetura . 3 ed. Educ, 2011.		
Referências complementares:		
BOTELHO, M. H. C. Concreto Armado, eu te amo – para arquitetos . 3 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2016.		
BOTELHO, M. H. C. Resistência dos materiais: para entender e gostar . 3. Ed. São Paulo:		

Edgard Blucher, 2015.

BOTELHO, M. H. C.; MARCHETTI, O. **Concreto Armado, eu te amo**. 8 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2015 v.1

CHING, F. D. K; ONOWYE, B. S.; ZUBERBUHLER, D. **Sistemas estruturais ilustrados – Padrões, sistema e projetos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015

Salgado, J.C.P; **Estrutura na construção civil**. 1 ed. Editora Erica, 2015

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Sociologia e Geografia Urbana		Código: SGU-03
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
O fenômeno urbano e a abordagem antropológica. Estudo da produção capitalista da cidade. Agentes produtores do espaço urbano. Produção social da cidade. Urbanização e industrialização. Segregação sócio-espacial. Reforma urbana e gestão democrática. Processo de metropolização. Cultura e transformação urbana. Direitos humanos voltados ao ambiente construído.		
Referências básicas:		
ARON, Raymond. Weber in: As Etapas do Pensamento Sociológicos . São Paulo, Martins Fontes, 2000.		
LEEDS, A. & Leeds, M. A Sociologia do Brasil Urbano . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.		
MELLO, Marcelo Pereira de (org.) Justiça e Sociedade: temas e perspectivas . São Paulo: LTr, 2001.		
Referências complementares:		
HARVEY, David. A condição pós-moderna . São Paulo: Edições Loyola, 1992.		
RIBEIRO, L. C. Q. (org.) O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade . Rio de Janeiro, Revan, FASE, 2000.		
SASSEM, Saskia. Sociologia da globalização . Porto Alegre: Artmed, 2010.		
SJOBERG, Gedeon. Origem e evolução das cidades . Rio de Janeiro: Zahar, 1972.		
VELHO, O. G. O fenômeno urbano . Rio, Zahar, 1973.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Ergonomia e Acessibilidade		Código: ERG-03
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Ergonomia e Acessibilidade: Conceitos e Pesquisas. Medidas antropométricas e o espaço. Tabelas e padrões antropométricos. O posto de trabalho. Exigências ambientais do posto de trabalho. Posturas. Análise e crítica ergonômica de um objeto particular. Aplicação em projeto de arquitetura e urbanismo.		
Referências básicas:		
ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamento urbanos. NBR 9050 . ABNT. Rio de Janeiro, 2003.		
IIDA, Itiro. Ergonomia: Projeto e Produção . 2.ed. rev. E ampl. São Paulo: e. Blucher, 2005.		
KROEMER, K. H. E.; GRANDJEAN, E. Manual de Ergonomia : adaptando o trabalho ao homem. Tradução de Lia Buarque de Macedo Guimarães. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.		
Referências complementares:		
BITENCOURT, Fábio. Ergonomia e conforto humano : uma visão da arquitetura, engenharia e design de interiores: Rio Books, 2011.		
CAMBIAGHI, S. Desenho Universal : métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. Senac. São Paulo, 2007.		
CORRÊA, Rosa Maria (org.). Avanços e desafios na construção de uma sociedade inclusiva . Belo Horizonte : Sociedade Inclusiva/PUC-MG, 2008.		
NEUFERT, Ernst. A Arte de Projetar em Arquitetura . 17.ed.rev. e ampl. São Paulo: G. Gili do Brasil, 2004.		
PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. Dimensionamento humano para espaços interiores : um livro de consulta e referência para projetos. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Tecnologia da Construção		Código: TEC-03
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Conceitos: tipos de fundações e estruturas. Implantação de obras de edificações e serviços preliminares. Infraestrutura de edificações. Superestrutura de edificações. Alvenaria. Esquadrias. Cobertura. Instalações. Revestimentos. Pintura. Impermeabilização. Vidros. Limpeza e serviços complementares. Sistemas construtivos e sistemas industrializados.		
Referências básicas:		

AZEREDO, Hélio Alves de. **O Edifício até a Sua Cobertura**. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

SALGADO, Júlio. **Técnicas e práticas Construtivas para Edificações**. 2 ed. São Paulo : Érica, 2009.

SOUZA, Roberto; MEKBEKIAN, Geraldo. **Qualidade na aquisição de materiais e execução de obras**. São Paulo: PINI, 1996.

Referências complementares:

AZEREDO, Hélio Alves de. **O Edifício e Seu Acabamento**. São Paulo: Edgard Blücher, 1987.

MONTANER, J.M. **Sistemas arquitectónicos contemporâneos**. Barcelona: GG, 2008.

NENNEWITZ.I. **Manual de Tecnologia da Madeira**. São Paulo: Blucher, 2008.

RIPPER, Ernesto. **Manual Prático de Materiais de Construção**. São Paulo, PINI, 1995.

SALGADO, Júlio. **Técnicas e práticas Construtivas para Edificações**. 2 ed. São Paulo : Érica, 2009. 6 ex.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Materiais de Construção I		Código: MAC-03
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Evolução histórica dos materiais; Condições de uso dos materiais; Propriedades dos materiais; Normas técnicas referentes ao uso dos materiais; Agregados; Aglomerantes; Argamassa; Água de amassamento; Concreto		
Referências básicas:		
BAUER, L. A. F. Materiais de construção . Volume 1. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008		
BROOKS, J. J. NEVILLE, A. M. Tecnologia do concreto . 2 ed. Porto Alegre: BOOKMAN, 2010.		
RIBEIRO, C. C. PINTO, J. D. S. STARLING, T. Materiais de construção . 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.		
Referências complementares:		
AZEREDO, H. A. O edifício até sua cobertura . 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.		
AZEREDO, H. A. O edifício e seu acabamento . 1 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1987.		
CALLISTER Jr, W. D. RETHWISCH, D. G. Ciência e engenharia de materiais – uma introdução . 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.		
MEHTA, P. K. MONTEIRO, P. J. M. Concreto: microestrutura, propriedades e materiais . 2 ed. São Paulo: IBRACON, 2014.		

YAZIGI, W. **A técnica de edificar**. 15 ed. São Paulo: PINI, 2016.

SEMESTRE IV

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura III		Código: PRO-04
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações de uso comercial (médio a grande porte), abordando aspectos ambientais, sociais, culturais, técnicos, plásticos, construtivos e econômicos envolvidos na edificação. Relação funcional, espacial, volumétrica e de escala com o entorno urbano. Ambientes acessíveis e autonomia dos indivíduos. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		
GONÇALVES, Joana Carla Soares; BODE, Klaus. Edifício Ambiental . Oficina de Textos, 2015.		
UNWIN, Simon. Vinte edifícios que todo arquiteto deve compreender . Martins Fontes, 2013.		
ZANETTINI, Siegbert. Arquitetura Razão Sensibilidade . EDUSP, 2002.		
Referências complementares:		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT NBR 9050 – Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos . Rio de Janeiro, 2015.		
CANIZARES, Ana Cristina G. Edifícios singulares nuevas creaciones . Gustavo Gili, 2005.		
CHING, Francis. Arquitetura: forma, espaço e ordem . Bookman, 2013.		
NEUFERT, P. NEFF, L. Casa, Apartamento, Jardim: Projetar com conhecimento . G Ermakoff, 2007.		
WESTON, Richard. Plantas, cortes e elevações: edifícios chave do século XX . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Teoria e História da Arquitetura III		Código: THA-04
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
A evolução da arquitetura e das cidades durante o século XIX. A arquitetura e a cidade segundo os ideais neoclássicos. O Historicismo, o Romantismo e Ecletismo. A Revolução industrial, as transformações urbanas e os novos materiais de construção introduzidos na arquitetura.		

Referências básicas:

- GIEDION, Siegfried. **Espaço, tempo e arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

Referências complementares:

- BENEVOLO, Leonardo. **As Origens da Urbanística Moderna**. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo, Perspectiva: 2003.
- CHOAY, Françoise. **A Regra e o Modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FABRIS, A. **O ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Editora Nobel, EDUSP, 1987.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Paisagismo I

Código: PAG-04

CH Teórica: 20

CH Prática: 40

CH Total: 60

Ementa:

Introdução ao Estudo da Paisagem. Morfologia da Paisagem Urbana. A História dos Jardins e do Paisagismo. A Percepção da Paisagem. Paisagem, Ambiente, Espaço.

Referências básicas:

- MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: ITAÚ, 1999.
- SERPA, Angelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento Ambiental: Teoria e Prática**. São Paulo: Oficina de textos, 2004.

Referências complementares:

- FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico**. São Paulo: Annablume, 1997.
- LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002. 2 v.
- LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira De. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 3. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2003.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2004.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e urbanismo

Disciplina: Sistema Estrutural II

Código: SIT-04

CH Teórica: 60

CH Prática: 00

CH Total: 60

Ementa:

Morfologia e classificação de elementos estruturais. Introdução à geometria das massas: centro de gravidade; momentos estático e inércia. Casos simples de determinação de tensões e deformações. Tração, compressão e flexão. Princípios que relacionam forma, força e material dos elementos estruturais. Escolhas estruturais no desenvolvimento de projeto arquitetônico.

Referências básicas:

MELCONIAN, S. **Mecânica Técnica e resistência dos Materiais**. 19 ed. Saraiva, 2012.

REBELLO, Y.C.P. **A concepção estrutural e a arquitetura**. 9 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2014.

Vieira, E. H. **Isostática – Passo a passo – Sistemas estruturais em engenharia e arquitetura**. 3 ed. Educ, 2011.

Referências complementares:

BOTELHO, M. H. C. **Concreto Armado, eu te amo – para arquitetos**. 3 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2016.

BOTELHO, M. H. C.; MARCHETTI, O. **Concreto Armado, eu te amo**. 4 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2015 v.2.

BOTELHO, M. H. C.; MARCHETTI, O. **Concreto Armado, eu te amo**. 8 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2015 v.1.

CHING, F. D. K; ONOWYE, B. S.; ZUBERBUHLER, D. **Sistemas estruturais ilustrados – Padrões, sistema e projetos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookmam, 2015.

Salgado, J.C.P; **Estrutura na construção civil**. 1 ed. Editora Érica, 2015.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Estudos Ambientais Urbanos

Código: EAU-04

CH Teórica: 40

CH Prática: 00

CH Total: 40

Ementa:

Impactos da urbanização. Qualidade de vida e alterações ambientais. Principais elementos ambientais alterados pelo processo de urbanização. Princípios do desenvolvimento sustentável aplicados ao ambiente urbano. Planejamento e metodologias de estudo ambiental. Legislação e instrumentos urbanísticos ambientais e correlatas.

Referências básicas:

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental**: uma introdução á arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, 1997. 224 p., il.

MASCARÓ, Lucia. **Ambiência Urbana**. 3 Ed. Porto Alegre, 2009.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Editora UnB, 2001. 225 p., il. (Coleção Arquitetura Urbanismo).

Referências complementares:

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 16.ed. Petropolis: Vozes, 1999. 199 p., il.

BRASIL. Casa Civil. **Legislação ambiental brasileira**. Disponível em:
<<http://www.casacivil.gov.br/>>

GUERRA, Antonio Jose Teixeira. **Geomorfologia Urbana**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3.ed. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2009. xi, 307 p., il.

SCARLATO, Francisco Capuano; PONTIN, Joel Arnaldo. **O Ambiente Urbano**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1999.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Conforto Ambiental I: Térmico

Código: CAT-04

CH Teórica: 80

CH Prática: 00

CH Total: 80

Ementa:

Arquitetura bioclimática e o clima como determinante das soluções arquitetônicas. Zonas e índices de conforto. Respostas humanas ao ambiente térmico. Técnicas passivas de condicionamento ambiental. Qualidade ambiental. Fundamentos de desempenho térmico e de ventilação natural no ambiente construído.

Referências básicas:

BROWN, G .Z., DEKAY, Mark. **Sol, vento & luz: estratégias para o projeto de arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GURGEL, Miriam. **Design Passivo - Baixo Consumo Energético**. Guia para conhecer, entender e aplicar os princípios do Design Passivo em residências. Editora SENAC São Paulo.

WASSOUF, Micheel. **Da Casa Passiva À Norma Passivhaus - A Arquitetura Passiva Em Climas Quentes**. GG, 2014.

Referências complementares:

ABNT. NBR 15220:2005 **Desempenho térmico de edificações.**

BITTENCOURT, Leonardo. **Introdução a Ventilação Natural.** 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

CORBELLA, Oscar, YANNAS, Simos. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental.** Rio de Janeiro: Revan, 2003.

LAMBERTS, R.; DUTRA, L.; PEREIRA, F. **Eficiência Energética na Arquitetura.** Eletrobras/PROCEL, 2014.

OLGYAY, Victor. **Arquitectura y clima: manual de diseño bioclimático para arquitectos y urbanistas.** Barcelona: G.Gili, 1998.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Materiais de Construção II		Código: MAC-04
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Concretos especiais; Metais para construção civil; Vidros; Produtos cerâmicos; Madeira; Tintas e vernizes; Polímeros		
Referências básicas:		
AMBROZEWICZ, P. H. L. Materiais de construção. 1 ed. São Paulo: PINI, 2012.		
BAUER, L. A. F. Materiais de construção. Volume 2. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.		
NEVILLE, A. M. BROOKS, J. J. Tecnologia do concreto. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.		
Referências complementares:		
AITCIN, P. C. Concreto de alto desempenho. 1 ed. São Paulo: PINI, 2000.		
PFEIL, W. PFEIL, M. Estruturas de madeira. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.		
TUTIKIAN, B. F. DAL MOLIN, D. C. Concreto autoadensável. 2º ed. São Paulo: PINI, 2015.		
WIEBECK, H. HARADA, J. Plásticos de engenharia: tecnologia e aplicações. 1 ed. São Paulo: ARTLIBER, 2005.		
ZANETTINI, S. A obra em aço de Zanettini. 1 ed. São Paulo: JJ Carol, 2013.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Sistemas Prediais - Instalações Elétricas		Código: SPE-04
CH Teórica: 50	CH Prática: 30	CH Total: 80
Ementa:		

Conceitos fundamentais de suprimento de energia elétrica nas edificações. Projeto das instalações elétricas, telefonia e comunicações.

Referências básicas:

CAVALIN, G.; CERVELIN, S. **Instalações elétricas Prediais**. São Paulo: Érica, 2010.

CREDER, H. **Instalações Elétricas**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

NISKIER, J., MACINTYRE, A. J. **Instalações Elétricas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Referências complementares:

ABNT. **NBR5410**: Instalações Elétricas de Baixa Tensão. Rio de Janeiro, Set. 2004.

COTRIN, A. A.M.B. **Instalações Elétricas**. Mc Graw Hill, 2003

MOREIRA, V.A., **Iluminação Elétrica**. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.

MOREIRA, Vinicius de Araujo. **Iluminação Elétrica**. São Paulo: Blücher, 2001.

PRYSMIAN. **Instalações Elétricas Residenciais**. Santo André: Prysmian. 2006.

SEMESTRE V

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Paisagismo II		Código: PAG-05
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Morfologia da paisagem urbana e dos espaços livres urbanos. Linhas projetuais da paisagem urbana. O projeto e o detalhamento da paisagem. Projetos em espaços públicos e parques. Avaliação da potencialidade do projeto. Implantação e manutenção de projetos paisagísticos. Projetos paisagístico de pequena a média escala.		
Referências básicas:		
BARBOSA, A C. S. Paisagismo, jardinagem & plantas ornamentais . São Paulo: Editora Iglu, 1989.		
LORENZI, Harri. Árvores brasileiras : manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002. 2 v.		
LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira De. Plantas ornamentais no Brasil : arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2003.		
Referências complementares:		
BROWN, J. El jardim moderno . Barcelona: Gustavo Gilli, 2000.		
LEENHARDT, Jacques. (org.) Nos Jardins de Burle Marx . Ed. Perspectiva, 2000.		
MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. Parques Urbanos no Brasil = Brazilian urban parks. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2010.		
SEGAWA, H. Ao amor do público: jardins no Brasil . São Paulo: Terceiro Nome, 2000.		
SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea . São Paulo: Contexto, 2009.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura IV		Código: PRO-05
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações públicas, com ênfase nos usos e inter-relações espaciais, circulações e fluxos, assim como normas intrínsecas ao uso, acessibilidade, eficiência energética e arquitetura bioclimática. Abordando ainda aspectos ambientais, sociais, culturais, técnicos, plásticos, construtivos e econômicos envolvidos na edificação, favorecendo o raciocínio sistêmico. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		

BEASCOA, Felix Solaguren. **Anne Jacobsen** – Edifícios Públicos. Gustavo Gili, 2005.

CORBELLA, Oscar; YANNAS, Simas. **Em Busca de Uma Arquitetura Sustentável**. Editora Revan, 2003.

KEELER, Marian; BURKE, Bill. **Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis**. Editora Bookman, 2012.

Referências complementares:

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

KWOK, Alison G.; GRONDZIK, Walter T. **Manual de Arquitetura Ecológica** - 2 ed. BOOKMAN, 2013.

LAMBERTS, R, DUTRA, L., PEREIRA, F. O. R. **Eficiência energética na arquitetura**. ELETROBRAS, 2014.

ROAF, Sue; FUENTES, Manuel; THOMAS-REES, Stephanie. **Ecohouse: A Casa Ambientalmente Sustentável**. Editora Bookman, 2013

YUDELSON, Jerry. **Projeto integrado e construções sustentáveis**. Editora Bookman, 2013.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Teoria e História da Arquitetura IV		Código: THA-05
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Primeiras décadas do século XX. O Art Nouveau e o Art Deco. Pedagogia da Bauhaus. Movimentos que deram origem ao Modernismo, a obra dos grandes Mestres Modernistas: Frank L. Wright, Le Corbusier, Walter Gropius e Mies Van Der Rohe e sua influência na arquitetura de outros países. Matrizes e vertentes do racionalismo do movimento moderno; avanços tecnológicos e científicos da época. Relações entre arte, arquitetura e cidade neste período.		
Referências básicas:		
ARGAN, Giulio C. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos . São Paulo: Companhia das Letras, 2010.		
BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna . São Paulo: Perspectiva, 2011.		
CURTIS, William J.C. Arquitetura moderna desde 1900 . Porto Alegre: Bookman, 2008.		
Referências complementares:		
AZIO, Michael; MOFFETT, Marian; WODEHOUSE, Laurence. A história da arquitetura mundial . Porto Alegre: Bookman, 2011.		
BENEVOLO, Leonardo. Origens da Urbanística Moderna . Lisboa: Ed. Presença, 1994.		
PEVSNER, Nikolaus. Origens da Arquitetura Moderna e do Design . Lisboa/Rio de Janeiro:		

Martins Fontes, 2002.

RODRÍGUEZ, Ramón. **A breve história da arquitetura**. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

SCULLY Jr., Vicent. **Arquitetura moderna: a arquitetura da democracia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Arquitetura no Brasil I		Código: ARB-05
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
A pré-história na América Latina e no Brasil. Estudo histórico da arquitetura e da evolução urbana brasileira, a partir da compreensão do contexto da formação colonial, das raízes culturais do país, do pensamento estético nacional e do desenvolvimento econômico. Evolução da arquitetura no Brasil desde a colonização até a arquitetura classicista.		
Referências básicas:		
MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI . Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.		
SANTOS, Paulo F. Formação de Cidades no Brasil Colonial . Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.		
SEGRE, Roberto. Arquitetura Brasileira Contemporânea . Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.		
Referências complementares:		
BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil . São Paulo: Perspectiva, 2002.		
BUENO, Alexei. O Patrimônio Construído: As 100 Mais Belas Edificações do Brasil , trad. Julio Bandeira. São Paulo: Capivara, 2002.		
LEMO, Carlos A. C. Arquitetura Brasileira . São Paulo: Melhoramentos, 1979.		
PESSÔA, José (Org.); PICCINATO, Giorgio (Org.). Atlas de centros Históricos do Brasil . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.		
REYR, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal . São Paulo: Global Gaia, 2007.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Estruturas de Concreto Armado I		Código: ECA-05
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		

Fundamentos do concreto armado; Principais elementos estruturais; Desenhos de fôrmas; Dimensionamento nos estados limites últimos: Lajes e vigas; Verificação do estado limite de serviço.

Referências básicas:

ARAÚJO, J. M. **Curso de concreto armado**. 2 vol. 4 ed. Rio Grande: Dunas, 2014.

BOTELHO, M. H. C. MARCHETTI, O. **Concreto armado eu te amo**. 1 vol. 8 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2015.

CARVALHO, R. C. FIGUEREDO FILHO, J. R. **Cálculo e detalhamento de estruturas usuais de concreto armado**. 4 ed. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

Referências complementares:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Projeto de estruturas de concreto – procedimento – NBR 6118**. Rio de Janeiro, 2014.

LEONHARDT, F. MONNIG, E. **Construções de concreto**. 1 vol. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LEONHARDT, F. MONNIG, E. **Construções de concreto**. 2 vol. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

LEONHARDT, F. MONNIG, E. **Construções de concreto**. 3 vol. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

MARGARIDO, A. F. **Fundamentos de estrutura**. 1 ed. São Paulo: Zigurate, 2007.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Conforto Ambiental II: Luminoso		Código: CAL-05
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Adequação da qualidade luminosa do ambiente construído. Disponibilidade da luz natural e recursos de disponibilização da luz artificial. Exigências humanas para conforto luminoso visual. Iluminação natural e artificial: sistemas, medição, métodos de cálculo, análise e dimensionamento de componentes. Integração entre sistemas naturais e artificiais de iluminação. Normas técnicas e regulamentos. Eficiência energética e sustentabilidade.		
Referências básicas:		
ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR15215-1 - Iluminação natural - Parte 1: Conceitos básicos e definições. Rio de Janeiro, ABNT, 2005.		
ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR15215-3 - Iluminação natural - Procedimento de cálculo para a determinação da iluminação natural em ambientes internos. Rio de Janeiro, ABNT, 2005.		
FROTA, A. B.; SCHIFFER, S. R. Manual de Conforto Térmico . São Paulo: Nobel, 2003.		

Referências complementares:

BRASIL, Ministério de Minas e Energia. **Etiquetagem de Eficiência Energética de Edificações**. Rio de Janeiro: ELETROBRÁS/PROCEL, 2009.

BRASIL, Ministério de Minas e Energia. **RTQ-C: Regulamento Técnico da Qualidade do Nível de Eficiência Energética de Edifícios Comerciais, de Serviços e Públicos**. Rio de Janeiro: ELETROBRÁS/PROCEL, 2009.

Heywood, Huw. **101 Regras Básicas Para Uma Arquitetura de Baixo Consumo Energético**. GG, 2016.

HOPKINSON, R. G.; PETHERBRIDGE, P. & LONGMORE, J., **Iluminação Natural**. Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1984.

MASCARÓ, L. E. R. **Luz, Clima e Arquitetura**. São Paulo. Nobel. 1983.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Sistemas Prediais - Instalações Hidráulicas e Sanitárias

Código: SPH-05

CH Teórica: 80

CH Prática: 00

CH Total: 80

Ementa:

Conceitos, simbologias, normas técnica e técnicas construtivas das instalações prediais de água fria, água quente, esgoto sanitário, águas pluviais e sistemas hidráulicos de prevenção contra incêndio e gás. Componentes e equipamentos hidráulicos e sanitários. Cálculos hidráulicos de instalações prediais de água fria, água quente, esgoto sanitário e águas pluviais. Estudo das instalações prediais e suas decorrências na construção dos edifícios.

Referências básicas:

CREDER, H. **Instalações Hidráulicas e sanitárias**. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BOTELHO, Manoel Henrique Campos; RIBEIRO Jr, Gerald de Andrade. **Instalações Hidráulicas prediais**. São Paulo: Blucher, 2007.

GABRI, Carlo. **Projetos e instalações hidrossanitárias**. [S. l.]: Hemus, 2005. São Paulo: Blucher, 2007.

Referências complementares:

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 5626 – **Instalação predial de água fria**. Rio de Janeiro, 1998.

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 7198 – **Projeto e execução de instalações prediais de água quente**. Rio de Janeiro, 1993.

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 8160 – **Sistemas prediais de esgoto sanitário** - Projeto e execução. Rio de Janeiro, 1999.

CARVALHO J. Roberto. **Instalações Hidráulicas e o Projeto de Arquitetura**. São Paulo:

Blucher 2010.

MACINTYRE, A. **Instalações hidráulicas Prediais e Industriais**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

SEMESTRE VI

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Paisagismo III		Código: PAG-06
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
O projeto e o detalhamento da paisagem. Projetos em espaços públicos, praças e sistemas viários. Avaliação da potencialidade do projeto. Implantação, manutenção e revitalização de projetos paisagísticos. Aprofundamento dos conceitos de arquitetura da paisagem desenvolvidos nas disciplinas Paisagismo I e Paisagismo II, busca de sua aplicação nas situações mais complexas do meio urbano, com vistas à Sustentabilidade dos assentamentos humanos no território. Desenvolvimento de Projeto paisagístico de áreas públicas de média a grande escala: praças e parques.		
Referências básicas:		
FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. Planejamento ambiental para a cidade sustentável. São Paulo: Anna Blume, 2001. ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. Praças Brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2010. SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2009.		
Referências complementares:		
DOURADO, Guilherme Mazza. (Org.) Visões de paisagem. São Paulo: Abap, 1997. HOUGH, Michael. Naturaleza y ciudad. Barcelona: Gustavo Gili, 1995. LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002. 2 v. PEREIRA, Aloisio Rodrigues. Como selecionar plantas para áreas degradadas e controle de erosão. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora Fapi, 2008. SANTOS, Rozely Ferreira dos. Planejamento Ambiental: Teoria e Prática. São Paulo: Oficina de textos, 2004.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura V		Código: PRO-06
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações residenciais de alto padrão e edificações evolutivas, abordando ainda aspectos ambientais, sociais, culturais, técnicos, plásticos, construtivos e econômicos envolvidos na edificação. Tendências socioculturais, socioeconômicas e comportamentais humanas e a influência sobre o habitar. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		

BROTO, Carles. **Casas Pequenas**. Links, 2008.

KÓLOM, Frechmann. **Casas espetaculares**. Kolon, 2012.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa. **Qualidade ambiental na habitação** - avaliação pós-ocupação. Oficina de Textos, 2013.

Referências complementares:

BRANDÃO, Ludmila L. **A Casa Subjetiva**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOSTAEDI, Arian. **Nuevos conceptos em vivienda**. Espanha: Ijb Ediciones, 2000.

ORIODE, José Rossi. **Espaços multiuso** – o projeto de arquitetura do espaço Brooklin: Da concepção a implantação. São Paulo: Dupla editora, 2011.

TRAMONTANO, M. **Habitação Moderna**: Construção de um conceito. São Carlos: EESC/USP, 1993.

TRAMONTANO, M. **Novos modelos de vida, novos espaços de morar**. São Carlos: EESC/USP, 1993.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Planejamento Urbano e Regional 1

Código: PLU-06

CH Teórica: 40

CH Prática: 00

CH Total: 40

Ementa:

História do Urbanismo. Noções de planejamento urbano e regional. Evolução urbana. Conceito de rede urbana e pólos regionais. As escalas e as abordagens de planejamento. Determinantes da organização espacial. Aspectos gerais da metropolização, desenvolvimento regional e planejamento municipal. Compreensão das relações intermunicipais. Elaboração de propostas para a organização espacial, com ênfase nos aspectos da sustentabilidade urbana, ambiental e direitos humanos.

Referências básicas:

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Referências complementares:

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 4ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno Planeta**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,

2003.

VILAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Estruturas de Concreto Armado II		Código: ECA-06
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Concepção; Pré-dimensionamento; Cálculo e detalhamento de estruturas de concreto armado; Verificação de peças de seção simples e compostas.		
Referências básicas:		
ADÃO, F. X. HEMERLY, A. C. Concreto armado novo milênio – cálculo prático e econômico . 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.		
CARVALHO, R. C. FIGUEREDO FILHO, J. R. Cálculo e detalhamento de estruturas usuais de concreto armado . 4 ed. São Carlos: EdUFSCar, 2014.		
CARVALHO, R. C. PINHEIRO, L. M. Cálculo e detalhamento de estruturas usuais de concreto armado . 2 vol. 2 ed. São Paulo: PINI, 2013.		
Referências complementares:		
ARAÚJO, J. M. Curso de concreto armado . 2 vol. 4 ed. Rio Grande: Dunas, 2014.		
BOTELHO, M. H. C. MARCHETTI, O. Concreto armado eu te amo . 1 vol. 8 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2015.		
LEONHARDT, F. MONNIG, E. Construções de concreto . 1 vol. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.		
LEONHARDT, F. MONNIG, E. Construções de concreto . 2 vol. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.		
LEONHARDT, F. MONNIG, E. Construções de concreto . 3 vol. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.		
MARGARIDO, A. F. Fundamentos de estrutura . 1 ed. São Paulo: Zigurate, 2007.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Conforto Ambiental III: Acústico		Código: CAA-06
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		

Propriedades e comportamento do som. Acústica como determinante da qualidade ambiental. Estratégias e materiais para tratamento acústico. Relação do som com o ser humano (saúde, sensações e comportamento). Ruído e poluição sonora. Acústica urbana.

Referências básicas:

BISTAFA, Sylvio R. **Acústica Aplicada ao Controle do Ruído**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

MURGEL, Eduardo. **Fundamentos de Acústica Ambiental**. São Paulo: SENAC SP, 2007.

SOUSA, Léa Cristina Lucas de; ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís. **Bê-á-bá da acústica arquitetônica** – Ouvindo a Arquitetura. EdUFSCAR, 2006.

Referências complementares:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR-10151 - Avaliação do Ruído em Áreas Habitadas Visando o Conforto da Comunidade**. ABNT. Rio de Janeiro. 2000.

_____. **NBR-10152 – Níveis de Ruído para Conforto Acústico**. ABNT. Rio de Janeiro. 1987.

_____. **NBR -12179. Tratamento Acústico em Recintos Fechados**. ABNT. Rio de Janeiro. 2002.

CARVALHO, Régio P. **Acústica arquitetônica**. 2. ed. Amp. Brasília: Thesaurus, 2010.

COSTA, Ennio Criz da. **Acústica Técnica**. Edgard Blucher, 2003.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Sistemas Prediais - Instalações Especiais		Código: SPE-06
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Instalações de climatização, rede de lógica, sonorização e comunicação, aquecimento solar, sistemas de elevadores, reuso de águas cinzas e captação, tratamento e uso de águas pluviais. Diálogo entre projeto de arquitetura e instalações.		
Referências básicas:		
BENTO, José Manuel L. A. Manual Prático de Ar-condicionado . Pini, 2014.		
MARIN, Paulo Sérgio. Data Centers . Editora Érica, 2011.		
PHILLIPS, David; YAMASHITA, Megumi. Detalhes construtivos da arquitetura contemporânea com concreto . Bookman, 2012.		
Referências complementares:		

ABNT – **NBR 15569**: Sistema de aquecimento solar de água em circuito direto – Projeto e instalação. 2008.

ATLAS ELEVADORES. **Manual de transporte vertical em edifícios**. Pini, 2001.

CHAGAS, Marcos Wilson Pereira Das. **Sistemas de Energia e Climatização** - Aplicações Práticas Em Telecomunicações e Data Center. Editora Érica, 2012.

TOMAZ, Plínio. **Aproveitamento de Água de Chuva**. Navegar Editora, 2005.

GONÇALVES, Ricardo Franci (coord). **Conservação de água e energia em sistemas prediais e públicos de abastecimento de água**. Rio de Janeiro: ABES, 2009

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Arquitetura no Brasil II

Código: ARB-06

CH Teórica: 40

CH Prática: 00

CH Total: 40

Ementa:

Análise e crítica da produção arquitetônica e urbanística brasileira. As premissas da renovação na Arquitetura Brasileira do Séc. XX. Modernismo brasileiro. Transição para a Pós-Modernidade.

Referências básicas:

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil, arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GUERRA, Abilio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira**: parte 1. Coleção RG Bolso, n. 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

Referências complementares:

ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo**. 1947-1975. São Paulo: Projeto, 1986.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Carvalho, Benjamin de A. **Arquitetura no tempo e no espaço**. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1968.

GUERRA, Abilio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. Coleção RG Bolso, n. 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

SEGRE, Roberto. **Arquitetura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto Urbano I		Código: PUR-06
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Análise e interpretação do espaço urbano. Desenvolvimento da visão integradora entre as dimensões econômicas, ambientais e sociais dos projetos urbanos. Densidade, dispersão e forma urbana. Análise de modelos de ocupação urbana. Conceitos relacionados à infraestrutura urbana. Metodologia para projetos urbanísticos. Projeto de parcelamento do solo urbano.		
Referências básicas:		
ACIOLY JR, Claudio C; Forbes Davidson. Densidade urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana; [tradução de] Claudio Acioly. 2.ed. Rio de Janeiro : Mauad, 2011. 92 p., il.		
CASTELLO, Iara R. Bairros, Loteamentos e Condomínios: Elementos para o Projeto de Novos Territórios Habitacionais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. 206 p., il. + 1 CD-ROM (Série pesquisa em sala de aula).		
MASCARÓ, JC. Loteamentos Urbanos. Porto Alegre: Ed +4, 2005.		
Referências complementares:		
GUMUCHDJIAN, Philip; ROGERS, Richard. Cidades para um Pequeno Planeta. Editora G. Gili Brasil, 2001.		
LYNCH, Kevin, tradução Jefferson Luiz Camargo. A imagem da cidade. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.		
MASCARÓ, Juan, L. & YOSHINAGA, M. Infra-estrutura urbana. Porto Alegre, RS: Masquatro editora, 2005.		
MASCARÓ, Lucia. Ambiência Urbana. 3 Ed. Porto Alegre, 2009.		
SOMEKH, Nadia; CAMPOS NETO, Candido Malta. (Org). A Cidade que não pode parar. Planos Urbanísticos no Século XX. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Teoria e História da Arquitetura V		Código: THA-40
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Estudo dos fundamentos críticos e contextualização da produção arquitetônica contemporânea. Análise das posturas arquitetônicas: o pensamento arquitetônico e as estratégias projetuais. Relação da arquitetura com a cidade contemporânea; reflexão sobre a arquitetura na sociedade contemporânea. Produção arquitetônica contemporânea no Brasil, na América Latina e no mundo.		
Referências básicas:		

CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**. São Paulo: GG, 2003.

MONTANER, Josep Maria. **Sistemas arquitectónicos contemporâneos**. Barcelona: GG, 2008.

Referências complementares:

BROWNE, E. **Otra arquitectura en América Latina**. Ciudad de México: Gusto Gili, 1994.

GHIRARDO, Diane. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MONEO, José Rafael; CODDOU, Flávio. **Inquietação teórica e estratégia projetual**: na obra de oito arquitetos contemporâneos. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SEMESTRE VII

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura VI		Código: PRO-07
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações voltadas à cultura, abordando ainda aspectos ambientais, sociais, culturais, técnicos, plásticos, construtivos e econômicos envolvidos na edificação. Acústica arquitetônica. Iluminação cênica. Manifestações culturais e sociedade. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		
BIZZOTTO, Flavia. Dicas preciosas em iluminação . Ciência Moderna, 2014.		
BRANDÃO, Eric. Acústica de salas . Edgard Blucher, 2016.		
MOSTAEDI, Arian. Equipamientos para la Cultura y la Educacion . Espanha: Monsa, 2002.		
Referências complementares:		
GIMÉNEZ, Carlos; MIRÁS, Marta; VALENTINO, Julio. Arquitetura Cúmplice : Teorias de arquitetura na Contemporaneidade. 1ª Ed. Masquatro, 2013		
INNES, Malcolm. Iluminação no design de interiores . GG, 2014.		
KOWALTOWSKI, Doris; et al. O processo de projeto em Arquitetura : da teoria a tecnologia. Oficina de Textos, 2011.		
MURGEL, Eduardo. Fundamentos de Acústica Ambiental . São Paulo: SENAC, 2007.		
SOUZA, L. C. L., ALMEIDA, M. G., BRAGANÇA, L. Bê-a-bá da acústica arquitetônica . Bauru, SP, 2003.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Arquitetura de Interiores		Código: INT-07
CH Teórica: 20	CH Prática: 60	CH Total: 80
Ementa:		
Concepção de ambientes internos. Evolução da decoração e do mobiliário. Modelos teóricos sobre as correlações dos espaços interno e externo. Impacto sobre cores aplicadas ao espaço interno/externo. Projeto de equipamentos e objetos. Detalhes arquitetônicos. Ergonomia aplicada. Programação visual. Projetos variados. Introdução à luminotécnica.		
Referências básicas:		

CHING, Francis C. K; BINGGELLI, C. **Arquitetura de interiores ilustrada**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

GIBBS, Jenny. **Design de interiores**: guia útil para estudantes e profissionais. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

KARLEN, Mark. **Planejamento de espaços internos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Referências complementares:

ASENSIO CERVER, Francisco. **Casas del mundo**. Oldenburg: Koonemann, 2000.

LIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

MORAES, Dijon de. **Os limites do design**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

PANERO, Julius; Zelnik, Martin. **Dimensionamento Humano para Espaços Interiores**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

VARGAS, Heliana. **Espaço Terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto Urbano II		Código: PUR
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
Análise e interpretação do espaço urbano. Desenvolvimento da visão integradora entre as dimensões econômicas, ambientais e sociais dos projetos urbanos. Metodologia para projetos urbanísticos. Projeto de intervenção em áreas urbanas consolidadas.		
Referências básicas:		
GUMUCHDJIAN, Philip; ROGERS, Richard. Cidades para um Pequeno Planeta . Editora G. Gili Brasil, 2001.		
MASCARÓ, Lucia. Ambiência Urbana . 3 Ed. Porto Alegre, 2009.		
PANERAI, Philippex. Análise Urbana . Brasília UNB, 2006		
Referências complementares:		
ABRAMO, P. (Org) A Cidade da Informalidade : o desafio das cidades latino-americanas. Rio de Janeiro: Sette Letras, FAPERJ, 2003.		
FARR, Douglas. Urbanismo Sustentável - Desenho Urbano com a Natureza . Bookman: 2013.		
LERNER, Jaime. Acupuntura urbana . Editora Record. 2003.		
LYNCH, Kevin, tradução Jefferson Luiz Camargo. A imagem da cidade . 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.		
VARGAS, H. e CASTILHO, A.L. Intervenções em centros urbanos : objetivos, estratégias e		

resultados. Barueri: Manole, 2006.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Patrimônio Histórico e Cultural Edificado		Código: PAT-07
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
As teorias de restauro, as cartas patrimoniais nacionais e internacionais e a legislação relativa à preservação do patrimônio cultural brasileiro. Trajetória da preservação patrimonial no Brasil. Premissas que orientam as intervenções de restauro, a partir da análise de experiências nacionais e internacionais. Elaboração de inventário e de levantamento de edificação existente, de acordo com as recomendações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Pressupostos conceituais e teóricos necessários à elaboração de projeto arquitetônico de intervenção em edificação existente, seguindo as recomendações do IPHAN e os documentos nacionais e internacionais relativos à preservação patrimonial.		
Referências básicas:		
BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração . São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.		
BOITO, Camillo. Os restauradores . São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.		
VIOLETT-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauração . São Paulo: Ateliê, 2000.		
Referências complementares:		
CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio . São Paulo: Unesp Estação Liberdade, 2001.		
COLQUHOUN, Alan. Modernidade e tradição clássica . São Paulo: Cosac & Naify, 1989.		
FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo . Trajetória política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc/IPHAN, 1997.		
MINC/IPHAN. Caderno de Documentos nº 3.: Cartas Patrimoniais .		
RUSKIN, John. A lâmpada da memória . São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e urbanismo		
Disciplina: Composições Estruturais		Código: COE-07
CH Teórica: 80	CH Prática: 00	CH Total: 80
Ementa:		

Estudo das linguagens arquitetônicas possíveis com os materiais aço e madeira. Estudo dos materiais estruturais aço e madeira, dos arranjos e sistemas estruturais. Elaboração e leitura de projetos estruturais em aço e em madeira. Estruturas mistas de aço-concreto; alvenarias especiais; Lajes especiais; Concreto protendido; Estruturas em compósitos.

Referências básicas:

VELLASCO, P. C. G. S. LIMA, L. R. O. ANDRADE, S. A. L. VELLASCO, M. M. B. R. SILVA, L. A. P. S. **Modelagem de estruturas de aço e mista**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

CHOLFE, L. BONILHA, L. **Concreto protendido** – teoria e prática. 2 ed. São Paulo: PINI, 2015.

REBELLO, Y. C. P. **Estruturas de aço, concreto e madeira**: atendimento da expectativa dimensional. 8º ed. São Paulo: Zigurate, 2014.

Referências complementares:

DIAS, L. A. de Mattos. **Aço e arquitetura**: estudo de edificações no Brasil. 2º São Paulo: Zigurate, 2014.

MENDONÇA, P. T. R. **Materiais compósitos e estruturas sanduiche**: projeto e análise. 1 ed. Barueri: Manole, 2005.

EMERICK, A. A. **Projeto e execução de lajes protendidas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

SILVA, V. P. PANNONI, F. D. **Estrutura de aço para edifício**: aspecto tecnológico e de concepção. 1º ed. Editora Blucher, 2010.

RODRIGUES, P. P. F. **Manual de pisos industriais, fibras de aço e protendido**. 1 ed. São Paulo: PINI, 2010.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Automação Predial		Código: AUT-07
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Introdução à automação na arquitetura. Controle de iluminação. Conforto térmico. Elementos de automação: sensores, atuadores, controladores. Eficiência energética. Segurança: controle de acesso, alarmes, CFTV. Redes: Dados, voz, imagem; Áudio e vídeo.		
Referências básicas:		
BOLTON, Willian. Instrumentação e controle . Curitiba: Hemus, 2002.		
McROBERTS, Michel. Arduino básico . São Paulo: Novatec, 2011.		
ROAF, Sue; FUENTES, Manuel; THOMAS-REES, Stephanie. Ecohouse: A Casa Ambientalmente Sustentável . Editora Bookman, 2013.		
Referências complementares:		

FIALHO, Arivelto Bustamante. **Instrumentação Industrial, conceitos e aplicações**. São Paulo: Editora Erica, 2008.

KEELER, Marian; BURKE, Bill. **Fundamentos de Projeto de Edificações Sustentáveis**. Editora Bookman, 2012.

LUGLI, Alexandre Baratella; SANTOS, Max Mauro Dias. **Redes industriais - características, padrões e aplicações**. São Paulo: Érica, 2014.

LUGLI, Alexandre Baratella; SANTOS, Max Mauro Dias. **Redes sem fio para automação industrial**. São Paulo: Érica, 2014.

YUDELSON, Jerry. **Projeto Integrado e Construções Sustentáveis**. Editora Bookman, 2013.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Planejamento Urbano e Regional II		Código: PLU-07
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
O planejamento urbano na escala do município. O papel do planejador. O processo de planejamento municipal. Instrumentos de desenvolvimento urbano contidos no Estatuto das Cidades, controle e uso do solo. Aspectos legais, institucionais e econômicos do planejamento urbano e regional. Análise comparativa de planos municipais. Análise e elaboração de proposta de planejamento para município de pequeno ou médio porte.		
Referências básicas:		
DUARTE, Fábio. Planejamento Urbano . Curitiba: Ibpex, 2007.		
ROLNIK, Raquel, SAULE, Nelson Jr. Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos. 4 ed. Brasília: CEF/Polis, 2005.		
SOUZA, M. L. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.		
Referências complementares:		
ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 4ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.		
ASCHER, F. Os novos princípios do urbanismo . São Paulo: Romano Guerra, 2010.		
GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas . São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.		
HALL, Peter. Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos do século XX. São Paulo: Perspectiva, 2005.		
LEITE, C.; AWAD, J. di C. M. Cidades Sustentáveis: Cidades Inteligentes. Desenvolvimento sustentável num planeta urbano . Porto Alegre: Bookman, 2012.		
MARICATO, E. Brasil, cidades alternativas para a crise urbana . Petrópolis: Vozes, 2001.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Segurança no Trabalho		Código: SEG-07
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Normas regulamentadoras. Segurança na construção e movimentação de materiais e pessoas. Medidas e equipamentos de proteção nos âmbitos administrativo, coletivo e individual. Sinalização de segurança. Saúde no ambiente de trabalho. Riscos ambientais. Combate a incêndio. Responsabilidade administrativa, civil e criminal.		
Referências básicas:		
BARSANO, Paulo Roberto; BARBOSA, Rildo Pereira. Segurança do Trabalho - Guia Prático e Didático . São Paulo: Érica, 2012.		
BOTELHO, Manoel Henrique de Campos. Manual de primeiros socorros do engenheiro e do arquiteto . 2 ed. São Paulo: Blucher, 2009.		
BRASIL. Normas Regulamentadoras - Segurança e Medicina do Trabalho . 77 ed. São Paulo: Atlas, 2016.		
Referências complementares:		
BARBOSA, Adriano Aurélio Ribeiro. Segurança do trabalho . Curitiba: Livro Técnico, 2011.		
BARSANO, Paulo Roberto. Controle de riscos : prevenção de acidentes no ambiente ocupacional. São Paulo: Érica, 2014.		
MÁSCULO, Francisco Soares; VIDAL, Mario Cesar; (orgs.). Ergonomia - Trabalho adequado e eficiente. Rio de Janeiro: <i>Campus</i> , 2011.		
MINISTÉRIO DO TRABALHO – Normas de Segurança e Saúde no Trabalho – NR8 – Edificações .		
MINISTÉRIO DO TRABALHO – Normas de Segurança e Saúde no Trabalho – NR6 – Equipamento de Proteção Individual .		

SEMESTRE VIII

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Projeto de Arquitetura VII		Código: PRO-08
CH Teórica: 20	CH Prática: 80	CH Total: 100
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura relativas a edificações verticais e grandes estruturas. Edificações para alta densidade urbana. Otimização de recursos, de infraestrutura, energia, a minimização de resíduos e adequação projetual às dinâmicas ambientais e necessidades espaciais contemporâneas. Incorporar no projeto arquitetônico os conhecimentos dos sistemas estruturais, dos materiais e técnicas construtivas, acessibilidade e segurança contra incêndio. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		
ATLAS ELEVADORES. Manual de transporte vertical em edifícios. Pini, 2001.		
BRETANO, Telmo. A proteção contra incêndios nos projetos de edificações. 5ª Edição, 2015.		
MONSA, Sport. Atlas de edifícios do mundo. MONSA, 2006.		
Referências complementares:		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: 2015.		
_____. NBR 9077: Saídas de Emergência em Edifícios. Rio de Janeiro: 2001.		
BEINHAUER, Peter. Atlas de detalhes construtivos: com mais de 400 pormenores. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.		
PHILLIPS, David; YAMASHITA, Megumi. Detalhes construtivos da arquitetura contemporânea com concreto. Bookman, 2012.		
POLO, Alejandro. Arquitetura em Diálogo. Cosac Naiy, 2015.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Sustentabilidade no Ambiente Construído		Código: SAC-08
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Conceito de sustentabilidade. Antropização do espaço. Elementos arquitetônicos que qualificam o espaço sustentável. Meios de redução do impacto ambiental através do uso racional dos recursos e processos construtivos, fontes alternativas de geração de energia. Certificações ambientais e critérios de avaliação de sustentabilidade no ambiente construído. Redução na geração e destinação ambientalmente adequada de resíduos. Conceitos e caracterização da importância da educação ambiental ao arquiteto e sociedade. Ética ambiental nas atividades do arquiteto e urbanista.		

Referências básicas:

KEELER, Marian; BURKE, Bill. **Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis**. Editora Bookman, 2012.

ROAF, Sue; FUENTES, Manuel; THOMAS-REES, Stephanie. **Ecohouse: A casa ambientalmente sustentável**. Editora Bookman, 2013.

YUDELSON, Jerry. **Projeto integrado e construções sustentáveis**. Editora Bookman, 2013.

Referências complementares:

CORBELLA, Oscar; YANNAS, Simas. **Em Busca de Uma Arquitetura Sustentável**. Editora Revan, 2003.

GAUZIN-MULLER, Dominique. **Arquitetura Ecológica**. São Paulo: SENAC, 2011.

KWOK, Alison G.; GRONDZIK, Walter T. **Manual de Arquitetura Ecológica - 2 ed.** Bookman, 2013.

MASCARÓ, Juan Luis. **O Custo das Decisões Arquitetônicas**. 5ª Ed. Masquatro Editora, 2010.

NICOL, Fergus; ROAF, David Crichton Sue. **A Adaptação de Edificações e Cidades Às Mudanças Climáticas**. Bookman, 2009.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Projeto Urbano III

Código: PUR-08

CH Teórica: 20

CH Prática: 40

CH Total: 60

Ementa:

Análise e interpretação do espaço urbano. Desenvolvimento da visão integradora entre as dimensões econômicas, ambientais e sociais dos projetos urbanos. Desafios provocados por mudanças de condições socioespaciais, localizadas ou gerais para o atendimento das necessidades da cidade. Metodologia para projetos urbanísticos. Projeto integrado às redes de infraestrutura urbana, de mobilidade e circulação.

Referências básicas:

MASCARÓ, Lucia. **Ambiência Urbana**. 3 Ed. Porto Alegre, 2009.

SOUZA, C. L.; AWAD, J. C. M. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcantâra de. **Mobilidade Urbana E Cidadania**. Editora Senac São Paulo, 2012.

Referências complementares:

FARR, Douglas. **Urbanismo Sustentável - Desenho Urbano com a Natureza**. Bookman: 2013.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Editora Record. 2003.

MASCARÓ, Juan, L. & YOSHINAGA, M. **Infra-estrutura urbana**. Porto Alegre, RS: Masquatro editora, 2005.

PANERAI, Philippex. **Análise Urbana**. Brasília UNB, 2006

SOMEKH, Nadia; CAMPOS NETO, Candido Malta. (Org). **A Cidade que não pode parar**. Planos Urbanísticos no Século XX. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Patologia das Construções

Código: PAC-08

CH Teórica: 60

CH Prática: 00

CH Total: 60

Ementa:

Conceitos iniciais sobre patologias; Degradação de estruturas de aço; Degradação de estruturas de concreto; degradação das alvenarias; Degradação em obras de madeira; Degradação de polímeros; Patologias provenientes de incêndios; Avaliação diagnóstica predial; Reabilitação de estruturas.

Referências básicas:

CAPORRINO, C. F. **Patologia das anomalias em alvenarias e revestimentos argamassados**. 1 ed. São Paulo: PINI, 2015

RIBEIRO, D. V. **Corrosão em estruturas de concreto armado: teoria, controle e métodos de análise**. 1 ed. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2013.

RIPPER, T. SOUZA, V. C. M. **Patologia, recuperação e reforço de estruturas de concreto**. 1 ed. São Paulo: PINI, 1998

Referências complementares:

BERTOLINI, L. **Materiais de construção: patologia, reabilitação e prevenção**. 1 ed. São Paulo: Oficina de textos, 2010.

DYER, T. **A durabilidade do concreto**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2015.

SCHNAID, F. MILITITSKY, J. CONSOLI, N. C. **Patologia das fundações**. 2 ed. São Paulo: Oficina de textos, 2015

SILVA, V. P. **Projeto de estruturas de concreto em situação de incêndio**. 1 ed. São Paulo: Blücher, 2013

SILVA, V. P. **Segurança contra incêndio: consideração para o projeto de arquitetura**. 1 ed. São Paulo: Blücher, 2014.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e urbanismo

Disciplina: Planejamento e Gerenciamento de Obras

Código: PGO-08

CH Teórica: 40

CH Prática: 00

CH Total: 40

Ementa:

Características da produção na indústria da construção civil. Documentação: Características, utilização e importância dos documentos relacionados com obras civis. Redação de memoriais descritivos. Técnicas para planejamento e controle de obras. Métodos e técnicas para aperfeiçoamento e garantia de qualidade na construção civil. Normas técnicas vigentes. Sistemas de gerenciamento e planejamento de empreendimentos. Fases da construção civil. Estruturas organizacionais para gerenciamento das operações.

Referências básicas:

GOLDMAN, P. **Introdução ao planejamento e controle de custos na construção civil brasileira**. 4 ed. São Paulo: Pini, 1997.

MATTOS, A. D. **Planejamento e controle de obras**. 1 ed. São Paulo: PINI, 2010.

PINHEIRO, A. C. F. B. , CRIVELARO, M. **Planejamento e custo de obras**. 1º ed. Editora Erica. 2014.

Referências complementares:

GIAMUSSO, S. **Orçamento e custos na construção civil**. São Paulo: PINI.

GUEDES, M. F. **Caderno de Encargos**. 5º ed. Editora PINI.

LIMMER, C. V. **Planejamento, orçamentação e controle de projetos e obras**. 1º Rio de Janeiro: LTC, 1997.

VARALA, R. **Planejamento e controle de obras**. 1º ed.: Nome da Rosa.

YAZIGI, W. **A técnica de edificar**. 15º ed. Editora PINI.

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e urbanismo		
Disciplina: Orçamento de Obras		Código: ORC-08
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Quantificação de serviços e materiais. Composição de custo unitário. LDI. Planilha orçamentária. Cronograma físico e financeiro.		
Referências básicas:		
GIAMUSSO, Salvador. Orçamento e custos na construção civil . São Paulo:Pini,1998.		
GOLDMAN, Pedrinho. Introdução ao planejamento e controle de custos na construção civil brasileira . São Paulo:Pini,1997.		
MATTOS, Aldo Dórea. Como preparar orçamentos de obras . 2 ed. São Paulo : PINI, 2006.		
Referências complementares:		
BADRA, P. A. L. Guia prático de orçamento de obras - do escalímetro ao BIM . 1 ed. São Paulo: PINI, 2012.		
DIAS, P. R. V. Engenharia de custos: metodologia de orçamentação para obras civis .		

SOUZA, R. **Qualidade na Aquisição de Materiais e Execução de Obras**; São Paulo: Pini, 1996.

TCPO. **Tabelas de composição de preços para orçamentos**. 14 ed. São Paulo: Pini, 2012.

TISAKA, M. **Orçamento na construção civil: consultoria, projeto e execução**. 2 ed. São Paulo: Pini, 2011.

SEMESTRE IX

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso I		Código: TCC-09
CH Teórica: 60	CH Prática: 00	CH Total: 60
Ementa:		
Ética aplicada à pesquisa científica. Definição e fundamentação do tema da atividade a ser desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso II. Processo de planejamento e pesquisa tanto dos aspectos técnicos, éticos e normativos de redação científica quanto dos aspectos regionais, sociais e técnicos relacionados ao tema proposto.		
Referências básicas:		
ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de trabalho na Graduação. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2003		
GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 2002.		
LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6ª ed., São Paulo: Atlas, 2001.		
Referências complementares:		
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.		
_____. NBR 10520 – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.		
_____. NBR 14724 – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.		
NEVES, Laert Pedreira. Adoção do Partido na Arquitetura. Salvador: UduFBA, 2011.		
SILVA, Elvan. Uma Introdução ao Projeto Arquitetônico. Empório do Livro, 2006.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Qualidade de Projeto		Código: QPR-09
CH Teórica: 40	CH Prática: 00	CH Total: 40
Ementa:		
Importância da etapa de projeto. Qualidade do projeto da edificação: qualidade da solução, qualidade do processo de desenvolvimento e coordenação e qualidade da apresentação do projeto. Edificações de alto desempenho. Projeto integrado. Engenharia Simultânea. Flexibilização. Análise do ciclo de vida do produto, qualidade ambiental e índices de satisfação do usuário. Custo de decisões arquitetônicas e influência do arranjo espacial. Desenvolvimento de novos processos construtivos e de novos materiais de construção. Aspectos de relacionamento do projeto: evolução tecnológica, racionalização e construtibilidade.		

Referências básicas:

MELHADO, Silvio Burrattino (Coord.). **Coordenação de projetos de edificações**. São Paulo: O Nome da Rosa, 2005.

THOMAZ, Ercio. **Tecnologia, gerenciamento e qualidade na construção**. São Paulo: Pini, 2001.

YUDELSON, Jerry. **Projeto integrado e construções sustentáveis**. Editora Bookman, 2013.

Referências complementares:

KEELER, Marian; BURKE, Bill. **Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis**. Editora Bookman, 2012.

MASCARÓ, Juan Luis. **O Custo das Decisões Arquitetônicas**. 5ª Ed. Masquatro Editora, 2010.

ROAF, Sue; FUENTES, Manuel; THOMAS-REES, Stephanie. **Ecohouse: A casa ambientalmente sustentável**. Editora Bookman, 2013.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura**. 3. Ed. Porto Alegre, Bookman, 2013.

YAZIGI, Walid. **A técnica de edificar**. 2. ed. São Paulo: Pini, Sinduscon-SP, 1999.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Legislação e Prática Profissional em Arquitetura

Código: LEG-09

CH Teórica: 40

CH Prática: 00

CH Total: 40

Ementa:

Noções de direito civil. Direito de propriedade e vizinhança. Código de obras, zoneamento, legislação e problemas profissionais. Noções de direito ecológico. Responsabilidade moral e legal. Direito autoral e plágio, código de ética, disciplina. Conflito ético e a comparação de Arquitetos. As três dimensões do trabalho do arquiteto: a arquitetura física, a humana e a social. A função social do arquiteto. O exercício da profissão do arquiteto e do urbanista, atribuições profissionais, responsabilidade e ética.

Referências básicas:

CAU - Conselho de Arquitetura e Urbanismo, **Resolução nº 51**, de 12 de Julho de 2013.

MEIRELLES, Ely Lopes. **Direito de Construir**. 7.ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1996.

SOARES, Moisés Souza. **Ética e Exercício Profissional**. Brasília: ABEAS, 2000.

Referências complementares:

BRASIL. **Legislação brasileira de proteção e defesa do consumidor**. 5.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2009.

BRASIL. Novo Código Civil. **Lei nº 10.403**, de 10 de janeiro de 2002. Aprova o novo código civil brasileiro. Brasília, DF, 2002.

CASTILHO, José Roberto F. **O Arquiteto e a Lei. Elementos de Direito da Arquitetura**. São

Paulo: Ed. Pillares, 2012.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O Que É Cidadania?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

FLORES, Leandro V. Nascimento. **O Direito Autoral na Arquitetura.** São Paulo: Ed. Pillares, 2010.

SEMESTRE X

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II		Código: TCC-10
CH Teórica: 20	CH Prática: 40	CH Total: 60
Ementa:		
De acordo com as Diretrizes Curriculares para o ensino de Arquitetura e Urbanismo (Resolução ME / CNE / CES nº 2 de 17 de junho de 2010) o Trabalho de Conclusão de Curso é um trabalho individual, de livre escolha do aluno, relacionado com as atribuições profissionais, a ser realizado ao final do curso e após a integralização das disciplinas do currículo mínimo.		
Referências básicas:		
Literatura a ser definida de acordo com o tema do trabalho de conclusão de curso.		
Referências complementares:		
Literatura a ser definida de acordo com o tema do trabalho de conclusão de curso.		

1.6.7 Disciplinas Optativas

Serão oferecidas disciplinas optativas no 8º período (Optativa I) e no 9º período (Optativa II). O aluno poderá fazer mais disciplinas além das Optativas I e II que estão inseridas na matriz curricular, podendo ser realizadas no próprio curso ou em outro curso da mesma instituição, as quais podem ser contabilizadas como atividade complementar. O aluno poderá ainda cursar disciplinas nos demais cursos superiores do IFRO Campus Vilhena, podendo ser aproveitadas como optativas, das que o discente tem obrigação em cursar, desde que tenha anuência do coordenador do curso ofertante da disciplina e do Colegiado do curso de Arquitetura e Urbanismo.

As disciplinas Tópicos Especiais em Arquitetura I e II têm uma ementa preliminar, assim como referencial teórico, que podem ser oportunamente decididos e alterados pelo NDE e Colegiado de Curso de acordo com o quadro docente disponível e suas áreas específicas de formação. Ressalta-se ainda que a oferta das disciplinas fica condicionada à avaliação do Colegiado do Curso, observando o princípio da economicidade.

Quadro 11 - Disciplinas Optativas do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Disciplinas	Código da disciplina	CH Semanal	CH Teórica	CH Prática	Hora-aula	Hora-relógio
Libras	LIB-08	2	10	30	40	33,3
Tópicos Especiais de Arquitetura I	TEA-08	2	10	30	40	33,3
Tópicos Especiais de Arquitetura II	TEA-09	2	10	30	40	33,3
Empreendedorismo	EMP-09	2	10	30	40	33,3

1.6.7.1 Planos das Disciplinas Optativas

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Libras		Código: LIB-08
CH Teórica: 10	CH Prática: 30	CH Total: 40
Ementa:		
Legislação e inclusão. Noções básicas da língua de Sinais Brasileira. Características da língua, seu uso e variações regionais. Configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não manuais, números; expressões socioculturais positivas: cumprimento, agradecimento, desculpas, expressões socioculturais negativas: desagrado, verbos e pronomes, noções de tempo e de horas. Diálogo e conversação.		
Referências básicas:		
DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.		
QUADROS, Ronice Müller de ; STUMPF, Marianne Rossi ; LEITE, Tarcísio de Arantes (Org.). Estudos da língua brasileira de sinais I. Florianópolis: Insular, 2013.		
QUADROS, Ronice Müller de ; STUMPF, Marianne Rossi ; LEITE, Tarcísio de Arantes (Org.). Estudos da língua brasileira de sinais II. Florianópolis: Insular, 2014.		
Referências complementares:		
ALMEIDA, Elizabeth Oliveira de. Leitura e surdez: um estudo com adultos não oralizados. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2012.		
BRASIL. Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais. v.2. MEC/SEESP, 2000.		
DORZIAT, Ana. O outro da educação: Pensando a surdez com base nos temas identidade/diferença, currículo e inclusão. Petrópolis: Vozes, 2009.		
QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.		
SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Tópicos Especiais de Arquitetura I		Código: TEA-08
CH Teórica: 10	CH Prática: 30	CH Total: 40
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura contemporânea. Discussões no campo da arquitetura e questões intrínsecas ao exercício profissional. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		
ALLEN, Edward ; IANO, Joseph. Fundamentos da Engenharia de Edificações . Bookman, 2013.		
PHILLIPS, David; YAMASHITA, Megumi. Detalhes construtivos da arquitetura contemporânea com concreto . Bookman, 2012.		
UNWIN, Simon. A Análise da Arquitetura . Bookman, 2013.		
Referências complementares:		
DEAK, André; Levignatti, Felipe (Org.). 200 + da Arquitetura brasileira . Editora Olhares, 2012.		
GIMÉNEZ, Carlos; MIRÁS, Marta; VALENTINO, Julio. Arquitetura Cúmplice: Teorias de arquitetura na Contemporaneidade . 1ª Ed. Masquatro, 2013		
RUBANO, Lizete Maria. Hipóteses do real - concursos de arquitetura e urbanismo . Hector Vigliecca, 2012.		
ZANETTINI, Siegbert. Arquitetura Razão Sensibilidade . EDUSP, 2002.		
ZEVI, Bruno. Saber ver a Arquitetura . WMF Martins Fontes, 2009.		

EMENTA DA DISCIPLINA		
Curso: Arquitetura e Urbanismo		
Disciplina: Tópicos Especiais de Arquitetura II		Código: TEA-09
CH Teórica: 10	CH Prática: 30	CH Total: 40
Ementa:		
Teoria e prática projetual de arquitetura contemporânea. Discussões no campo da arquitetura e questões intrínsecas ao exercício profissional. Formação de repertório a partir da análise de referenciais arquitetônicos.		
Referências básicas:		

VOORDT, Theo J. M. Van Der; WEGEN, Herman B. R. Van. **Arquitetura Sob o Olhar do Usuário** - Programa de Necessidades, Projeto e Avaliação de Edificações. Oficina de Textos, 2013.

INGELS, Bjarke. **Yes is more** - Um Arqui-comic Sobre a Evolução Architectónica. Taschen, 2011.

BEINHAEUER, Peter. **Atlas de Detalhes Construtivos** - Construção Nova. 2ª Ed. GG, 2012.

Referências complementares:

DEAK, André; Levignatti, Felipe (Org.). **200 + da Arquitetura brasileira**. Editora Olhares, 2012.

GIMÉNEZ, Carlos; MIRÁS, Marta; VALENTINO, Julio. **Arquitetura Cúmplice**: Teorias de arquitetura na Contemporaneidade. 1ª Ed. Masquatro, 2013

RUBANO, Lizete Maria. **Hipóteses do real - concursos de arquitetura e urbanismo**. Hector Vigliecca, 2012.

ZANETTINI, Siegbert. **Arquitetura Razão Sensibilidade**. EDUSP, 2002.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. WMF Martins Fontes, 2009.

EMENTA DA DISCIPLINA

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Disciplina: Empreendedorismo

Código: EMP-09

CH Teórica: 10

CH Prática: 30

CH Total: 40

Ementa:

Breve história do empreendedorismo. Elementos que interferem no empreendedorismo. Processo empreendedor. Empresas: tipos e características. Cooperativismo e associativismo. Questões legais de constituição de uma empresa. Identificando e diferenciando ideias e oportunidades. Captação de recursos. Marketing de negócios. Planejamento estratégico. O plano de negócios. Noções de gestão de pessoas. Gestão da inovação para a sustentabilidade.

Referências básicas:

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2012.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Planos de negócios que dão certo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

MAXIMINIANO, Antônio Cesar Amaru. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Referências complementares:

BATEMAN, Thomas S. **Administração**. Porto Alegre: McGraw Hill/Artmed, 2012.

CARVALHO, A. D. de. **Cooperativismo sob a ótica da gestão estratégica**. São Paulo: Baraúna,

2011.

CAVALCANTI, M.; FARAH, O. E.; MARCOS, L. P. **Empreendedorismo estratégico: criação e gestão de pequenas empresas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Rio de Janeiro: Câmpus, 2009.

DAHER, E. **Administração de marketing: os caminhos e desafios do profissional**. Londrina: Eduel, 2013.

1.7. Da Metodologia

As metodologias propostas visam ao rigor, à solidez e à integração dos conhecimentos teóricos e práticos, voltados para a formação do profissional e do cidadão. O objetivo é levar os alunos a aprender a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer, garantindo a formação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado ao indivíduo e à coletividade.

A construção de um projeto apoiado em relações democráticas previstas na concepção do curso fica garantida nas metodologias participativas e integradoras, tais como trabalhos em grupos e aulas dialogadas.

As pesquisas e os seminários levam a formação de profissionais que possam também produzir novos conhecimentos, aliando a teoria à prática por meio da observação e da análise da realidade educacional brasileira. A concepção do curso contempla o indivíduo na condição pós-moderna, envidando a formação do conhecimento, aprendendo a lidar com o avanço da ciência, da tecnologia de forma integral e a olhar para o novo homem de forma holística.

Essa visão da educação, que tem por objetivo despertar a consciência do ser humano e sua relação com o mundo que o cerceia, é contemplada por intermédio das metodologias que favoreçam não apenas o saber, mas o saber pensar e o intervir.

No IFRO, caberá a cada professor a seleção de metodologias e instrumentos de ensino que, condizentes com a sua área, busquem atender aos objetivos propostos pelo componente curricular, de forma a desenvolver as competências e habilidades esperadas para o egresso.

No seu fazer pedagógico, o professor deverá estar mais preocupado em formar competências, habilidades e disposições de conduta do que com a quantidade de informações.

Ao escolher as estratégias de ensino, sugere-se que elas sejam as mais diversificadas possíveis, sendo que o planejamento acadêmico deve assegurar, em termos de carga horária e de planos de estudos, o envolvimento do aluno em atividades, individuais e em equipe, que incluam, entre outros:

- Aulas expositivas/dialogadas;
- Aulas expositivas com atividades práticas;
- Leitura e discussão de textos;
- Pesquisas;
- Estudos e trabalho em grupo;
- Exercícios de interpretação de textos;
- Dinâmicas de grupo;
- Seminários temáticos;
- Debates;
- Elaboração de projeto de pesquisa;
- Pesquisa teórica/bibliográfica;
- Análise da legislação;
- Visitas técnicas em instituições conveniadas e outras;
- Estudos de caso;
- Elaboração de projetos;

1.7.1. Concepção do Curso e Abordagens Pedagógicas

O Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo visa à formação sólida de profissional generalista, hábil a atuar em equipes ou individualmente, consciente de seu papel na modificação e manutenção da paisagem, capaz de identificar as reais necessidades da sociedade regional e nacional.

A metodologia de ensino valorizará a interdisciplinaridade e o estudo baseado em problemas reais, buscará o desenvolvimento de discentes autônomos aptos a tomadas de decisões referentes ao exercício da profissão em ambientes da iniciativa privada ou no setor público, em grandes centros urbanos ou pequenos.

Os educadores devem preparar os arquitetos para formular novas soluções para o presente e para o futuro, pois os novos tempos trarão consigo desafios importantes e complexos relacionados com a degradação social e funcional de numerosos assentamentos humanos. Estes desafios podem incluir a urbanização global e a consequente redução de muitos ambientes existentes, a escassez severa de alojamentos, de serviços urbanos e de infraestruturas sociais, e a crescente exclusão dos arquitetos em projetos ligados ao ambiente construído. (CARTA UNESCO/UIA PARA A FORMAÇÃO EM ARQUITETURA, 2011)

Cabe destacar que o município de Vilhena e região, em que será oferecido este curso, possui infraestrutura capaz de absorver os egressos, assim como de proporcionar importantes experiências de prática profissional aos alunos.

A implantação do curso é uma realidade associada ao contexto geral do IFRO. O curso de Arquitetura e Urbanismo somará esforços aos demais mantidos pela IES rumo ao cumprimento de sua grande missão que é formar profissionais capacitados para o mercado de trabalho e para o exercício da cidadania plena.

Assim sendo, inserido no contexto da oferta de cursos do IFRO, o curso visa à formação acadêmica do arquiteto e urbanista com sustentação científica, postura ética reflexiva, qualificado para o exercício profissional, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Considerando que o Estado de Rondônia está em franco desenvolvimento e que suas estruturas econômicas e sociais também crescem no mesmo sentido, faz-se necessária a implantação deste curso com o propósito de preparar profissionais qualificados para atender a demanda do mercado da construção civil, dentre outras áreas de atuação do profissional arquiteto e urbanista.

Em conformidade com o novo Plano Nacional de Educação (2011-2020), o IFRO cria e implanta seus projetos de cursos visando o desenvolvimento do cidadão e do meio em que ele está inserido e atua como indivíduo reflexivo, crítico e criativo.

Ainda em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE), o IFRO acredita que “o Brasil só será verdadeiramente independente quando todos os seus cidadãos tiverem acesso a uma Educação de qualidade”. Assim o sendo, O IFRO contribui para o movimento

Todos pela Educação, citado no texto do PNE, procurando sanar as necessidades de formação profissional no âmbito de sua região de abrangência.

As vagas oferecidas pelo curso têm a intenção de suprir a necessidade do mercado, considerando o desenvolvimento econômico e social da região, que demanda por um profissional capaz de resolver os problemas urgentes da sociedade, mas que seja capaz de planejar a médio e a longo prazo ações que atendam a um desenvolvimento da sociedade rondoniense de forma digna e sustentável.

O crescimento econômico contribui para o crescimento populacional, visto que há uma tendência de pessoas migrarem de cidades menos desenvolvidas em busca de melhores condições de vida. Assim, o crescimento populacional, por sua vez, requer ampliação na infraestrutura e na formação de pessoal que possa atender a essa demanda, fato que justifica a criação do curso de Arquitetura e Urbanismo.

A população local cresce em todos os sentidos. Do ensino médio, saem todos os anos, conforme o disposto no PPC deste curso, alunos ávidos por fazer uma faculdade com o propósito de se preparar para o trabalho e para a atuação no mercado de trabalho.

Em síntese, por acreditar no diálogo com o cidadão e com a sociedade, o IFRO lança no mercado um curso, cuja concepção se dirige para o interacionismo e para a dialógica entre o homem e o meio para o qual ele está sendo preparado. A tecnologia tem por principal objetivo favorecer a interação entre os sujeitos que vivem coletivamente. Assim sendo, a interação (homem versus meio e meio versus homem) será a base de sustentação entre a teoria (vivenciada na academia) e a prática vivenciada (no meio social).

1.8. Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado caracteriza-se como conteúdo curricular que fomenta o perfil do formando, consistindo numa atividade obrigatória, mas diversificada, tendo em vista a consolidação prévia dos desempenhos profissionais desejados, segundo as peculiaridades do curso.

Visa a contemplar uma prática profissionalizante de qualidade, vinculada a uma postura crítica diante dos conhecimentos teóricos, assim como uma postura ética diante do trabalho, tendo por objetivos:

- I. Propiciar ao aluno subsídios para a compreensão da realidade institucional;
- II. Compreender a inter-relação teoria e prática em condições concretas;
- III. Trabalhar em condições reais de planejamento e sistematização.
- IV. A disciplina do Estágio Supervisionado é bastante peculiar, diferenciando-se das demais, pois implica colocar o aluno em contato direto com a área de intervenção que é bastante diversificada. Neste caso, o estágio será administrado obedecendo a regras descritas em manual próprio, discutido e construído pelo Núcleo Docente Estruturante e pela comunidade acadêmica.

O estágio curricular supervisionado como um dos instrumentos para a prática profissional no curso de Graduação de Arquitetura e Urbanismo terá 300 horas e poderá ser realizado a partir da comprovação de conclusão de 50% da carga-horária de aula do curso. O estágio curricular supervisionado seguirá regulamentação específica de estágio do curso, desenvolvida pelo NDE, esta, em consonância com a regulamentação específica vigente do Instituto Federal de Rondônia.

O discente poderá cumprir o estágio em ocasião única, ou dividir a carga horária em períodos, podendo ainda estar ligado a uma única empresa/profissional, ou a vários, de acordo com o momento. Os documentos comprobatórios do estágio devem ser entregues, ao professor responsável, até 30 dias antes do término do último período letivo do discente para avaliação e validação do mesmo. Destaca-se que não há um período obrigatório de cumprimento do estágio, ficando sob a responsabilidade do aluno a organização para cumpri-lo antes da integralização do curso, sendo ainda que o estágio pode ser realizado, também, em períodos não letivos.

Pelo seu caráter implementador de desempenhos profissionais, antes mesmo de se considerar concluído o curso, é necessário que, à proporção que os resultados do estágio forem sendo verificados, interpretados e avaliados, o estagiário esteja consciente do seu atual perfil, naquela fase, para que ele próprio reconheça a necessidade da retificação da aprendizagem nos conteúdos em que revelará equívocos ou insegurança de domínio e da própria reprogramação da prática.

O Estágio dará ênfase à mediação teoria/prática, recuperando os procedimentos metodológicos necessários à intervenção profissional na realidade. Deverá ser acompanhado pelo professor-supervisor da disciplina e pelo professor-supervisor de campo. O professor supervisor da disciplina deverá aprovar, avaliar e acompanhar a execução do projeto de estágio.

Dessa forma, o Estágio Curricular terá por objetivo propiciar ao aluno, uma experiência profissional supervisionada, possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades, seu aprimoramento pessoal e profissional e sua inserção na vida profissional.

As atividades de estágio devem estar registradas, bem como as análises e as experiências dos alunos.

O Estágio será coordenado por um professor do curso, o qual seguirá, conforme já dito anteriormente, as normas descritas em manual próprio, sempre à disposição das comissões do MEC e de toda a comunidade envolvida no processo de implantação e desenvolvimento do curso.

1.9. Atividades Complementares

As Atividades Complementares visam possibilitar o reconhecimento, por avaliação, de habilidades e competências do aluno, inclusive adquiridas fora do ambiente escolar, hipóteses em que o aluno alargará o seu currículo com experimentos e vivências acadêmicas, internas ou externas ao curso, não se confundindo com o estágio curricular supervisionado.

A flexibilidade do curso importa na abertura de oportunidades para a construção integrada de saberes e habilidades, o que justifica a importância de estudos independentes e a efetivação, na matriz do curso, das Atividades Complementares.

Assim, se orientam a estimular a prática de estudos independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, de permanente e contextualizada atualização profissional específica, sobretudo nas relações com o mundo do trabalho, notadamente integrando-as às diversas peculiaridades regionais e culturais e se constituem em componentes curriculares enriquecedores e fomentadores do perfil do formando.

A competência profissional do egresso há de resultar da integração de várias competências distintas, além da exclusivamente científica, a saber, a crítica, a técnica, a

relacional, a de atuação prática e a humanística, desenvolvendo interesses pelos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da comunidade à qual pertence.

Tais atividades são práticas acadêmicas que têm a finalidade de reforçar e complementar as atividades de ensino, pesquisa e extensão e devem enriquecer a formação do estudante pela vivência de diversas experiências que o permitam aprofundar, ampliar e aplicar os conhecimentos adquiridos no Curso. Tratam-se de atividades enriquecedoras e implementadoras do próprio perfil do aluno, visando seu crescimento intelectual, especialmente, nas relações com o mundo do trabalho, nas ações de pesquisa e nas ações de extensão junto à comunidade.

Deste modo, as Atividades Complementares constituem um conjunto de práticas por participação e/ou execução, em projetos e eventos desenvolvidos dentro e/ou fora do IFRO e que promovam o aprimoramento da formação acadêmica do aluno, bem como estabeleçam a relação educativa indispensável entre a teoria e a prática, como complementação das atividades curriculares pré-estabelecidas.

As Atividades Complementares devem ser realizadas para além da carga horária das atividades realizadas no âmbito dos demais componentes curriculares previstos no curso, sendo obrigatórias para a conclusão do curso e colação de grau e sua comprovação se dará a partir da apresentação de certificado ou atestado emitido pela instituição responsável pela realização/oferta, no qual deve constar a carga horária da atividade realizada e a programação desenvolvida.

A coordenação do curso realizará o acompanhamento semestral do cumprimento da carga horária das Atividades Complementares pelos estudantes, podendo definir prazos para o cumprimento parcial da mesma ao longo do curso e sua integralização deverá ocorrer antes da conclusão do último semestre do pelo estudante, com a devida comprovação do cumprimento da carga horária total exigida.

A relação de atividades válidas como Atividades Complementares e a equivalência em carga horária, encontram-se descritas no Quadro 12 a seguir:

Quadro 12: Quadro Síntese das Atividades Complementares

Atividade	Comprovante	CH máxima
Participação em projetos de pesquisa e extensão	Documento emitido pelo	Até 60 horas



	órgão responsável	
Participação em projetos de ensino	Documento de participação emitido pelo órgão responsável	Até 60 horas
Participação em eventos acadêmicos* (como autor de trabalho)	Documento de participação emitido pelo órgão responsável	Até 60 horas
Participação em eventos acadêmicos* (como ouvinte)	Documento de participação emitido pelo órgão responsável	Até 40 horas
Participação em eventos acadêmicos* (como organizador)	Documento de participação emitido pelo órgão responsável	Até 40 horas
Participação em cursos, minicursos, palestras e oficinas (como ouvinte) relativas a área de formação.	Documento emitido pelo órgão responsável	Até 40 horas
Participação em cursos, minicursos, palestras e oficinas (como ministrante) relativas a área de formação.	Documento emitido pelo órgão responsável	Até 60 horas
Componentes curriculares cursados em outros cursos de Instituições de Ensino reconhecidas pelo MEC relacionadas a área de formação.	Histórico escolar ou declaração emitida pela Secretaria Acadêmica, constando o aproveitamento do aluno.	Até 40 horas
Estágio Extracurricular	Atestado da empresa onde realizou o estágio e do professor responsável pelo acompanhamento	Até 60 horas
Publicação de texto relacionado à área de formação em jornal ou revista.	Exemplar da publicação	5 horas por texto com carga horária máxima de 20 horas no total
Publicação de resumo relacionado à área de formação em evento ou periódico científico com ISSN	Exemplar da publicação	10 horas por texto com carga horária máxima de 60 horas no total
Publicação de artigo relacionado à área de formação em evento ou periódico científico com ISSN	Exemplar da publicação	20 horas por artigo com carga horária máxima de 60 horas no total
Publicação de capítulo de livro relacionado à área de formação com ISBN	Exemplar da publicação	20 horas por capítulo com carga horária máxima de 60 horas no total
Publicação de livro relacionado à área de formação com ISBN	Exemplar da publicação	60 horas por livro com



		carga horária máxima de 120 horas no total
Produção técnica (material didático)	Exemplar do material	Até 20 horas por produção carga horária total de no máximo 60 horas.
Cursos de formação na área específica.	Documento emitido pelo órgão responsável	Até 40 horas
Participação como ouvinte em bancas de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso	Atestado da Coordenação do Programa	Até 20 horas
Atividade profissional na área de formação	Atestado da empresa onde realizou a atividade	Até 60 horas
Atividade de Monitoria	Atestado de participação, com avaliação do aluno, assinado pelo professor responsável.	Até 60 horas
Representação estudantil (Diretório Acadêmico, Colegiados de Curso, Colegiado do Câmpus, CEPE, CONSUP).	Documento emitido pelo órgão responsável	Até 40 horas
Demais atividades serão avaliadas pelo Colegiado do Curso.	Atestado da Coordenação do Programa	Até 60 horas

* São considerados eventos acadêmicos: seminário, simpósio, congresso, conferência, jornadas e outros eventos de natureza técnica e científica relacionadas a área de formação.

1.10. Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é componente curricular obrigatório e realizado ao longo do último ano de estudos, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional, como atividade de síntese e integração de conhecimento, e consolidação das técnicas de pesquisa e observará os seguintes preceitos:

- Trabalho individual, com tema de livre escolha do aluno, obrigatoriamente relacionado com as atribuições profissionais do Arquiteto e Urbanista;
- Organizado em duas disciplinas denominadas TCC I e TCC II, cujos conteúdos e objetivos são estabelecidos por regulamento próprio, e são oferecidas no 9º e 10º semestres;
- Forma de apresentação: deverá ser apresentado de forma escrita e ilustrada, obedecendo a regulamento próprio do IFRO e do curso, assim como às

orientações do CAU. Não serão aceitos trabalhos totalmente práticos (sem embasamento teórico);

- d) Orientação - o aluno deverá escolher uma das linhas de pesquisa ofertadas pelos orientadores docentes do curso e assim definir um orientador para os 2 semestres.
- e) Coordenação - o coordenador do curso ou um dos membros do Núcleo Docente Estruturante poderá exercer a coordenação;
- f) Avaliação - O aluno será avaliado em duas etapas, cada uma em um semestre, podendo ser retido em qualquer uma destas se não alcançar a nota 60 (sessenta). Em ambos os semestres o trabalho será apresentado para banca formada por 3 (três) profissionais (preferencialmente arquitetos e urbanistas), sendo que para o último semestre ao menos um dos avaliadores será de fora da instituição, IFRO – Campus Vilhena.

O TCC é um trabalho que demonstra o domínio sobre os conhecimentos essenciais e a capacidade de resolver problemas de arquitetura e urbanismo. Um dos seus objetivos é avaliar previamente o domínio das competências - atividades e atribuições, para o exercício profissional e para a consequente responsabilidade técnica e social dele decorrente. Outro objetivo é avaliar o domínio dos conhecimentos necessários ao desempenho das atividades e ao exercício das atribuições que confere a habilitação profissional.

Devido às necessidades específicas do curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo descritas na Resolução nº 2 do MEC, de 17 de junho de 2010, ou em legislação vigente, há a necessidade de além da regulamentação de TCC do IFRO, de uma complementação para atendimento à resolução supracitada. Sendo assim, maiores detalhes sobre a organização, forma de desenvolvimento e avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso, serão descritos em regulamento próprio do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Rondônia – *Campus Vilhena*, aprovado pelo NDE.

1.11. Atividades de Extensão

O Plano Nacional de Educação - Lei nº 13.005/2014 assegura na Meta 12, Estratégia 12.7, que: “no mínimo 10% total de créditos curriculares exigidos para a graduação em

programas e projetos de extensão, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”.

Desse modo, entende-se por extensão, o processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, visando o desenvolvimento socioeconômico sustentável local e regional (CONIF/FORPROEXT: Extensão Tecnológica – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, 2013).

Em atendimento a referida estratégia, o Curso de Bacharelado de Arquitetura e Urbanismo irá ofertar e operacionalizar a curricularização ao longo do curso por meio da oferta de projetos de extensão promovidos por docentes da instituição, sendo obrigatória a oferta destes projetos pelos docentes do curso anualmente.

Estes projetos serão desenvolvidos pelos alunos sob a orientação dos professores e certificados pela coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo ou pelo Departamento de Extensão do *campus*. A carga horária de cada projeto será definida pelo professor/coordenador bem como as atividades desenvolvidas por cada discente, sendo que os projetos podem estar ou não vinculados às disciplinas.

Será constituído um Núcleo de Extensão, através do qual serão ofertados projetos de áreas distintas, simultaneamente, de forma que o discente poderá escolher em quais participar de acordo com a afinidade encontrada, será levada em consideração a busca de soluções ou contribuições que atendam a comunidade interna e externa. Semestralmente os alunos deverão apresentar ao responsável pelo Núcleo de Extensão os documentos comprobatórios das atividades de extensão, cumprindo a carga horária mínima semestral descrita na tabela abaixo.

Semestre	Carga-horária mínima semestral (Hora relógio)
3º e 4º	40
5º, 6º, 7º e 8º	60

Ainda no intuito da curricularização da extensão, há a disciplina “Metodologia de Extensão em Arquitetura e Urbanismo”, a qual pretende preparar o discente para participar dos projetos descritos e até fazer propostas de projetos aos docentes. Desta forma o total de

119

353,3 horas de extensão será cumprido através de uma disciplina de 33,3 horas (relógio) mais 320 horas por meio da participação em projetos de extensão distribuídos do 3º ao 8º Semestre.

1.12. Apoio ao Discente

O apoio ao discente é prestado de diversas formas e por variados segmentos no âmbito do IFRO, de acordo com a necessidade de cada aluno.

O aluno conta com o atendimento da Secretaria Acadêmica no que compete a ela e também com o apoio do coordenador do curso que está a sua disposição em horários prefixados em murais e disponíveis no site da IES.

Além do atendimento direto e geral, o aluno também conta com atendimento especializado. O Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE) é o principal órgão de atendimento e de apoio ao acadêmico no tocante as suas dificuldades de adaptação e de aprendizagem.

No âmbito dos cursos, há o Plano de Diagnóstico e Nivelamento que visa a diagnosticar os alunos com déficit de aprendizagem e, por meio de ações, nivelá-los segundo critérios descritos em regulamento próprio.

Para os alunos que precisam ser ouvidos nas suas dúvidas, reclamações e sugestões há ainda a Ouvidoria que tem atendimento presencial e pelos sistemas de comunicação eletrônica. A Ouvidoria é segmento importante no atendimento e apoio ao discente e está regulamentada em documento próprio.

1.12. Avaliação do Curso e Ações Decorrentes do Processo Avaliativo do Curso

A respeito da autoavaliação, o PPC contempla o previsto na Lei nº 10.861/2004 - SINAES Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior e fundamenta-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no PDI do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

A estruturação avaliativa do curso compreende o especificado no Projeto e Regulamento da CPA e contempla os aspectos da organização didático-pedagógica, da avaliação do corpo docente, discente e técnico-administrativo e das instalações físicas.

Na busca de seu reconhecimento como entidade educacional comprometida com sua missão e suas políticas institucionais, o IFRO preocupado em melhorar os serviços oferecidos à comunidade, aplica constantemente instrumentos avaliativos a fim de detectar as falhas para fazer as correções imediatas e necessárias.

A identificação dos pontos fortes e fracos do IFRO permite a construção de metas que possibilitem uma constante revisão dos procedimentos para a persecução de seus objetivos e alcance de suas políticas institucionais.

O processo avaliativo é democrático e garante a participação de todos os segmentos envolvidos como forma da construção de uma identidade coletiva. Em específico, os instrumentos avaliativos destinados aos discentes são organizados de forma a contemplar aspectos didático-pedagógicos do curso e de cada segmento institucional que lhe sirva de suporte, além, é claro, da avaliação individualizada de cada membro do corpo docente e uma autoavaliação proposta para cada acadêmico.

A avaliação do curso é encaminhada à Coordenação de Curso pela CPA para que possa propor as medidas necessárias de adequação junto às instâncias superiores.

A obtenção dos resultados avaliativos do curso tem possibilitado um diagnóstico reflexivo sobre o papel desenvolvido pelo IFRO no âmbito interno e externo, favorecendo a adoção de novas ações e procedimentos que atendam às demandas do entorno social no qual está inserida, contribuindo, desta maneira, para a construção de uma identidade mais próxima à realidade do ambiente em que se localiza e atua como agente de transformação social e cultural.

A avaliação do PPC traz, em si, a oportunidade de rupturas com a acomodação e abre espaço para se indagar qual a importância do curso para a sociedade, qual a melhor política a ser adotada em sua implementação e qual a sua contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O processo de avaliação é uma forma de prestação de contas à sociedade das atividades desenvolvidas pela Instituição, a qual atua comprometida com a responsabilidade social e com o desenvolvimento sustentável da região.

O acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico do Curso resultam, principalmente, de um trabalho integrado entre o Colegiado de Curso, o Núcleo Docente Estruturante, a Comissão Própria de Avaliação e os demais segmentos do IFRO que, de posse

dos resultados, desenvolvem ações de construção e reconstrução do curso e de seu Projeto Pedagógico visando à criação de uma atmosfera propícia ao desenvolvimento social do saber historicamente construído.

São considerados relevantes para o processo de avaliação do curso e de seu Projeto Pedagógico os indicadores oriundos de dados originados das demandas da sociedade, do mercado de trabalho, das avaliações do curso pelo INEP, do ENADE, do Programa de Autoavaliação Institucional do IFRO e dos resultados das atividades de pesquisa e extensão.

O processo de autoavaliação do PPC foi implantado de acordo com as seguintes diretrizes: a autoavaliação do curso constitui uma atividade sistemática que deve ter reflexo imediato na prática curricular; deve estar em sintonia com o Projeto de Autoavaliação Institucional e, por último, deve envolver a participação dos professores, dos alunos e do corpo técnico-administrativo envolvido com o curso.

Cabe a CPA e a Coordenação do Curso operacionalizar o processo de autoavaliação junto aos professores, com o apoio do NDE. Deve haver, ao final do processo, a produção de relatórios conclusivos, a análise desses relatórios conclusivos de autoavaliação pela CPA, pela Coordenação do Curso e pelo NDE.

Os resultados das análises do processo devem ser levados ao conhecimento da comunidade acadêmica por meio de comunicação institucional, resguardados os casos que envolverem a necessidade de sigilo ético.

1.12.1. Atendimento Extraclasse

O atendimento extraclasse aos alunos é realizado pelo coordenador de curso e pelos professores com jornada semanal específica para atendimento extraclasse ao discente, conforme Resolução N° 89/CONSUP/IFRO/2016; assim como pelos serviços especializados de atendimento ao discente. Esse atendimento é feito personalizado e individualmente. O aluno, sem prévio agendamento, faz valer seus direitos tirando dúvidas e apresentando sugestões. Os docentes atendem aos alunos que participam dos projetos de iniciação científica, das monitorias, projetos de pesquisa, extensão, dos trabalhos de conclusão de curso, dos estágios supervisionados.

1.12.2. Atendimento Psicopedagógico

O corpo discente deste e de outros cursos mantidos pela IFRO conta com o Serviço oferecido pelo Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE). O NAPNE tem por objetivo assessorar e acompanhar os alunos em suas ações, atividades e comportamentos.

O NAPNE promove e executar programas visando à melhoria das condições psicológicas e de desempenho acadêmico do alunado. Além do mais, o NAPNE desenvolve ações em conjunto com as coordenações de curso, Departamento de Apoio ao Ensino e Coordenação de Assistência/Apoio ao Educando com o propósito de diagnosticar os problemas e de, conseqüentemente, apresentar soluções para eles.

1.12.3. Estratégias de Nivelamento

Com o objetivo de recuperar as deficiências de formação dos ingressantes, o IFRO oferece cursos e atividades de nivelamento em Matemática, Língua Portuguesa e em outras disciplinas nas quais os discentes mostrarem déficit de aprendizagem em relação aos conhecimentos e habilidades necessários ao estudante das disciplinas ofertadas.

Os cursos de nivelamento são oferecidos a todos os alunos do primeiro semestre dos cursos de graduação, logo nas primeiras semanas de aula.

Os cursos e atividades de nivelamento têm por objetivo revisar conteúdos necessários ao desempenho acadêmico do aluno; oportunizar o estudo de aspectos determinantes para o cotidiano da sala de aula; integrar o estudante na comunidade acadêmica e fazê-lo refletir sobre o que representa a nova vida acadêmica.

O IFRO, por meio de programa próprio, oferece suporte ao desenvolvimento de cursos de nivelamento compatíveis com as prioridades de cada curso e também levando em conta as necessidades identificadas pelas coordenações dos cursos. Além dos acima enumerados, outras disciplinas e conteúdos podem ser apresentados para nivelamento dos alunos ingressantes no IFRO.

1.12.4. Estratégias de Interdisciplinaridade

A proposta de formação interdisciplinar supõe e se operacionaliza em procedimentos teóricos e metodológicos que implicam na integração de conteúdos e atividades das diferentes disciplinas que compõem a matriz curricular do curso.

Isso permitirá conceber o conhecimento como unidade na formação, superando as divisões entre as mesmas, entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa, considerando-as, a partir da contribuição das ciências, diferentes leituras de que o processo de aprendizagem não se limita aos conteúdos propostos.

A matriz curricular deve ser organizada, então, em razão de um plano de etapas de formação intelectual. Uma estratégia para isso pode ser a elaboração de projetos de ensino com o fim de articular disciplinas umas com as outras, em razão de afinidades de conteúdos e pontos de continuidade. A proposição deve ocorrer em dois sentidos:

- horizontal: envolvendo disciplinas diferentes em um mesmo período;
- vertical: envolvendo disciplinas em sequência de períodos.

O estabelecimento de cadeias de conexões horizontais e verticais entre disciplinas incentiva o apoio recíproco entre docentes, dinamiza a aprendizagem e remove a impressão de que as matérias são estanques entre si.

Uma das formas de se programar a prática interdisciplinar é através do que se denomina problematização dos conhecimentos em contato com a realidade por intermédio de um estudo dialógico, tendo em vista que problematizar, tomando como referencial a realidade do acadêmico, significa permitir que o mesmo possa refletir sobre si mesmo enquanto ser pensante.

No ato de repensar o curso apresentado neste Projeto Pedagógico, pode-se, também, recorrer à interdisciplinaridade deste com outros cursos do IFRO, conscientizando o acadêmico de que um curso de qualidade não se fundamenta na memorização de conceitos, mas na reflexão ampla e profunda da realidade pautada em aspectos teóricos oriundos de diversos campos científicos.

A interdisciplinaridade com outros cursos poderá ocorrer também por meio de parcerias que sustentem o desenvolvimento de projetos voltados para o benefício da comunidade.

A implantação de projetos que visem ações interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares constitui meta importante no processo de ensino e de aprendizagem dos cursos de graduação oferecidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

A interdisciplinaridade para o Curso de Arquitetura e Urbanismo se dá, de forma geral, pela consolidação dos eixos temáticos como elementos estruturadores do Curso. Tais eixos não se caracterizam tão somente pela verticalidade e/ou horizontalidade de conhecimentos, mas, sim, pela transversalidade destes, permeando, portanto, os diversos saberes que os caracterizam. Esta organização deve possibilitar, inclusive, ações conjuntas com outras unidades de ensino internas ou externas ao IFRO, e o estabelecimento de programas de extensão e/ou dupla titulação.

De forma específica, pela própria característica do desenvolvimento dos conteúdos nas disciplinas projetuais (matérias essenciais da grade curricular), o mesmo ocorre segundo o modo de pensar e refletir que são dados pela interdisciplinaridade e pela transversalidade de saberes e, portanto, estão intrinsecamente ligados ao fazer dessas disciplinas, conferindo, a esse modo de pensar e refletir, o status de que, sem ele, não se produz arquitetura, pela própria condição de interfaces que a mesma guarda com outras áreas de conhecimento. Em outras palavras, para o fazer projetual é condição indispensável o pensamento interdisciplinar.

A título de complementaridade desse processo interdisciplinar, será dada prioridade aos sistemas de avaliação do processo de ensino e aprendizagem e à proposição de exercícios e projetos acadêmicos baseados nas habilidades e competências do estudante, indicando a superação da visão disciplinar fragmentada.

Será priorizada a interdisciplinaridade horizontal de conteúdos entre as disciplinas, por meio da seleção de temáticas afins e complementares e da proposição de exercícios práticos comuns às disciplinas localizadas em cada etapa do curso.

A interdisciplinaridade também está presente nos componentes curriculares do Curso de Arquitetura e Urbanismo, na organização da grade curricular, na organização das disciplinas por atividades e que organizam seus conteúdos por agrupamentos de competências e habilidades, na disciplina do TCC, entre outras.

1.12.5. Estímulos às Atividades Acadêmicas

A missão do IFRO alicerça-se no desenvolvimento da atividade educacional formativa, desenvolvendo e preparando profissionais, cidadãos livres e conscientes, que busquem projetos de vida, participativos, responsáveis, críticos e criativos, construindo e aplicando o conhecimento para o aprimoramento contínuo da sociedade em que vivem e de futuras gerações.

O Instituto Federal de Rondônia oferece educação superior, visando à formação de sujeitos empreendedores e comprometidos com o autoconhecimento e com a transformação social, cultural, política e econômica do Estado de Rondônia e da Região. Assim, a Instituição tem a responsabilidade social de preparar profissionais éticos e competentes capazes de contribuir para o desenvolvimento regional, o bem-estar e a qualidade de vida de seus cidadãos. Consoante com a sua missão, o IFRO proporciona muitos estímulos aos discentes para a realização de atividades acadêmicas e participação em eventos complementares.

Por assim o ser, o IFRO incentiva a participação do estudante em viagens de estudos; em atividades de extensão; monitoria; pesquisa; discussões temáticas; estudos complementares; participação em seminários, encontros, simpósios, conferências e congressos, internos e externos; participação em estudos de casos; projetos de extensão; em publicação de produção científica em instrumentos próprios e em outros periódicos nacionais e internacionais devidamente registrados nos órgãos de indexação e, finalmente, em visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais. Além disso, o IFRO apoia a divulgação de trabalhos de autoria dos seus alunos.

O aluno recebe incentivo institucional efetivo, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento de sua trajetória acadêmica, quanto no que concerne às ações que o estimulam a permanência na Instituição em programas de formação continuada e de pós-graduação *lato e strito sensu*.

1.13. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo ensino-aprendizagem

O IFRO dispõe de um conjunto de recursos de informática disponíveis para a comunidade acadêmica. Os equipamentos estão localizados, principalmente, nas instalações

administrativas, biblioteca, laboratórios de informática, laboratórios específicos, salas de professores, salas de coordenação. Disponibiliza 4 laboratórios de informática, 3 equipados com 20 computadores cada um, e outro com 40 máquinas, todas conectados à internet. Além disso, incorpora de maneira crescente os avanços tecnológicos às atividades acadêmicas.

Diversas dependências comuns disponibilizam serviço de wireless aos estudantes. A Instituição incentiva o corpo docente a incorporar novas tecnologias ao processo ensino-aprendizagem, promovendo inovações no âmbito dos cursos.

As tecnologias de informação e comunicação implantadas no processo de ensino-aprendizagem e previstas no Projeto Pedagógico do Curso incluem, especialmente, o uso da imagem e a informática como elementos principais. É estimulado o uso, entre os professores, de ferramentas informatizadas que permitam o acesso dos alunos aos textos e outros materiais didáticos em mídias eletrônicas. As aulas com slides por meio de projetor multimídia ou de aparelhos de televisão possibilitam ao docente utilizar imagens com boa qualidade, além de enriquecer os conteúdos abordados com a apresentação de esquemas, animações, mapas, entre outros. Os docentes utilizam também as linguagens dos modernos meios de comunicação, TV/DVD e da música/som e outros. A integração de dados, imagens e sons; a universalização e o rápido acesso à informação; e a possibilidade de comunicação autêntica reduz as barreiras de espaço e de tempo e criam um contexto mais propício à aprendizagem.

Nos microcomputadores e softwares disponibilizados pela Instituição para o curso, são utilizados:

- a) A internet, como ferramenta de busca e consulta para trabalhos acadêmicos e em projetos de aprendizagem. Sua utilização permite superar as barreiras físicas e o acesso limitado aos recursos de informação existentes. Os docentes propõem pesquisas e atividades para os alunos. Os alunos utilizam as ferramentas de busca (como Periódicos Capes, Google, Google Acadêmico, Yahoo, enciclopédia online, demais banco de dados e outros) para elaborar e apresentar um produto seu, estruturado e elaborado a partir dos materiais encontrados;
- b) A comunicação por e-mail, já está consagrada institucionalmente. Por meio de mensagens, alunos e professores trocam informações sobre trabalhos e provas e enviam arquivos e correções uns para os outros;

- c) Os pacotes de aplicativos, que incluem processador de textos, planilha eletrônica, apresentação de slides e gerenciador de bancos de dados, são, frequentemente, utilizados pelos docentes, na instituição, para preparar aulas e elaborar provas, e pelos alunos, nos laboratórios de informática e na biblioteca, como extensão da sala de aula. O processador de textos facilita ao aluno novas formas de apropriação da escrita, onde o reescrever é parte do escrever. As planilhas permitem lidar com dados numéricos em diversos componentes curriculares. Além de cálculos numéricos, financeiros e estatísticos, as planilhas também possuem recursos de geração de gráficos, que podem ser usados para a percepção dos valores nelas embutidos quanto para sua exportação e uso em processadores de texto, slides ou blogs;
- d) Os pacotes de aplicativos da área técnica de desenho projetivo, cálculos e dimensionamentos, apresentação visual, maquetes eletrônicas, etc. Ferramentas essenciais e que acompanham as últimas tendências do mercado profissional do Arquiteto e Urbanista;
- e) Os jogos e simulações, propiciando vivências significativas, cruzando dados para pesquisas e fornecendo material para discussões e levantamento de hipóteses;
- f) Nivelamento em disciplinas básicas, cursos de extensão e integralização de carga-horária, on-line, por meio do ambiente virtual de aprendizagem (AVA), utilizando o *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (MOODLE)*;
- g) Demais ferramentas, de acordo com o previsto nos planos de ensino.

1.14. Avaliação do Processo de Ensino-aprendizagem do Curso

A avaliação de desempenho acadêmico, parte integrante do processo ensino-aprendizagem, é feita por disciplina e incide sobre a frequência e o aproveitamento escolar do aluno.

Independentemente dos demais resultados obtidos, são considerados reprovados na disciplina, os alunos que não obtiverem frequência mínima igual a 75% (setenta e cinco por cento) nas aulas e demais atividades programadas.

Os procedimentos de avaliação pontuarão com notas quantitativas a assiduidade, a pontualidade, a participação nos trabalhos, bem como a apresentação, a redação, a coerência,

a abrangência, a pertinência com os temas abordados em aula, a visão crítica e criatividade do aluno, os trabalhos individuais realizados por ele, os trabalhos em grupo, participação em seminários, em colóquios e em visitas de estudos. Além do mais serão aplicadas, na forma do Regulamento da Organização Acadêmica (ROA-Graduação).

As provas ou atividades de avaliação escolar, regulamentadas no ROA-Graduação, visam à avaliação progressiva do aproveitamento do aluno e deverão ter previsão expressa nos planos de ensino de cada disciplina.

A cada verificação de aproveitamento bimestral e/ou semestral é atribuída uma nota, expressa em grau numérico de zero (0,0) a cem (100,0).

Atendida, em qualquer caso, à frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) às aulas e demais atividades escolares, é aprovado o aluno que obtiver nota de aproveitamento não inferior a 60,0 (sessenta), correspondente à média aritmética das notas dos exercícios escolares realizados durante o semestre letivo em consonância com o que está escrito no Regulamento da Organização Acadêmica.

1.15. Estratégias de Desenvolvimento de Atividades Não Presenciais ou Semipresenciais

A Portaria Nº 1134 de 10 de outubro de 2016 do MEC, trouxe a prerrogativa que permite por lei, que 20% do curso de graduação sejam ministrados na modalidade semipresencial. Sob essa prerrogativa, o curso de Arquitetura e Urbanismo, poderá ofertar até 20% da carga horária semipresencial, devendo estas atividades estar previstas no(s) plano(s) de ensino das componentes curriculares, bem como registradas no diário de classe e ficará a cargo da Coordenação do Curso essa operacionalização. O total previsto na Portaria do MEC poderá ser utilizado em uma única disciplina, desde que não ultrapasse os 20% permitido ou em partes de diversas disciplinas.

DIMENSÃO 2 - CORPO DOCENTE

2.1. Do Núcleo Docente Estruturante

Conforme resolução CONAES nº 01, de 17 de junho de 2010, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de graduação constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso.

O NDE deve ser constituído por membros do corpo docente do curso, que exerçam liderança acadêmica no âmbito do mesmo, percebida na produção de conhecimentos na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, e que atuem sobre o desenvolvimento do curso.

O Núcleo Docente Estruturante deve ser integrado por professores responsáveis pela (re)formulação das propostas pedagógicas e que estejam efetivamente encarregados da implementação e desenvolvimento do curso no que concerne às atividades de docência, orientação de pesquisa, estágio e extensão, atualização do Projeto Pedagógico, entre outras.

Em sua composição, o Núcleo Docente Estruturante conta com o mínimo de (05) docentes, tendo o coordenador do Curso seu presidente com voto de qualidade nas decisões.

São atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

I - contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;

II - zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

III - indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

IV - zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

2.1.1. Composição do Núcleo Docente Estruturante

O Núcleo Docente Estruturante – NDE instituído constitui-se de um grupo de docentes, com caráter consultivo para acompanhamento do curso, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso visando a contínua promoção de sua qualidade.

O NDE é responsável por elaborar o Projeto Pedagógico, além de supervisionar, acompanhar e consolidar a implantação e implementação do Curso. É eleito pela equipe de professores e designado pela Direção-Geral do *Campus*, em atendimento às orientações da Resolução 1/2010 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes).

Quadro 12: Núcleo docente estruturante do curso

Nº	NOME	FORMAÇÃO BÁSICA	TITULAÇÃO	ÁREA
1	Ariane Zambon Miranda	Arquitetura e Urbanismo	Mestrado	Ciências Sociais Aplicadas
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/9492741520765160				
2	Daniela Giovanini Manuel Pires	Arquitetura e Urbanismo	Especialização	Ciências Sociais Aplicadas
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/7934645609264353				
3	Jaqueline Aida Ferrete	Geografia	Doutorado	Ciências Humanas
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8686863535289032				
4	José Inildo Alencar	Matemática	Especialista	Ciências Exatas e da Terra
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/9715314833346746				
5	Michel Osmar Costa Paiva	Engenharia Civil	Especialização	Engenharia
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/7080585507250103				

Todos os docentes, membros do NDE, trabalham 40 horas por semana e possuem Dedicção Exclusiva.

2.2. Do Coordenador do Curso

O coordenação de curso trabalha em articulação com os demais setores de apoio para atendimento às necessidades dos estudantes e do próprio curso. Será ocupada por um profissional com elevado grau de formação e titulação, experiência profissional e acadêmica e

disponibilidade de tempo para as atividades de avaliação, acompanhamento, instrução e apoio relacionados ao curso. Suas competências deverão ser contidas no Regimento Geral e no Regimento Interno de cada *Campus*.

O Coordenador deve responsabilizar-se pela gestão acadêmica do curso e atender a requisitos de atuação dispostos pelo MEC no Instrumento de Avaliação de Reconhecimento de Cursos, que envolvem disponibilidade adequada de tempo à coordenação, experiência de trabalho docente no nível superior, boa relação com docentes e discentes e participação nos colegiados afins.

Para que um docente seja indicado pela Direção Geral ou se candidate a coordenador de curso, deverá ter experiência profissional de 4 anos, sendo, no mínimo 1 ano completo na educação superior; ter titulação mínima de mestre e possibilidade de se dedicar o maior número possível de horas à coordenação, ter regime de trabalho de dedicação exclusiva, considerando o número de alunos do curso conforme instrumento de avaliação do INEP/MEC, no item 2.4.

Na falta de docente que atenda ao perfil acima, o coordenador poderá ser indicado pela Direção Geral ou eleito professor com titulação não inferior a especialista.

2.2.1. Identificação do Coordenador do Curso

A Coordenação do curso será exercida pela professora Mestre Ariane Zambon Miranda.

2.2.2. Titulação e Formação do Coordenador do Curso

Abaixo está demonstrada a formação e titulação do coordenador do curso:

Quadro 13: Titulação do coordenador do curso

Ano de início e integralização	Nível	Nome do curso	Instituição
2014-2016	Mestrado	Engenharia de Edificações e Ambiental	Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT
2012-2013	Especialização	Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável	Centro Universitário Internacional – UNINTER
2006-2010	Graduação	Arquitetura e Urbanismo	Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

2.3. Experiência Profissional de Magistério Superior e de Gestão do Coordenador do Curso

No quadro abaixo, está demonstrada a experiência do coordenador do curso para fins de comprovação de sua real atuação profissional no magistério superior, bem como em setores de gestão.

Quadro 14: Experiência Profissional do Coordenador do Curso

Tempo de experiência no magistério superior	Tempo de experiência em gestão
18 meses	-

2.4. Regime de Trabalho do Coordenador do Curso

Em obediências às políticas de contratação de pessoal e em atendimento às exigências legais, o coordenador do curso desenvolve suas funções em **REGIME INTEGRAL** de trabalho, com **DEDICAÇÃO EXCLUSIVA**, conforme está demonstrado em sua portaria de nomeação.

2.5. Carga-Horária do Coordenador do Curso

O coordenador do curso trabalha em regime de dedicação exclusiva perfazendo um total de 40 horas semanais distribuídas da seguinte forma:

Quadro 15: Carga-horária do Coordenador do Curso

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	NÚMERO DE HORAS
Aulas presenciais	8 horas
Coordenação do Curso	25 horas
Tempo dedicado a pesquisa	3 horas
Tempo dedicado a extensão	2 horas
Tempo destinado a capacitação e publicação	2 horas
TOTAL	40 horas semanais

2.6. Titulação do Corpo docente

O corpo docente será constituído por 09 Arquitetos e Urbanistas, dos quais 06 estão em contratação e ainda não fazem parte do “Quadro 16” de titulação. Os demais professores estão elencados.



Quadro 16: Titulação do corpo docente

Docente	Graduação	Ies	Ano	Maior Titulação	Ies	Ano
Adriana Barbosa Coelho	Engenharia Elétrica	UFMT	2009	Especialização	FAROL	2015
Alexandre Vieira Saboia	Tecnólogo em Construção de Edifícios	IFPB	2016	Graduação	IFPB	2016
Ariane Zambon Miranda	Arquitetura e Urbanismo	UNEMA T	2010	Mestrado	UFMT	2016

Continuação Quadro 17: Titulação do corpo docente

Docente	Graduação	Ies	Ano	Maior Titulação	Ies	Ano
Daniela Giovanini Manuel Pires	Arquitetura e Urbanismo	PUCCAMP	2001	Especialização	Porto FGV	2016
Eder Carlos Cardoso Diniz	História	UFMT	1994	Mestrado	UFMT	2014
Ewerton Luiz Costadelle	Automação Industrial	IFMT	2014	Especialização	AVEC	2015
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	Educação Artística	UEL	1985	Especialização	FAROL	2008
Jaqueline Aida Ferrete	Geografia	UFU	2003	Doutorado	UFU	2009
José Inildo Alencar	Matemática	UNIR	1995	Especialização	UNIOESTE	1997
Junior Batista Duarte	Engenharia Civil	UNASP	2010	Graduação	UNASP	2010
Liliane Pereira Soares do Nascimento	Letras	UNESP	1986	Doutorado	UNESP	2016
Melquisedeque da Conceição Lima	Física	UNIR	2008	Mestrado	UNIR	2015
Michel Osmar Costa Paiva	Engenharia Civil	UEMG	2001	Especialização	FAAR	2006
Ney Grequi Franco Figueiredo	Engenharia Mecânica	UFPA	2011	Especialização	UNIRON	2014
Renato Delmonico	Arquitetura e Urbanismo	UEM	2005	Mestrado	UEM	2010
Rodrigo Buss Back	Arquitetura e Urbanismo	UNEMAT	2016	Graduação	UNEMAT	2016
Sari Possari dos Santos	Ciências Sociais	UNIR	2011	Mestrado	UNIR	2014
Valeria Arenhardt	Administração de empresas	FECAP	1993	Mestrado	AVEC	2008

O corpo docente do Curso de Graduação em 2016 é composto por 18 professores, sendo 2 doutores (11,11%), 6 mestres (33,33%), 7 especialistas (38,88%) e 3 graduados (16,66%).

2.6.1. Políticas de aperfeiçoamento qualificação e atualização do corpo docente

Quanto à qualificação de servidores para execução de pesquisas qualificadas e atuação em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, o IFRO implementou parcerias com instituições de ensino para a oferta de Doutorados e Mestrados Interinstitucionais (DINTER e MINTER) aos seus servidores. Além da qualificação, essas ações têm contribuído para a elevação da produção técnico-científica dos servidores, criando um ambiente de produção científica e tecnológica no Instituto para a implantação de programas próprios de mestrado e doutorado, bem como aproximando o IFRO de outras instituições com reconhecida competência no desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa.

Em adição, e com o objetivo de ampliar a divulgação das atividades desenvolvidas por seus servidores e alunos, e como forma de contribuir para a consolidação do diálogo e da interação entre a instituição e o mundo da produção, dos serviços e sociedade em geral, o IFRO tem buscado fortalecer seus periódicos técnico-científicos e fomentar a publicação de livros autorais por seus servidores e alunos.

Por fim, as atividades de pesquisa e inovação no Instituto, bem como a transferência tecnológica para a sociedade demandante, estão sendo continuamente fortalecidas, com o objetivo de consolidar o IFRO como instituição de excelência no desenvolvimento de atividades técnico-científicas necessárias para atender as demandas dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais e regionais e de contribuir para a elevação da competitividade tecnológica do país.

2.7. Titulação do Corpo Docente – Percentual de Doutores

Como se pode observar no item anterior, 44,44% dos docentes do Curso têm titulação obtida em programas de pós-graduação *stricto sensu* conforme as exigências legais; destes 11,11% obtém o título de doutor.

2.8. Regime de Trabalho do Corpo Docente

Quadro 18: Regime de trabalho do corpo docente

DOCENTE	REGIME	NÚMERO EM HORAS
Adriana Barbosa Coelho	Dedicação Exclusiva	40 horas
Alexandre Vieira Saboia	Integral (40 horas)	40 horas
Ariane Zambon Miranda	Dedicação Exclusiva	40 horas
Daniela Giovanini Manuel Pires	Dedicação Exclusiva	40 horas
Eder Carlos Cardoso Diniz	Dedicação Exclusiva	40 horas
Ewerton Luiz Costadelle	Dedicação Exclusiva	40 horas
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	Dedicação Exclusiva	40 horas
Jaqueline Aida Ferrete	Dedicação Exclusiva	40 horas
José Inildo Alencar	Dedicação Exclusiva	40 horas
Junior Batista Duarte	Dedicação Exclusiva	40 horas
Liliane Pereira Soares do Nascimento	Dedicação Exclusiva	40 horas
Melquisedeque da Conceição Lima	Dedicação Exclusiva	40 horas
Michel Osmar Costa Paiva	Dedicação Exclusiva	40 horas
Ney Grequi Franco Figueiredo	Dedicação Exclusiva	40 horas
Renato Delmonico	Dedicação Exclusiva	40 horas
Rodrigo Buss Back	Dedicação Exclusiva	40 horas
Sari Possari dos Santos	Dedicação Exclusiva	40 horas
Valeria Arenhardt	Dedicação Exclusiva	40 horas

O IFRO investe na composição de um corpo docente que possua, na sua maioria, dedicação exclusiva e outros que sejam contratados no regime de 40 e 20 horas.

Os professores possuem diferentes regimes de trabalho, ou seja: 94,44% com dedicação exclusiva e 5,55% dos docentes do curso possuem contrato de trabalho em regime de tempo integral (40h) e 0% em regime de tempo parcial.

2.9. Experiência Profissional do Corpo Docente Fora da Docência

Quando mais experiente é o corpo docente, melhor será o desempenho do curso na formação do egresso. O IFRO, em cumprimento à sua missão e aos seus objetivos, prima pela formação de um quadro de docentes que sejam devidamente titulados em programas de pós-graduação *strito sensu* e que tenham experiência no magistério, quer seja superior, quer seja na educação básica.

Quando possível, O IFRO investe na formação de seus professores incentivando-os a cursar pós-graduação, *lato* e *strito sensu*, e outros cursos de formação e especialização

docente como se pode verificar nas anotações do departamento próprio e conforme depoimento dos próprios professores.

Quadro 19: Experiência Profissional fora da Docência

DOCENTE	EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL FORA DA DOCÊNCIA EM ANOS
Adriana Barbosa Coelho	2 anos
Alexandre Vieira Saboia	2 anos
Ariane Zambon Miranda	5 anos
Daniela Giovanini Manuel Pires	16 anos
Eder Carlos Cardoso Diniz	6 anos
Ewerton Luiz Costadelle	12 anos
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	5 anos
Jaqueline Aida Ferrete	-
José Inildo Alencar	16 anos
Junior Batista Duarte	5 anos
Liliane Pereira Soares do Nascimento	5 anos
Melquisedeque da Conceição Lima	-
Michel Osmar Costa Paiva	11 anos
Ney Grequi Franco Figueiredo	-
Renato Delmonico	4 anos
Rodrigo Buss Back	-
Sari Possari dos Santos	-
Valeria Arenhardt	30 anos

2.10. Experiência no Exercício da Docência na Educação Básica

No que se refere à experiência profissional, O IFRO, ao selecionar os professores para o seu, quadro, assume, nos termos dos editais de processos seletivos e concursos, como compromisso de priorizar a aquisição de profissionais com experiência no magistério, com especial destaque para aqueles com ampla experiência na educação básica. Assim sendo, no quadro abaixo, estão enumerados os professores que vão atuar no curso e sua respectiva experiência na Educação Básica, como professor, em anos.

Quadro 20: Experiência docente na Educação Básica

Docente	Experiência na Educação Básica
Adriana Barbosa Coelho	4 anos e 8 meses
Alexandre Vieira Saboia	10 meses
Ariane Zambon Miranda	8 meses

Daniela Giovanini Manuel Pires	3 meses
Eder Carlos Cardoso Diniz	20 anos
Ewerton Luiz Costadelle	10 meses
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	14 anos
Jaqueline Aida Ferrete	17 anos
José Inildo Alencar	20 anos
Junior Batista Duarte	10 meses
Liliane Pereira Soares do Nascimento	22 anos
Melquisedeque da Conceição Lima	13 anos
Michel Osmar Costa Paiva	4 anos e 8 meses
Ney Grequi Franco Figueiredo	8 meses
Renato Delmonico	7 anos e 10 meses
Rodrigo Buss Back	-
Sari Possari dos Santos	2 anos e 8 meses
Valeria Arenhardt	6 anos

2.10. Experiência de Magistério Superior do Corpo Docente

A experiência no magistério superior possibilita ao professor uma atuação segura, focada na aprendizagem dos alunos e integrada à proposta pedagógica do IFRO. A experiência profissional, fora do magistério, na área de formação, possibilita ao professor uma abordagem mais prática dos conteúdos curriculares ministrados em sala de aula. Assim o sendo, do IFRO busca formar seus quadros de professores dando preferência àqueles que, além do conhecimento teórico, tenha habilidades práticas adquiridas no exercício profissional. Abaixo, relacionamos os professores e sua respectiva experiência no magistério superior, em anos.

Quadro 21: Experiência docente na Educação Superior

Docente	Experiência na Educação Superior
Adriana Barbosa Coelho	-
Alexandre Vieira Saboia	-
Ariane Zambon Miranda	1 ano e 6 meses
Eder Carlos Cardoso Diniz	1 ano e 6 meses
Daniela Giovanini Manuel Pires	-
Ewerton Luiz Costadelle	6 meses
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	-
Jaqueline Aida Ferrete	5 anos
José Inildo Alencar	5 anos
Junior Batista Duarte	-
Liliane Pereira Soares do Nascimento	2 anos
Melquisedeque da Conceição Lima	3 anos

Michel Osmar Costa Paiva	1 ano
Ney Grequi Franco Figueiredo	4 meses
Renato Delmonico	-
Rodrigo Buss Back	-
Sari Possari dos Santos	1 ano
Valeria Arenhardt	15 anos

2.11. Relação entre o Número de Docentes e o Número de Vagas

O IFRO procura manter adequada relação entre o número de vagas anuais e o número de docentes que têm regime de trabalho em tempo integral ou regime de 40 e de 20 horas.

Segundo o Censo da Educação Superior, no Brasil, temos, aproximadamente, 2.314 instituições de ensino superior e 307 mil professores. A média nacional do número de discentes em relação ao número de docentes é de 17,4. Nas instituições públicas a média é de 12,39 alunos por professor, enquanto nas instituições privadas essa relação é superior a 20 alunos por docente.

Considerando o número de docentes apresentados para os dois primeiros anos de funcionamento do curso e também o número de vagas oferecidas no decorrer do mesmo prazo, temos uma média de 5 alunos por professor nos dois primeiros anos do curso, podendo se manter ao longo de todo o curso em decorrência de novas e necessárias aquisições.

2.12. Funcionamento do Colegiado do Curso

O Colegiado do Curso de Graduação, no âmbito de cada *Campus*, é um órgão consultivo que poderá deliberar sobre assuntos relativos a ensino e aprendizagem no âmbito do curso. É composto pelos seguintes membros:

- Diretor de Ensino, como presidente;
- Coordenador do Curso;
- Coordenador de apoio ao ensino;
- Todos os professores em atividade no Curso;
- Um aluno regular do Curso, escolhido, dentre os líderes de turma interessados na representação, pelo critério da melhor nota no conjunto das disciplinas cumpridas no período letivo anterior ao da escolha ou no último ano do curso de nível médio, quando a escolha for feita antes do final do primeiro período letivo do Curso atual.

Suas competências estão previstas no Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação.

2.14. Produção Científica, Cultural, Artística ou Tecnológica do Corpo Docente

O IFRO é uma instituição preocupada com o desenvolvimento científico, acadêmico, tecnológico, artístico e cultural de seus professores. Assim sendo, tudo o que é produzido por eles recebe tratamento diferenciado. O IFRO desenvolve programas e assegura instrumentos e mecanismos de visibilidade e publicação dos trabalhos desenvolvidos por seus docentes.

Além de sua revista científica, o Instituto ainda dá incentivo para que os docentes lotados em seus cursos produzam e publiquem seus trabalhos de natureza científica, tecnológica, artística e cultural em revistas regionais, nacionais e internacionais, devidamente indexadas nos órgãos apropriados.

Em decorrência disso, O IFRO tem sempre um número satisfatório de professores com publicações dentro de espaço não superior a três anos, o que pode ser evidenciado nos currículos lattes apontados abaixo:

Quadro 22: Currículo Lattes dos docentes do curso

DOCENTE	LINK CURRÍCULO LATTES
Adriana Barbosa Coelho	http://lattes.cnpq.br/5301775726950571
Alexandre Vieira Saboia	http://lattes.cnpq.br/7319417716931650
Ariane Zambon Miranda	http://lattes.cnpq.br/9492741520765160
Daniela Giovanini Manuel Pires	http://lattes.cnpq.br/7934645609264353
Eder Carlos Cardoso Diniz	http://lattes.cnpq.br/2697971948700205
Ewerton Luiz Costadelle	http://lattes.cnpq.br/4109167480153959
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	http://lattes.cnpq.br/0771475382653075
Jaqueline Aida Ferrete	http://lattes.cnpq.br/8686863535289032
José Inildo Alencar	http://lattes.cnpq.br/9715314833346746
Junior Batista Duarte	http://lattes.cnpq.br/0422987617407928
Liliane Pereira Soares do Nascimento	http://lattes.cnpq.br/6438448487493143
Melquisedeque da Conceição Lima	http://lattes.cnpq.br/0643285500327614
Michel Osmar Costa Paiva	http://lattes.cnpq.br/7080585507250103
Ney Grequi Franco Figueiredo	http://lattes.cnpq.br/4014937984133299
Renato Delmonico	http://lattes.cnpq.br/1546265378678990
Rodrigo Buss Back	http://lattes.cnpq.br/2978212214501853

Sari Possari dos Santos	http://lattes.cnpq.br/8297074976716487
Valeria Arenhardt	http://lattes.cnpq.br/2755798853100530

2.15. Titulação e formação do corpo de tutores do curso

De acordo com o item 1.15 deste documento, Estratégias de Desenvolvimento de Atividades Não Presenciais ou Semipresenciais, as atividades dessa modalidade ocorrerão juntamente com as disciplinas presenciais, assim os tutores serão os respectivos professores das disciplinas. Desta forma a titulação e formação destes já foi elencada e pode ser observada no item 2.6 Titulação do Corpo Docente, deste documento.

2.16. Experiência do corpo de tutores em educação a distância

O quadro de professores trabalha com Ambiente Virtual de Aprendizagem no ensino técnico na instituição, de modo que todos têm experiência prévia nessa modalidade de ensino.

Quadro 233: Experiência docente em educação a distância

Docente	Experiência na Educação Básica
Adriana Barbosa Coelho	1 anos e 6 meses
Alexandre Vieira Saboia	6 meses
Ariane Zambon Miranda	4 meses
Daniela Giovanini Manuel Pires	3 meses
Eder Carlos Cardoso Diniz	1 anos e 6 meses
Ewerton Luiz Costadelle	8 meses
Fabiani Marques Lopes Muller Maroneze	1 anos e 6 meses
Jaqueline Aida Ferrete	1 anos e 6 meses
José Inildo Alencar	1 anos e 6 meses
Junior Batista Duarte	5 meses
Liliane Pereira Soares do Nascimento	1 anos e 6 meses
Melquisedeque da Conceição Lima	1 anos e 6 meses
Michel Osmar Costa Paiva	1 anos e 6 meses
Ney Grequi Franco Figueiredo	6 meses
Renato Delmonico	1 anos e 6 meses
Rodrigo Buss Back	-
Sari Possari dos Santos	1 anos e 6 meses
Valeria Arenhardt	1 anos e 6 meses

2.17. Relação docentes e tutores – presenciais e a distância – por estudante

Considerando a justificativa do item 2.15, este tópico já foi abordado e pode ser averiguado no item 2.11, Relação entre o número de docentes e o número de vagas, deste documento.

DIMENSÃO 3 – INFRAESTRUTURA

3.1. Gabinetes de Trabalho para Professores em Tempo Integral

O *Campus* dispõe de espaço para todos os professores que trabalham em regime de dedicação exclusiva. A maior parte desses professores desenvolve outras atividades no *Campus* e, por isso, tem salas que servem para o desenvolvimento das ações específicas dessa outra função e também para o atendimento ao discente.

O *Campus* ainda não possui espaço destinado aos professores de tempo integral, no entanto, no decorrer da implantação do curso, deverá providenciar espaços com as especificações seguintes:

Quadro 24: Descrição de gabinetes para docentes

ITENS	ESPECIFICAÇÃO EM NÚMEROS
Espaço físico em metros quadrados:	4m ² no mínimo
Mesa(s):	1
Cadeira(s):	2
Armário(s) e arquivo(s):	1
Computador(es):	1
Impressora(a):	Coletiva

3.2. Espaço de Trabalho para Coordenação de Curso e Serviços Acadêmicos

Todos os coordenadores de curso do *Campus* são lotados no regime integral e possuem gabinetes de trabalho, no qual desenvolvem suas ações administrativas, pedagógicas e de atendimento aos professores e alunos.

O *Campus* ainda não possui espaço destinado ao coordenador de curso, no entanto, no decorrer da implantação do curso, deverá providenciar espaços com as especificações seguintes:

Quadro 25: Espaço de trabalho para a coordenação de curso e serviços acadêmicos

ITENS	ESPECIFICAÇÃO EM NÚMEROS
Espaço físico em metros quadrados:	6m ² no mínimo
Mesa(s):	1
Cadeira(s):	3
Armário(s) e arquivo(s):	2
Computador(es):	1
Impressora(a):	Coletiva

3.3. Sala de Professores

O *Campus* conta com uma sala de professores, climatizada e mobiliada com mesas de trabalho, geladeira, sofás, cadeiras e espaços destinados ao trabalho individual.

Quadro 26: Descrição da sala de professores

ITENS	ESPECIFICAÇÃO EM NÚMEROS
Espaço físico em metros quadrados:	40,12
Mesa(s) coletiva(s):	2
Cadeira(s):	12
Armário(s) e arquivo(s):	72
Computador(es):	3
Impressora(a):	1
Mesa(s) e espaço(s) individual(is)	3
Aparelho de televisão:	0
Assento(s) estofado(s) para descanso (cada um para 3 pessoas):	2

3.4 Salas de Aula

A Instituição disponibiliza aos seus acadêmicos, salas de aulas adequadas e confortáveis, com dimensões que variam de 60,90 a 67,00 m², construídas em alvenaria e concreto armado, com fechamento em vidros temperados, piso cerâmico antiderrapante, revestimento em massa corrida e pintura látex/acrílica. Há em cada sala um projetor multimídia.

Todas as salas de aula são mobiliadas com 40 carteiras individuais, com acabamento em fórmica, acompanhadas de 40 cadeiras de assento em acrílico, climatizadas com ar condicionado Split e cortinas tipo persiana.

O IFRO conta com salas de aula padronizadas, com capacidade para 40 alunos e planejadas para oferecer as melhores condições de aprendizagem atendendo às disposições regulamentares quanto à dimensão, iluminação, ventilação (todas as salas são climatizadas), mobiliário e limpeza.

3.5. Acesso dos Alunos a Equipamentos de Informática

O IFRO coloca a serviço das necessidades acadêmicas dos seus alunos, os Laboratórios de Informática, especificados em um dos itens anteriores, onde todos os equipamentos podem ser utilizados diariamente, das 7h10min às 22h35min. Neste mesmo horário há ainda 13 computadores disponíveis para acesso na biblioteca.

Além do mais, foi implantado um sistema especializado que possibilita ao aluno acompanhar sua situação acadêmica, pela Internet, permitindo-lhe acesso ao relatório de notas, resultados de avaliação, reserva de livros, (re)matrícula on-line, comprovante de matrícula e outros.

3.6. Livros da Bibliografia Básica

A política da biblioteca do *Campus* é adquirir toda a bibliografia básica das disciplinas constantes na matriz curricular dos cursos procurando atualizá-la periodicamente.

A bibliografia é sempre recomendada pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, supervisionada pelo coordenador de curso e pelo Núcleo Docente Estruturante com a anuência do Colegiado do Curso.

O Núcleo Docente Estruturante do curso trabalha também no sentido de recomendar a atualização bibliográfica a fim de manter a qualidade e atualização dos conhecimentos do aluno.

No item do plano de disciplinas deste projeto, estão esboçadas as obras da bibliografia básica que compõem o conjunto de referências exigidas para a formação do egresso do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

3.7. Livros da Bibliografia Complementar

A bibliografia complementar indicada atente aos programas das disciplinas com o mínimo de exemplares por títulos segundo orientação dos regulamentos e instrumentos indicativos do INEP/MEC para cada disciplina.

A bibliografia complementar atua como um acervo complementar na formação dos alunos e é recomendada pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, supervisionada pelo

coordenador de curso e pelo Núcleo Docente Estruturante com a anuência do Colegiado do Curso.

No item do plano de disciplinas deste projeto, estão esboçadas as obras da bibliografia complementar que compõem o conjunto de referências exigidas para a formação do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

3.8. Periódicos Especializados

A biblioteca conta, em seu acervo, com periódicos, nacionais e estrangeiros, específicos para os cursos e outros de interesse geral da comunidade acadêmica. Para tanto são mantidas assinaturas correntes de periódicos, que podem ser ampliadas, de acordo com as indicações da comunidade acadêmica.

Além das assinaturas de periódicos, o *Campus* viabiliza acesso aos periódicos disponíveis livremente no site da capes e em outros bancos públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Todos os cursos mantidos pelo *Campus* recebem periódicos em número necessário para atender a demanda da comunidade acadêmica.

3.9. Laboratórios Didáticos e Especializados

O *Campus* Vilhena possui dois laboratórios de informática e um laboratório de CAD, todos eles com 21 computadores além de um laboratório de hardware. São abertos aos estudantes de segunda a sexta-feira, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Estes ambientes são destinados às aulas e pesquisas em geral. Os professores interessados em usar estes ambientes agendam seus horários em planilhas, que são controladas pelos funcionários e estagiários. A entrada e permanência de alunos são controladas por meio de listas de presença. Não é permitido o acesso aos conteúdos não educacionais.

Os softwares instalados são Microsoft Office 2007, K-lite Codec Pack, suíte de aplicativos gráficos Coreldraw x5, Foxit Reader, Winrar, Adobe Flash Player 10 Actvex, Macromedia Dreamweaver CS 5.5, Macromedia Extension Manager CS 5.5, Macromedia Fireworks CS 5.5, Macromedia Flash CS 5.5, Macromedia Flash 8 Vídeo Encoder CS 5.5,

dentre outros. Os softwares a serem instalados são: Adobe Illustrator CS 5.5, Adobe Photoshop, Studio CS 5.5 e outros, a pedido dos professores e conforme licenças permitidas. Temos uma parceria com a Autodesk, fornecedora dos softwares Autodesk Architectural Desktop, Autodesk Revit e Autodesk 3ds Max 9 e que fazem parte do Factory Design Suite Ultimate 2016. Está prevista instalação de softwares específicos, no limite das necessidades das disciplinas.

3.9.1. Plano de Atualização Tecnológica, Serviços e Manutenção dos Equipamentos

A escolha de laboratórios e as instalações especiais atendem às necessidades dos cursos ofertados, levando-se em conta o número de alunos e a relação custo-benefício.

A atualização dos laboratórios varia de acordo com as novas tecnologias, e a manutenção é feita por profissionais especializados. A operacionalização dos equipamentos é de responsabilidade dos docentes e técnicos do IFRO

A atualização tecnológica e a manutenção de equipamentos correspondem às ações do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), do Plano de ação do *Campus* e do Plano Diretor de Tecnologia da Informação, que prevê a aquisição de equipamentos. Todavia, a atualização poderá ser desenvolvida também por meio de ações complementares pelos servidores do IFRO, enquanto a manutenção ficará a cargo tanto de técnicos especializados quanto dos que manuseiam os equipamentos nos processos de formação acadêmica.

No sentido de garantir os serviços nos laboratórios didáticos especializados, é condição primordial que a IES mantenha a existência de um técnico responsável pela manutenção, atendimento à comunidade e assessoramento aos docentes no decorrer de suas aulas práticas, em todos os turnos.

3.9.2. Infraestrutura de laboratórios específicos da área de formação

As atividades em laboratório são de fundamental importância para o processo de formação educacional, especialmente em uma área como Arquitetura e Urbanismo. Os laboratórios são espaços pedagógicos fundamentais na construção das relações entre teoria e prática e deverão ser utilizados em todas as etapas de formação dos alunos.

Abaixo são apresentados os laboratórios preparados para o Curso, com seus respectivos objetivos de ensino e aprendizagem.

Quadro 27: Laboratórios específicos e seus objetivos

LABORATÓRIO(S)	OBJETIVOS
Laboratório de CAD	Atender as necessidades básicas das aulas práticas / demonstrativas referentes às várias disciplinas da área de Arquitetura e Urbanismo; Dar suporte às atividades de pesquisa. Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem por meio de aulas práticas, com utilização de softwares específicos para as disciplinas de Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismos I e II.
Laboratório de Materiais	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para executar as atividades e experimentos práticos das disciplinas de Tecnologia da Construção, Materiais de Construção I e II, Sistema Estrutural I e II, Estrutura de Concreto Armado I e II, Sistemas Prediais - Instalações Hidráulicas e Sanitárias e Instalações Especiais. b) dar suporte aos experimentos de pesquisa.
*Laboratórios a serem implantados com o curso	

Continuação Quadro 28: Laboratórios específicos e seus objetivos

LABORATÓRIO(S)	OBJETIVOS
Laboratório de Solos e Topografia	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para executar as atividades e experimentos práticos das disciplinas de Tecnologia da Construção, Sistema Estrutural I e II e Topografia aplicada à Arquitetura. Dar suporte às pesquisas que envolvam experimentos.
Laboratório de Desenho Técnico	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para executar as atividades e experimentos práticos das disciplinas de Geometria Descritiva Aplicada a Arquitetura, Desenho Arquitetônico I e II, Projeto de Arquitetura I, II, III, IV, V, VI e VII. Dar suporte às pesquisas que envolvam experimentos.
Laboratório de Eletricidade	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para executar as atividades e experimentos práticos das disciplinas de Conforto Ambiental II: Lumínico e Sistemas Prediais: Instalações Elétricas. Dar suporte às pesquisas que envolvam experimentos.
Laboratório de Conforto*	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para executar as atividades e experimentos práticos das disciplinas de Conforto I, II e III (Térmico, Lumínico e Acústico, respectivamente). Dar suporte às pesquisas que envolvam experimentos e a aplicação de softwares específicos para as análises, dentre outras.
Maquetaria*	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem por



	meio de aulas práticas, através da composição de modelos reais e tridimensionais de obras arquitetônicas e mobiliário, na disciplina Modelos Tridimensionais. Subsidiar as atividades interdisciplinares, para aplicação de exercícios práticos de arquitetura
Ateliê*	Colaborar para o processo de ensino-aprendizagem por meio de aulas práticas, nas disciplinas Projeto Alternativo, Plástica, Meios de Expressão, Modelos Tridimensionais, Projeto de Arquitetura I, II, III, IV, V, VI e VII e Projeto Urbano I, II e III. Subsidiar as atividades interdisciplinares, para aplicação de exercícios práticos de arquitetura.
*Laboratórios a serem implantados com o curso	

Os móveis e equipamentos dos laboratórios e demais espaços de ensino e aprendizagem estão apresentados no quadro seguinte:

Quadro 29 - Quantificação e descrição dos ambientes de formação

Qtde.	Espaço Físico	Área M ²	Infraestrutura de móveis e equipamentos	M ² por aluno
12	Salas de Aula	64,94	Com 40 carteiras, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia.	1,30
01	Auditório	220,80	Com 300 lugares, projetor multimídia, notebook, sistema de caixas acústicas e microfones.	1,12
01	Biblioteca	500	Com espaço de estudos individual e em grupo, equipamentos específicos e acervo bibliográfico e de multimídia.	--
01	Laboratório de CAD	49,84	Com 40 máquinas, software e projetor multimídia ou TV.	1,30
01	Laboratório de Materiais	65,92	Bancadas de trabalho e instrumentação, bancadas de estudo coletivas, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia, equipamentos de medição e estudo quanto a materiais construtivos.	1,64



01	Laboratório de Solos e Topografia	65,53	Bancadas de trabalho e instrumentação, bancadas de estudo coletivas, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia, equipamentos de medição e estudo topográficos e de solo.	1,64
01	Laboratório de Desenho Técnico	64,92	Com 20 pranchetas de desenho com 1,0m de largura e régua paralela, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia.	2,00
*Laboratórios a serem implantados com o curso				

Continuação Quadro 28 - Quantificação e descrição dos ambientes de formação

Qtde.	Espaço Físico	Área M ²	Infraestrutura de móveis e equipamentos	M ² por aluno
01	Laboratório de Eletricidade	65,10	Bancadas de trabalho e instrumentação, bancadas de estudo coletivas, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia, equipamentos de medição e estudo quanto à eletricidade.	1,64
01	Laboratório de Metrologia	65,50	Bancadas de trabalho e instrumentação, bancadas de estudo coletivas, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia, equipamentos de medição e estudo quanto à metrologia.	1,64
01	Laboratório de Usinagem	162,40	Bancadas de trabalho e instrumentação, bancadas de estudo coletivas, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook	8,10



			com projetor multimídia, equipamentos de medição e estudo quanto à usinagem.	
01	Sala de videoconferência EAD I	101,62	Com 80 carteiras, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia.	1,30
01	Laboratório de Conforto *	65	Bancadas de trabalho e instrumentação, bancadas de estudo coletivas (total 20 lugares), condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia, equipamentos de medição e estudo térmico, lumínico e acústico.	1,62
*Laboratórios a serem implantados com o curso				

Continuação Quadro 28 - Quantificação e descrição dos ambientes de formação

Qtde.	Espaço Físico	Área M ²	Infraestrutura de móveis e equipamentos	M ² por aluno
01	Maquetaria*	65	Bancadas de trabalho coletivas (total 40 lugares), condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia, equipamentos para confecção de modelos tridimensionais físicos.	1,62
02	Ateliê*	65	Bancadas de trabalho coletivas (total 40 lugares), condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia.	1,62
*Laboratórios a serem implantados com o curso				

4. DOS REQUISITOS LEGAIS

4.1 Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso

As Diretrizes Curriculares Nacionais apresentadas pelo MEC na Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010, dispõem que o conteúdo mínimo do Curso de Arquitetura e Urbanismo divide-se em três partes interdependentes:

- a) Matérias de Fundamentação, constituindo-se em conhecimentos fundamentais e integrativos de áreas correlatas;
- b) Matérias Profissionais, constituindo-se em conhecimentos que caracterizam as atribuições e responsabilidades profissionais;
- c) Trabalho de Curso.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais temos:

O Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação será composto por saberes que forneçam o embasamento teórico necessário para que o futuro profissional possa desenvolver seu aprendizado e será integrado por: Estética e História das Artes; Estudos Sociais e Econômicos; Estudos Ambientais; Desenho e Meios de Representação e Expressão.

O Núcleo de Conhecimentos Profissionais será composto por saberes destinados à caracterização da identidade profissional do egresso e visa a contribuir para o aperfeiçoamento da qualificação profissional do formando, sendo constituído por: Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo; Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo; Planejamento Urbano e Regional; Tecnologia da Construção; Sistemas Estruturais; Conforto Ambiental; Técnicas Retrospectivas; Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; e Topografia.

Para atender aos saberes desses dois Núcleos de Conhecimentos, o conteúdo curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo organiza-se pela sequência de disciplinas projetuais, pela sequência de disciplinas de teoria e história e pelo elenco de disciplinas complementares que são responsáveis pelo restante da integralização da carga horária do Curso.

Desse modo, além de atender às características do perfil do egresso e das competências e habilidades já expostos anteriormente, reafirma-se a ênfase no caráter prático e profissionalizante da formação dos nossos alunos, mas sem, contudo, abdicar da necessária formação teórica e conceitual, que está subjacente a toda atividade que exige, no seu fazer, criticidade, criatividade e domínio técnico.

4.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, no título que trata das políticas de ensino para o ensino técnico de nível médio e de graduação faz menção às Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, conforme o disposto no Parecer CNE/CP nº 8/2012, que originou a Resolução CP/CNE n.1 de 30/05/2012 e também às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana e indígena, conforme o disposto na Lei nº 11.645 de 10/03/2008, na Resolução CNE/CP nº 01, de 17 de junho de 2004 e na Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.

4.3 Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos

Em 1948, a Organização das Nações Unidas editou e apresentou ao mundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos a fim de garantir que todos os seres humanos pudessem “invocar os direitos e as liberdades proclamados [...], sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação”.

A partir de então, foi desencadeado um processo de mudança no comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais em todo o planeta. Diversos outros instrumentos, cartas, tratados, pactos foram criados a fim de dar garantia e de ampliar as já existentes nos diversos países em redor do mundo.

No Brasil, os direitos humanos estão garantidos na Constituição Federal (1988), em seu artigo 5º, parágrafos 2º e 3º, nos quais está consignado que:

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte. § 3º Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.

Além de recepcionar a legislação e os tratados internacionais sobre direitos humanos, no *caput* do artigo 5º da Constituição Federal (1988) está escrito que “Todos são iguais

perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”.

Visando minorar os diversos atentados contra os direitos individuais e coletivos e alavancar políticas que avancem rumo a um futuro de igualdade e de respeito a dignidade da pessoa humana, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República; o Ministério da Educação; o Ministério da Justiça e a UNESCO, por meio do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos, instituíram o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) com os objetivos gerais de:

a) destacar o papel estratégico da educação em direitos humanos para o fortalecimento do Estado Democrático de Direito; b) enfatizar o papel dos direitos humanos na construção de uma sociedade justa, equitativa e democrática; c) encorajar o desenvolvimento de ações de educação em direitos humanos pelo poder público e a sociedade civil por meio de ações conjuntas; d) contribuir para a efetivação dos compromissos internacionais e nacionais com a educação em direitos humanos; e) estimular a cooperação nacional e internacional na implementação de ações de educação em direitos humanos; f) propor a transversalidade da educação em direitos humanos nas políticas públicas, estimulando o desenvolvimento institucional e interinstitucional das ações previstas no PNEDH nos mais diversos setores (educação, saúde, comunicação, cultura, segurança e justiça, esporte e lazer, dentre outros); g) avançar nas ações e propostas do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) no que se refere às questões da educação em direitos humanos; h) orientar políticas educacionais direcionadas para a constituição de uma cultura de direitos humanos; i) estabelecer objetivos, diretrizes e linhas de ações para a elaboração de programas e projetos na área da educação em direitos humanos; j) estimular a reflexão, o estudo e a pesquisa voltados para a educação em direitos humanos; k) incentivar a criação e o fortalecimento de instituições e organizações nacionais, estaduais e municipais na perspectiva da educação em direitos humanos; l) balizar a elaboração, implementação, monitoramento, avaliação e atualização dos Planos de Educação em Direitos Humanos dos estados e municípios; m) incentivar formas de acesso às ações de educação em direitos humanos a pessoas com deficiência.

Embora não haja uma política esboçada num plano ou programa específico para tratar dos direitos humanos, é certo que o tema vem se tornando, a cada dia, mais e mais frequente nas discussões dos comitês, conselhos e comissões constituídas para pensar o futuro do IFRO. Os direitos humanos já figuram como disciplinas obrigatórias, como optativas e também como conteúdos de disciplinas que tratam de questões humanas e sociais nos cursos da educação básica, técnica, tecnológica e superior do Instituto Federal de Educação de Rondônia, o qual pretende, nos anos vindouros, ampliar as discussões em nível de poder

contribuir, sobremaneira, com a formação humanista da sociedade na qual está inserido e atua como agente de transformação social.

4.4 Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista

Com fundamento no disposto na Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, o IFRO, por intermédio do seu Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), a fim de prestar a devida e necessária proteção aos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista.

4.5 Titulação do corpo docente

Com fundamento no art. 66, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996, “a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, embora seja uma instituição muito jovem com pouco mais de cinco anos, tem levado muito a sério a formação continuada no sentido de preparar seus docentes para o exercício da docência superior.

Nesse sentido, está sendo investido maciçamente em parcerias institucionais (Minter, Dinter e/ou convênios), além dos incentivos para afastamentos para cursar programas de Pós-graduação *Stricto sensu* a todos os servidores da instituição, com o intuito de elevar a titulação do nosso quadro docente, bem como elevar nossos índices de produção científica e tecnológica.

4.6 Núcleo Docente Estruturante (NDE)

Conforme resolução CONAES nº 01, de 17 de junho de 2010, o Núcleo Docente Estruturante de um curso de graduação constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso.

O NDE deve ser constituído por membros do corpo docente do curso, que exerçam liderança acadêmica no âmbito do mesmo, percebida na produção de conhecimentos na área,

no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, e que atuem sobre o desenvolvimento do curso.

O Núcleo Docente Estruturante deve ser integrado por professores responsáveis pela (re)formulação das propostas pedagógicas e que estejam efetivamente encarregados da implementação e desenvolvimento do curso no que concerne às atividades de docência, orientação de pesquisa, estágio e extensão, atualização do Projeto Pedagógico, entre outras.

Em sua composição, o Núcleo Docente Estruturante conta com o mínimo de (05) docentes, tendo o coordenador do Curso seu presidente com voto de qualidade nas decisões.

São atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

I - Contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;

II - Zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

III - Indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

IV - Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

4.7 Carga horária mínima, em horas

A carga horária mínima para os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo é estabelecida pela Resolução CNE/CES nº 2/2007, que prevê um mínimo de 3.600 horas.

A proposta do IFRO *Campus* Vilhena, esta consoante a esta legislação, e prevê que o curso terá uma carga horária total de 4432,6 horas, sendo 3582,6 horas de componentes curriculares, 300 horas de estágio supervisionado, 150 horas de atividades complementares e 400 horas de atividades de extensão.

4.8 Tempo de integralização

Segundo a Resolução CNE/CES nº 2/2007, o curso de Arquitetura e Urbanismo, terá o prazo de 5 anos, como limite mínimo para integralização dos estudos. A proposta do IFRO

também respeita a legislação, dividindo os componentes curriculares em 10 semestres letivos, prevendo também um tempo máximo de integralização de 09 anos.

4.9 Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida

O IFRO norteia-se pelo que preconiza a Lei Federal Nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000 para definir suas políticas de atendimento às condições de acessibilidade. Com fulcro na lei, são estabelecidas normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a eliminação de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação.

Ademais, as políticas e ações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, em todos os *campi*, para a acessibilidade de pessoas com necessidades especiais são implementadas conforme o disposto na NBR 9050/2004 da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Os atendimentos obedecerão ao disposto no Regulamento dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas do IFRO.

4.9.1. Acessibilidade para Pessoas com Deficiência Física

O *Campus* Vilhena está se adaptando para proporcionar condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas com necessidades específicas ou com mobilidade reduzida, inclusive adaptação de sala de aula, biblioteca, auditórios, ginásios e instalações desportivas e laboratórios, áreas de lazer, estacionamentos e sanitários.

Em atendimento à Lei Federal n.º 10.098/2000 e ao Decreto 5.296/2004, o *Campus* Vilhena terá:

- a) Estacionamento e/ou acesso adequado e reservado, próximo às edificações, para portadores de necessidades especiais;
- b) Em toda edificação, com mais de um pavimento, existirá acesso facilitado por rampa, calçada rebaixada e/ou elevador;

- c) Sanitários em todos os pavimentos, para pessoas com deficiência, com equipamentos e acessórios;
- d) Largos corredores, facilitando a locomoção e acesso aos vários ambientes;
- e) Locais de reunião com espaços reservados, facilitando a acessibilidade.

Deverá ser cumprido o estabelecido na NBR 9050 (ABNT, 2004) e legislações aplicáveis.

4.9.2. Da Acessibilidade para Alunos com Deficiência Visual

O *Campus* Vilhena está se adaptando para adquirir equipamentos que favoreçam a acessibilidade para alunos com deficiência visual, a fim de facilitar o ensino e aprendizagem a todos os alunos.

4.9.3. Da Acessibilidade para Alunos com Deficiência Auditiva

Historicamente, as pessoas com necessidades educacionais específicas têm sido alvo de discriminação e preconceito em todos os aspectos da vida comunitária. Nos últimos trinta anos, porém, tem-se observado uma mudança substancial em uma longa trajetória, que tem episódios que vão desde o aniquilamento e isolamento em instituições específicas — muitas vezes tidas como “depósitos” — até a conquista de direitos assegurados em documentos oficiais em âmbito nacional e internacional. Segundo o IBGE, Censo 2000, no Brasil existem 24,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência ou incapacidade, o que representa 14,5% da população brasileira.

Um marco significativo que demonstra o avanço das conquistas dos movimentos de surdos, por exemplo, está mencionado no Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, dispondo sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei Federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que trata da acessibilidade de pessoas com necessidades específicas.

É possível a construção de novos sentidos para o trabalho de educação no campo da diferença, a partir do momento em que a educação possa ser compreendida como um processo amplo, de gestão participativa e comprometida com as múltiplas necessidades e possibilidades inerentes ao campo da inclusão. O *Campus* Vilhena está se adaptando para adquirir

equipamentos que favoreçam a acessibilidade para alunos com deficiência auditiva. Nesse sentido também, o campus já dispõe de um interprete de libras para auxílio nas aulas e no atendimento a comunidade externa. Entretanto, cabe ressaltar, que conforme a demanda de alunos com esta necessidade, novos interpretes serão necessários.

4.9.4. Oferecimento da disciplina de libras

A disciplina de Libras será oferecida dentre as disciplinas optativas do curso.

4.10 Informações acadêmicas

As informações acadêmicas são parte da relação de uma instituição de ensino com a comunidade a que ela atende. Em conformidade com a Portaria Normativa Nº 40 de 12/12/2007, no seu artigo 32, a IES precisa lançar mão de todos os instrumentos de comunicação que dispõe para manter a comunidade acadêmica informada de todas as suas ações, especialmente, aquelas que sejam de todo interesse de professores e alunos.

No IFRO, as informações acadêmicas são propagadas por intermédio de meios eletrônicos e virtuais, sem, no entanto, desprezar aqueles convencionais, a exemplo dos murais internos e dos comunicados impressos entregues aos discentes.

O IFRO construiu e mantém o SIGA-Edu como seu principal portal de informação acadêmica. Nele são registrados os conteúdos ministrados, a frequência e as notas atribuídas aos alunos. O docente tem acesso ao sistema para registro por meio do Portal do Professor, o aluno, por sua vez, tem acesso à essas informações pelo Portal do aluno, recentemente implantado.

Além do SIGA-Edu, o IFRO mantém atualizadas as informações acadêmicas em seu site www.ifro.edu.br a fim de atender ao que preconiza a Lei nº 13.168, de 6 de outubro de 2015.

4.11 Políticas de educação ambiental

A política de Educação Ambiental no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia visa construir valores sociais, atitudinais e competências para a utilização sustentável do meio ambiente.

Além do oferecimento de disciplinas que tratam do tema e de conteúdo, oferecidos de modo transversal, nas demais disciplinas de formação geral, será estimulada a implantação de projetos e de programas relacionados ao tema a fim de consolidar uma política ambiental que seja capaz de resgatar os mais puros valores relacionados à preservação e ao uso responsável da terra, das matas, do ar, das águas e de tudo o que se deriva deles.

De igual modo, serão estabelecidas parcerias com órgãos ambientais de natureza pública e privada para o desenvolvimento de políticas de preservação e conservação de rios, florestas e de outros ambientes naturais na região de abrangência do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO).

Como norte para a sua política de educação ambiental interna, o IFRO servirá de tudo o quanto está preconizado no Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) e evoca em especial as cinco diretrizes:

- a) Transversalidade e Interdisciplinaridade;
- b) Descentralização Espacial e Institucional;
- c) Sustentabilidade Socioambiental;
- d) Democracia e Participação Social;
- e) Aperfeiçoamento e Fortalecimento dos Sistemas de Ensino, Meio Ambiente e outros que tenham interface com a educação ambiental.

5. DAS INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 Da Infraestrutura do *Campus*

O *Campus* Vilhena está em processo de expansão de sua infraestrutura, com garantia dos ambientes e recursos para a realização do curso. Os setores de atendimento possuem equipamentos e mobiliários adequados, além de pessoal de apoio para a manutenção e organização dos espaços e instrumentos de trabalho.

Para atender, de forma adequada, as necessidades acadêmicas, foram projetadas suas instalações prediais dentro dos padrões exigidos pelos órgãos de controle.

As instalações prediais construídas, de excelente qualidade, são em alvenaria e estrutura de concreto armado, com fechamento em vidro e tijolo cerâmico, piso cerâmico antiderrapante e/ou piso tipo granilite, revestimento externo com reboco, massa acrílica e no interno com reboco, massa corrida, pintura látex/acrílica, textura e azulejos (laboratórios e conjuntos sanitários) com portas internas de madeira e janelas com vidro temperado.

A instalação elétrica está de acordo com as normas da concessionária local. Na parte interna, todo o sistema é embutido com quadros de distribuição de acordo com as cargas, interruptores, tomadas e luminárias fluorescentes distribuídos em conformidade com as necessidades e código de obra.

Todos os ambientes são climatizados por ar condicionados tipo Split, dimensionados de acordo com a área e normas técnicas.

A instalação hidrossanitária atende as normas da concessionária local, inclusive às exigências de segurança.

O prédio utiliza cobertura segundo as normas técnicas e de acordo com o indicado nos instrumentos editados pelos órgãos de controle.

Havendo feita sucinta demonstração da macroestrutura física do IFRO, daqui por diante, este projeto deverá descrever, minuciosamente, as estruturas específicas para o funcionamento do curso em tela.

Para melhor detalhar a estrutura física e acadêmica do *Campus*, a seguir, será apresentado um quadro contendo as repartições e dependências a serem utilizadas por professores e alunos no exercício das atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e na realização de outras atividades que sejam complementares ao processo de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Quadro 29: Estrutura física do *Campus* Vilhena

Dependências	Quantidade	Total em M ²
Sala de aula	12	64,94
Auditório	01	132,8
Laboratório de hardware	01	50,51
Laboratório de Informática (21 computadores)	02	49,65
Laboratório de Informática (41 computadores)	01	99,30
Laboratório de CAD (21 computadores)	01	49,84



Sala de videoconferência EAD I	01	101,62
Laboratório de Artes	01	63,61
Laboratório de Desenho Técnico	01	64,92
Laboratório de Matemática	01	65,81
Laboratório de Física	01	65,00
Laboratório Química I	01	65,01
Laboratório Química II	01	66,40
Laboratório de Materiais de Construção	01	65,92
Laboratório de Metrologia	01	65,50
Laboratório de Solos / Topografia	01	65,53
Laboratório de Eletricidade e Eletrônica	01	65,10
Laboratório de Usinagem	01	162,40
Total		2.128,04

5.1.1 Da Infraestrutura de Segurança

A instalação do *Campus* foi projetada para atender as normas do Código de Segurança e Proteção contra Incêndio – CBM/RO, por meio da instalação dos seguintes sistemas:

- Extintores CO² nos corredores e laboratórios;
- Parapeito no mezanino/saguão;
- Saída de emergência;
- Luminárias de emergência;
- Corrimão na escada e rampa;
- Sinalizações;
- Parte elétrica: Subestação e quadros de distribuição compatíveis com as cargas.

5.1.2 Da Área de Convivência

O *Campus* Vilhena possui uma área de convivência que junto com os saguões e mezaninos servem para o lazer, descanso e também para as relações interpessoais de alunos e professores.

Nesses espaços de convivência amplos, arejados e confortáveis são contemplados os serviços de alimentação, lazer, reprografia e outros.

5.1.3 Da Biblioteca

O *Campus* oferecerá biblioteca aos alunos, em ambiente climatizado, dinâmico e organizado, contendo referências bibliográficas imprescindíveis a sua formação. Entende-se que o conhecimento construído ao longo dos tempos, especialmente sistematizados em livros e outras formas de divulgação, deve ser objeto de estudo e ficar disponibilizado aos alunos, para a fundamentação teórica de suas atividades estudantis e profissionais. Por isso, salienta-se a importância a ser dada à Biblioteca, que contará ainda com acervo virtual de consulta e sistemas de acesso a este acervo.

As ementas, no apêndice trazem uma lista de bibliografia básica que estará presente na biblioteca do *Campus*. Haverá ainda vários outros materiais, citados ou não, voltados para a área, nas mais diversas mídias, como CDs, DVDs, arquivos virtuais e outros. Os referenciais mais importantes encontram-se descritos nos planos de disciplina em apêndice do PPC, aos quais serão somados outros.

A biblioteca opera com um sistema informatizado, possibilitando fácil acesso ao acervo. O sistema informatizado propicia a reserva de exemplares cuja política de empréstimos prevê um prazo máximo de 14 (catorze) dias para o aluno e 21 (vinte e um) dias para os professores, além de manter pelo menos 1 (um) volume para consultas na própria Instituição. O acervo está dividido por áreas de conhecimento, facilitando, assim, a procura por títulos específicos, com exemplares de livros e periódicos contemplando todas as áreas de abrangência do curso.

5.1.3.1. Do Espaço Físico da Biblioteca

O espaço da biblioteca é dedicado a estudos de alunos, professores e demais pessoas da comunidade, seja em grupo ou individualmente. São previstas consultas a bases de dados digitais e outros serviços, como solicitação de artigos. Existem também 14 computadores a disposição para consulta a internet e realização de trabalhos acadêmicos.

5.1.3.2. Dos Serviços Oferecidos na Biblioteca

Na biblioteca é oferecido apoio bibliográfico ao desenvolvimento das atividades estudantis, como empréstimo de livros, manuais e revistas. Até a implementação do curso, o

serviço oferecido contará também com catalogação on-line, sistemas de informação de usuários e navegação on-line destinada ao acesso a periódicos, revistas e portais educacionais. Os serviços e condições de atendimento estão descritos no Regulamento das Bibliotecas do IFRO.

5.1.3.3. Do Horário de Funcionamento da Biblioteca

A biblioteca atende ao público de segunda a sexta-feira, do período matutino ao noturno, de forma ininterrupta. O espaço é aberto à comunidade em geral, mas os empréstimos são permitidos somente aos alunos e servidores do *Campus*.

5.1.4 Dos Espaços para Eventos

O *Campus* conta com instalações físicas que atendem às necessidades para realização de pequenos, médios e grandes eventos, tais como: auditório, sala de conferências, quadra poliesportiva e outros espaços.

5.1.5 Das Instalações Sanitárias

As instalações sanitárias do *Campus* foram construídas de acordo com as normas hidro sanitárias da concessionária local, composta de seis conjuntos sanitários masculinos e seis femininos e seis conjuntos sanitários para atendimento às pessoas com necessidades especiais.

Os conjuntos sanitários masculinos, com área de 17,25 m², possuem três divisórias com bacias sanitárias, e três mictórios e uma bancada de cinco cubas/lavatório.

Os conjuntos sanitários femininos, com área de 17,25 m², possuem cinco divisórias com bacias sanitárias, e uma bancada de cinco cubas/lavatório.

Os conjuntos sanitários para atendimento às pessoas com necessidades especiais, com área de 3,44 m², possuem uma bacia sanitária com barras nas laterais e uma cuba/lavatório na altura própria para o cadeirante.

Todos os conjuntos têm piso cerâmico antiderrapante, revestimento total das paredes em azulejos, janelas com vidros temperados, portas em madeira. As divisórias e as bancadas são de pedra tipo granito.

5.2 Da Organização do Controle Acadêmico

A organização do controle acadêmico segue as normas regimentais estabelecidas nos documentos gerais do IFRO e também nos documentos internos de cada *Campus*. O órgão central de desempenho das atividades acadêmico-administrativas é a Coordenação de Registros Acadêmicos, denominada tão somente de CRA. O controle da organização acadêmica dá-se por meio de sistema eletrônico denominado de SIGA-Edu.

O registro e o controle acadêmico de matrícula, trancamento, transferência e aproveitamento de estudos são de responsabilidade da Coordenação de Registros Acadêmicos. As questões acadêmicas, expedição de atestados, históricos escolares, registro de diplomas, entre outras atividades também estão a cargo da Coordenação de Registros Acadêmicos (CRA). A verificação e o registro de frequência, notas, aprovação/reprovação são de responsabilidade do professor e o seu controle de responsabilidade da CRA.

A CRA é o órgão de apoio ao qual compete centralizar todo o movimento acadêmico e administrativo de cada *Campus* e é dirigida por um(a) coordenador(a), sob a orientação da Diretoria de Ensino.

O(A) coordenador(a) tem sob sua guarda e responsabilidade todos os livros e sistemas de escrituração escolar, arquivos, prontuários dos alunos e demais assentamentos em livros e sistemas de registros fixados pelo Regimento Geral, pelo Regulamento da Organização Acadêmica e pela legislação vigente.

À CRA compete:

- I - inscrever os candidatos à seleção e admissão;
- II - proceder à matrícula dos alunos;
- III - expedir documentação escolar geral;
- IV - expedir diplomas e certificados;
- V - organizar e manter atualizados arquivos e fichários;
- VI - manter o controle dos registros acadêmicos;
- VII - divulgar as diversas atividades do setor escolar;
- VIII - executar outros trabalhos que lhes sejam atribuídos pelo diretor de ensino;

Ao(à) coordenador(a) compete:

I - dirigir a CRA, observadas as normas regimentais, e as que lhe forem conferidas pelos órgãos e instâncias superiores;

II – Desenvolver todas as atividades que lhe for designada no Regimento Geral, nos Regulamentos da Organização Acadêmica e nos demais documentos e legislação vigente.

5.3 Dos Setores de Apoio Pedagógico e Técnico-Administrativo

A seguir, indicamos os principais setores em que atua a equipe de apoio pedagógico e técnico-administrativo e os principais serviços oferecidos pela IES no desenvolvimento do ensino, da aprendizagem, da extensão e da pesquisa.

5.3.1 Da Diretoria de Ensino

Articula-se com a Direção Geral e com os demais setores de manutenção e apoio ao ensino para o desenvolvimento das políticas institucionais de educação. Delibera a respeito de programas, projetos e atividades de rotina, conforme competências descritas no Regimento Interno do *Campus* e as instruções da Direção Geral; organiza, executa e distribui tarefas referentes ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão.

5.3.1.1. Do Departamento de Apoio ao Ensino

Desenvolve atividade de suporte à Diretoria de Ensino; presta apoio ou exerce atividade de orientação a professores e alunos, no que tange a elaboração, tramitação, organização, recebimento e expedição de documentos referentes ao ensino profissionalizante médio; controla materiais e recursos didáticos disponibilizados aos docentes e acadêmicos deste nível de ensino; com auxílio de uma equipe de pedagogos e técnico em assuntos educacionais, atua junto ao ensino técnico nas modalidades ofertadas, para prestar apoio pedagógico aos alunos e professores.

5.3.1.2. Da Coordenação de Assistência ao Educando

Desenvolve atividade de suporte à Diretoria de Ensino e Departamento de Apoio ao Ensino; presta informações a todos de direito no que se refere às notas obtidas nas etapas; oferece orientação a alunos quanto a aproveitamento, frequência, relações de interação e outros princípios voltados para o bom desenvolvimento dos estudos. Tem ainda como serviços específicos:

5.3.1.2.1. Serviço Social

Presta assistência ao aluno em relação aos aspectos socioeconômicos, que envolvem: construção do perfil socioeconômico dos que ingressam no IFRO; levantamento de necessidades; elaboração de planos de apoio financeiro que envolvam, por exemplo, bolsa-trabalho e bolsa-monitoria; realização de outras atividades de atendimento favorável à permanência do aluno no curso e ao seu bem-estar;

5.3.1.2.2 Serviço de psicologia

Atende aos alunos em relação aos aspectos psicológicos, por meio de orientações, estudos de caso, diagnósticos e atendimentos de rotina.

5.3.1.3 Da Coordenação de Registros Acadêmicos

É um setor de registro, acompanhamento, informação e controle de notas, frequência e outros dados relativos à vida escolar do aluno, incluindo-se trâmites para expedição de diplomas.

5.3.1.4 Da Coordenação de Biblioteca

Registra, organiza, cataloga, informa, distribui e recolhe livros e outras obras de leitura; interage com professores, alunos e demais agentes internos ou externos para o aproveitamento das obras da biblioteca no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem e/ou da formação geral.

5.3.2 Departamento de Extensão

Orienta os agentes das comunidades interna e externa para o desenvolvimento de projetos de extensão, considerando a relevância dos projetos e a viabilidade financeira, pedagógica e instrumental do *Campus*; participa de atividades de divulgação e aplicação dos projetos, sempre que oportuno e necessário; oferece orientação vocacional aos alunos. Por meio da Coordenação de Integração entre Escola, Empresa e Comunidade, cumprirá as atividades de rotina relativas a estágio (levantamento de vagas de estágio, credenciamento de empresas, encaminhamento ao mercado de trabalho, estabelecimento de relação quantitativa e qualitativa adequada entre alunos e docentes orientadores, e outros), desenvolverá planos de intervenção para conquista do primeiro emprego, acompanhará egressos por meio de projetos de integração permanente, construirá banco de dados de formandos e egressos, fará as diligências para visitas técnicas, dentre outras funções. Em geral, o Departamento de Extensão apoia a administração, a Diretoria de Ensino e todos os membros das comunidades (interna e externa) no desenvolvimento de projetos que favoreçam ao fomento do ensino e da aprendizagem. Usa como estratégia a projeção, a instrução, a logística, a intermediação e o marketing.

5.3.3 Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação

Atende às necessidades da instituição também de forma articulatória, relacionando a pesquisa e a inovação com as atividades de ensino; responde pela necessidade de informação, organização e direcionamento das atividades afins, atentando-se para as novas descobertas e o desenvolvimento de projetos de formação e aperfeiçoamento de pessoas e processos. Por meio da Coordenação de Pesquisa e Inovação, trabalhará com programas de fomento, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica — PIBIC — e outros, e projetos específicos de desenvolvimento da pesquisa, desenvolvidos no âmbito interno ou não, envolvendo apenas os alunos e professores como também a comunidade externa.

5.3.4 Da Coordenação da Gestão da Tecnologia da Informação

É um setor que trabalha pela automação e desenvolvimento de sistemas nos mais diversos níveis e segmentos, envolvendo: Gestão da Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) dos Institutos Federais; Observatório Nacional do Mundo do Trabalho; EPT Virtual; Portal Nacional de EPT; EPT Internacional; Acessibilidade Virtual; Controle Acadêmico (responsável pelo controle da documentação do aluno na instituição), dentre outros programas, sistemas e processos.

5.3.5. Do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

Os alunos que se encontrarem com alguma desigualdade social que implique em uma dificuldade extraordinária para a sua permanência no curso poderão contar com o serviço de apoio do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais — NAPNE. Dentre as principais atividades previstas, podem ser citadas a oferta de instrumentos especiais para pessoas com deficiência física (órteses, próteses, equipamentos para a superação de baixa visão ou baixa audição), o desenvolvimento de ações para a superação de barreiras arquitetônicas, atitudinais e pedagógicas, a criação e aplicação de estratégias para a garantia da educação inclusiva e a articulação com órgãos públicos, empresas privadas, grupos comunitários, organizações não governamentais e outros grupos ou pessoas que possam atuar em favor da inclusão. Informações mais completas podem ser conferidas no projeto de implantação do Núcleo.

5.4. Das Políticas Especiais do IFRO

5.4.1 Das Políticas de Educação Inclusiva

A sociedade é formada por indivíduos diferentes, e aqueles que estão fora do padrão da maioria, geralmente, são marginalizados, estereotipados e/ou relegados ao que, modernamente, são chamados de grupos de minorias. Segundo Santos e Paulino (2008, p. 70):

Historicamente, a dialética exclusiva/inclusiva vem galgando caminhos tortuosos e modificando-se de acordo com a sua época. Desta maneira, pode-se constatar a formação de diversos grupos de excluídos que se modificam a cada dia e compõem uma série de movimentos em favor dos direitos sociais e de participação, buscando

minimizar as exclusões que podem ser percebidos nitidamente em muitas situações, de forma velada em outras e muitas vezes até mesmo mascaradas.

Procurando se adequar à modernidade inclusiva e a esse novo mundo de diversidades que se organizam em grupos de minorias excluídas; o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), com o propósito de tratar os iguais com igualdade e os desiguais com desigualdade, na medida de suas desigualdades, a fim de igualar os desiguais aos iguais, vem desenvolvendo políticas denominadas de inclusivas para atender as camadas sociais excluídas dos sistemas educacionais a fim de nivelá-las aos demais membros da sociedade. Assim sendo, como está preconizado no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (2014):

Todas as obras recentes realizadas pelo Instituto Federal de Rondônia já contemplam em seus projetos as recomendações da legislação vigente no que refere às questões de acessibilidade. Edificações pré-existentes incorporadas ao IFRO ao longo do tempo e que, porventura, não possuíam acessibilidade, foram adequadas. Nesse sentido, outra questão a se destacar, é a Resolução nº30/2011, que disciplina a organização, o funcionamento e as atribuições dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNEs, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO. Entre suas principais características, destacam-se os procedimentos para sua efetiva implantação, que tem como objetivo principal, criar a cultura da educação para a convivência, a aceitação da diversidade, a eliminação das barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais, incluindo socialmente a todos por meio da educação. Informamos também que duas metas apresentadas no presente documento contribuem para a regulamentação da acessibilidade e para o atendimento prioritário em âmbito institucional. A Pró-Reitoria de Planejamento e Administração – PROPLAD – tem como meta para o ano de 2015, a elaboração do Plano de Desenvolvimento Físico do IFRO (PDF), que passará a oferecer documentalmente, de maneira mais detalhada, as especificidades técnicas de construção para atendimento ao disposto, atendendo as necessidades de cada *Campus*, em consonância com os objetivos institucionais e a legislação vigente. Em complemento a essa ação, a reitoria tem como meta a elaboração do Plano de Acessibilidade e Atendimento Prioritário do IFRO, que, como o nome sugere, passará a servir como referência documental da instituição para essa finalidade, contemplando os estudos já realizados pelo NAPNE, bem como do PDF, a ser desenvolvido pela PROPLAD.

O ensino e a aprendizagem têm interessado, sobremaneira, pesquisadores, professores, gestores e também às famílias, especialmente, no que concerne à educação especial inclusiva. No âmbito do Instituto Federal de Educação de Rondônia, isso não é diferente. Apesar de sua jovialidade, o IFRO tem demonstrado que pode fazer a diferença oferecendo à sociedade uma educação isonômica para todos. Todos os seus *Campus* têm procurado incluir os mais diversos sujeitos socialmente constituídos para que façam parte do sistema nacional de educação básica, técnica, tecnológica e superior, provendo assim “o bem de todos, sem

preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (CF, art 3º, inc. IV), pautando sempre pelo zelo aos princípios constitucionais de respeito à dignidade da pessoa humana, da liberdade de ir e vir e da igualdade entre todos. (Constituição Federal, 1988).

5.5 Acesso a Equipamentos de Informática pelos Docentes

Todos os docentes do *Campus* têm acesso a equipamentos de informática que estão distribuídos nos laboratórios, na biblioteca, nos gabinetes e em salas de estudos e de atendimento a alunos.

A Instituição disponibiliza, em seus três turnos de funcionamento, os laboratórios de informática, composto com máquinas e equipamentos de ultima geração.

Além do laboratório, os docentes contam ainda com equipamentos de informática instalados nas coordenadorias dos cursos, departamentos de pesquisa e extensão e serviço de apoio psicopedagógico.

O acesso à internet no âmbito do *Campus* é realizado por meio de um canal de alta velocidade, com 14MBps/s - Full.

Os microcomputadores disponibilizados aos docentes permitem, também, acesso, por intermédio do Sistema, às informações sobre as suas turmas, impressão do diário de classe, cadastro de notas, faltas, conteúdo e relatórios, podendo assim, acompanhar o rendimento acadêmico de cada aluno em tempo real e de qualquer lugar.

5.6 Recursos Audiovisuais Disponíveis para o Exercício da Docência

Os recursos audiovisuais são disponibilizados em números equivalentes às necessidades e demanda das aulas e atividades acadêmicas.

Quadro 30: Recursos audiovisuais

Equipamentos	Especificação
Computadores	100
Projetor de multimídia	05
Televisores	07
Caixa de som amplificada	02
Lousa Digital	16
Microfones	04
Aparelhos de Som Microsystems	03



REFERÊNCIAS UTILIZADAS PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO

1. ACIV. **História de Vilhena.** [2009?]. Disponível em: <<http://www.acivilhena.com.br/index.php?act=40000&mod=1&id=5135>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
2. AGUIAR. **Histórico do aeroporto de Vilhena.** 2016. Disponível em: <<http://visiterondonia.com/2016/03/27/historico-aeroporto-de-vilhena/>>. Acesso em: 11 jan. 2017.
3. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050/2004.** Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.
4. BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos** / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
5. BRASIL. **Constituição Federal.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.
6. BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 17 jun. 2016.
7. BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>. Acesso em: 17 jul. 2016.
8. BRASIL. **Lei Nº 10.172**, de 9 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação - PNE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 12 jan. 2017.
9. BRASIL. **Lei nº 12.378**, de 31 de dezembro de 2010. Regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo; cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAUs. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/L12378.htm>. Acesso em: 12 jan. 2017.
10. BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.
11. BRASIL. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. LDB - Diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.
12. BRASIL. **Lei no 10.861**, de 14 de abril de 2004. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017.
13. CAU/BR. **Resolução nº 21**, de 5 de abril de 2012. Atividades e atribuições profissionais do arquiteto e urbanista. Disponível em: <http://www.caubr.org.br/wp-content/uploads/anexos/resolucao/RES-21_CAUBR_16_2012.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.
14. CONAES. **Resolução Nº 01**, de 17 de junho de 2010. Núcleo Docente Estruturante. Disponível em: <http://www.pucsp.br/cpa/downloads/21_03_11_nucleo_docente_estruturante_resolucao_conaes_1_1_7_junho_2010.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
15. CONSUP/IFRO. **Resolução Nº 87**, de 30 de dezembro de 2016. Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.
16. CONSUP/IFRO. **Resolução Nº 89**, de 27 de dezembro de 2016. Dispõe sobre o Regulamento de Atividades Docentes RAD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.
17. CONSUP/IFRO. **Resolução nº 57**, de 12 de julho de 2016. Disponível em: <http://www.ifro.edu.br/consup/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=697&Itemid=11>. Acesso em: 10 jan. 2017.
18. EMEC. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados.** 2012. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

19. FERNANDES, S. S. **Processo nº 1055-T-82-museu Rondon**. 2015. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Banco_de_Pareceres_Tombamento_Estacoes_Telegraficas_Museu_Rondon_RO\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Banco_de_Pareceres_Tombamento_Estacoes_Telegraficas_Museu_Rondon_RO(1).pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2017.
20. IFRO. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRO 2014–2018**. Disponível em: <<http://pdi.ifro.edu.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.
21. INEP. **Educação Censo Básico**. Disponível em: <<http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/#/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.
22. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/home-cidades>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
23. LABAJOS, J. **Você conhece vilhena?**. 2015. Disponível em: <<http://www.folhadevilhena.com.br/voce-conhece-vilhena-resposta-a-cruzadinha-em-comemoracao-aos-38-anos-da-cidade-clima-da-amazonia/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
24. MEC. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12352&option=com_content>. Acesso em: 02 jun. 2016.
25. MEC. **Normatização do Núcleo Docente Estruturante**. Disponível em: Resolução N°01, de 17 de junho de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6885-resolucao1-2010-conae&category_slug=outubro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 jan. 2017.
26. MEC. **Perfis Da Área e Padrões De Qualidade Expansão** - Reconhecimento e Verificação Periódica dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ar_geral.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.
27. MEC. **PNE 2011-2020: Metas e Estratégias**. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.
28. MEC. **Portaria nº 4.059**, de 10 de dezembro de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
29. MEC. **Resolução nº 2**, de 17 de junho de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192>. Acesso em: 10 jan. 2017.
30. MEC. **Resolução nº 2**, de 18 de junho de 2007. Carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
31. PALITOT, A. **Rondon e Rondônia: 100 anos das linhas telegráficas**. 2015. Disponível em: <<http://www.news rondonia.com.br/noticias/rondon-e-rondonia-100-anos-das-linhas-telegraficas/52362>>. Acesso em: 10 de jul. 2016.
32. PNE – **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 16 jun. 2016.
33. PNUD. **Ranking IDHM Unidades da Federação 2010**. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-uf-2010.html>>. Acesso em: 12 jan. 2017.
34. PONTOS DE CULTURA. **Cone Sul**. Disponível em: <<https://pontosrondonia.wordpress.com/pontos-de-cultura-rondonia/cone-sul/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
35. RONDÔNIA. **Secretaria de Administração** - Sead. PIB Estadual em 2007. Disponível em <<http://www.rondonia.ro.gov.br/>>. Acesso em: 16 jul. 2016.
36. SANTOS, Mônica Pereira dos e PAULINO, Marcos Moreira (orgs.). **Inclusão em educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
37. SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO – SEPLAN. **Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de Rondônia - 2002-2012**. Porto Velho, 2014. Disponível em: <<http://www.seplan.ro.gov.br/Uploads/Arquivos/PDF/PIBRondonia/PRODUTO%20INTERNO%20BRUTO%202012-.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2017.
38. UIA. **Carta Unesco/UIA para a formação em arquitetura**. Tóquio, 2011. Disponível em: <http://www.abea.org.br/?page_id=304>. Acesso em: 12 jan. 2017.



39. UNESCO. **Onde estamos**. Disponível em: < <http://www.unescnet.br/vilhena/onde.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2017.